



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação – PPG**  
**Departamento de Educação – DEDC/Campus I**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade**

**VALCINEIDE SANTOS DE ALMEIDA**

**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA:  
ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS**

Salvador - BA  
2024

**VALCINEIDE SANTOS DE ALMEIDA**

**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA:  
ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS**

Tese apresentada ao Programa Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, vinculada ao Grupo de Pesquisa Formação, Autobiografia e Políticas Públicas (FORMAP), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Dantas

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Liane Nascimento dos Santos.

Salvador - BA  
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

A447f Almeida, Valcineide Santos de

Formação inicial de professores da rede pública: escritórias de  
mulheres negras / Valcineide Santos de. – Salvador, 2024.

149 f.

Orientadora: Tânia Regina Dantas.

Coorientadora: Carla Liane Nascimento dos Santos.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade –  
PPGEDUC, Campus I. 2024.

Contém referências e anexos.

1. Professoras negras – Formação – Salvador (BA). 2. Professoras negras –  
Condições sociais – Salvador (BA). 3. Negras – Identidade racial – Salvador  
(BA). 4. Negras – Educação – Salvador (BA). Negras – Mudança social –  
Salvador (BA). 5. Feminismo – Salvador (BA). I. Dantas, Tânia Regina. II.  
Santos, Carla Liane Nascimentos dos. III. Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Educação. Campus I. IV. Título.

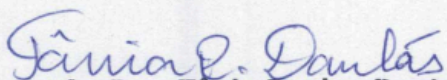
CDD: 371.1008960981

## FOLHA DE APROVAÇÃO

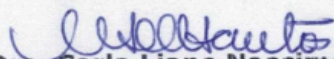
### PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA: ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS

#### VALCINEIDE SANTOS DE ALMEIDA

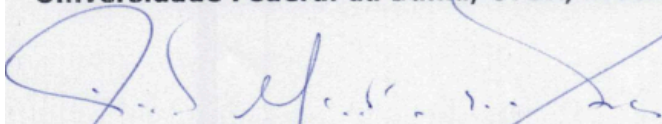
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporaneidade – PPGEduc, em 30 de agosto de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



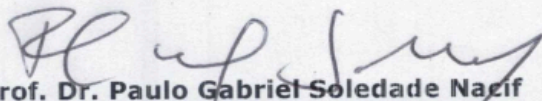
Profa. Dra. Tânia Regina Dantas  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Educação  
Universitat Autònoma de Barcelona, UAB, Espanha



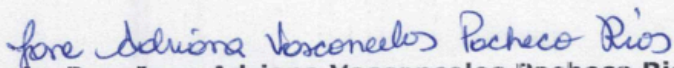
Profa. Dra. Carla Liane Nascimento dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Ciências Sociais  
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Adilson Meneses da Paz  
Instituto Federal da Bahia - IFBA  
Doutorado em Difusão do Conhecimento  
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Paulo Gabriel Soledade Nazif  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB  
Doutorado em Agronomia  
Universidade Federal de Viçosa, UFV, Brasil



Profa. Dra. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Doutorado em Educação  
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

À Valdelice, minha mãe preta, E a todas as  
mulheres negras que vieram antes de mim.  
Elas lutaram e resistiram para que eu chegasse até aqui.

## **Agradecimentos**

A construção dessa Tese não acontece de maneira solitária, ela nasce de um sentimento que é singular, na medida em que a minha história se entrecruza com tantas outras, as quais me ajudam a construir o meu projeto de vida, profissão/formação.

Gosto deste momento da escrita dedicado aos agradecimentos, por isso o faço com muita alegria. É uma oportunidade para demonstrar o sentimento de gratidão a todas as pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui, e sobretudo, porque fazem parte da minha história e que, de alguma maneira, influenciaram e continuam influenciando minhas atitudes, sentimentos e esperança por um mundo melhor. Compartilho com cada uma destas pessoas que aparecerão nesta escrita e com tantas outras que passaram pela minha vida, tudo de melhor que esta pesquisa pode representar.

Aos meus pais, Valdelice e José, que sabiamente me ensinaram valores necessários à condição humana, tais como respeito, solidariedade e amor às pessoas e ao mundo. Painho e mainha são as minhas principais referências de humanidade.

Aos meus irmãos, Vanice, Joseval, Joilson e Jamile, por compartilharem e reforçarem todos os valores que a nossa mãe e o nosso pai nos ensinaram.

Ao meu filho, Luis Arthur, pela compreensão e até mesmo pela incompreensão em ter que dividir a minha atenção com as aulas remotas, livros, computador. Ele, que muitas vezes me disse que tinha consciência quando eu dizia que não poderia brincar com ele porque estava na escrita da tese.

Ao meu esposo Luiz, pelos incentivos e pelas muitas vezes que compartilhou comigo os choros e a esperança de que logo eu estaria finalizando o doutorado. Ele, que precisou muitas vezes dar conta das tarefas domésticas, do nosso filho e de tantas outras demandas para que eu pudesse estudar.

À Professora Dra. Tânia Regina Dantas, minha orientadora, pelas orientações necessárias à construção de uma tese com qualidade e rigor e, principalmente, por mais uma vez compartilhar comigo os seus saberes, me ajudando a construir os meus próprios caminhos durante o processo de investigação.

À Professora Dra. Carla Liane Nascimento dos Santos, pelo aceite do convite para contribuir com esta pesquisa, na condição de Co-orientadora. Ela que, com toda a sua humanidade e respeito me apresentou o pensamento feminista negro, fio condutor desta pesquisa.

Aos professores e professoras do PPPGEduc, em especial à Professora Dra. Maria de Lourdes Soares Ornellas Farias, Professora Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa e ao Professor Dr. Elizeu Clementino de Souza, pelas inquietações durante as aulas, as quais me fizeram repensar o meu objeto de investigação ainda no início do Doutorado.

À Professora Dra. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, ao Professor Dr. Adilson Meneses da Paz, e ao Professor Dr. Paulo Gabriel Soledade Nacif por aceitarem o convite para compor a Banca de Defesa de Doutorado e contribuírem significativamente para a construção desta tese.

À equipe administrativa da Secretaria do Programa PPPGEduc, em especial a Sônia e Aline, pelas muitas vezes que nos orientou, com tanto cuidado e respeito. Elas foram muito importantes nesse processo.

À Dejiária, por ter me encorajado a trazer neste estudo as escrituras das mulheres negras professoras.

À Professora Dra. Eliane Fátima Boa Morte do Carmo, por todas as vezes que a procurei para pedir ajuda, e ela, com toda a sua sabedoria, me apontava caminhos outros para eu pensar a pesquisa.

Às/aos colegas do PPGEduc, em especial a Antônio, pelos incentivos e força durante o Doutorado.

Às colegas da Rede Municipal de Ensino de Salvador, em especial, aquelas que aceitaram construir comigo esta pesquisa: Adenildes, Alaíde, Andréia, Eliane, Jacirema e Lásara.

Muitas outras pessoas poderiam aparecer aqui nestes agradecimentos, porque a construção desta tese só foi possível porque, nos diversos espaços por onde passei, encontrei pessoas que me incentivaram e me fortaleceram de alguma maneira para que eu não desistisse. Por isso, meus agradecimentos, para além das pessoas que aparecem nesta escrita, a todas as pessoas que estiveram ao meu lado, não apenas durante o difícil momento do Doutorado, mas durante a minha vida.

## RESUMO

A presente pesquisa-escrivência é de abordagem qualitativa e está inscrita no âmbito da epistemologia do feminismo negro, tendo como objeto de estudo a formação inicial de seis mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador-BA. O estudo foi orientado a partir das seguintes perguntas: de que maneira os marcadores sociais de raça, classe e gênero atravessam a formação inicial de mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador? E como estas mulheres negras se constituíram professoras? O objetivo é compreender a formação inicial de mulheres-negras-professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, na intersecção dos marcadores sociais de raça, gênero e classe. Os objetivos específicos consistem em: Conhecer as experiências das mulheres negras professoras durante a sua formação inicial, destacando a intersecção entre os marcadores de raça, classe e gênero; Analisar as possibilidades de acesso e permanência das mulheres-negra-professoras no ensino superior; Identificar o sentido da profissão docente para essas mulheres negras professoras. As bases teóricas que fundamentam este estudo consistem na teoria do feminismo negro, referenciadas principalmente nos arcabouços teóricos de Gonzalez (2020, 2022), Nascimento (2021), Carneiro (2020), Gomes (2008, 2017, 2018), hooks (1995, 2017, 2019, 2023), Evaristo (2005, 2011, 2017, 2020, 2021), Collins (2015, 2017, 2019, 2021, 2022), Davis (2016), Santos (2021), Fanon (2020, 2022), Nascimento (2016), Bento (2022), dentre outras. A metodologia está ancorada nos princípios teórico-metodológicos das escrituras e utiliza as conversas na perspectiva dialógica como dispositivo metodológico de pesquisa. Como perspectiva de análise foi utilizada a interseccionalidade a partir da metáfora do eixo inspirada em Crenshaw (1993, 2002, 2021). A pesquisa revelou que as oportunidades de acesso às mulheres negras professoras ao ensino superior foram limitadas e com a ausência das políticas de ações afirmativas elas precisaram elaborar as suas próprias estratégias para transporem as barreiras de acesso e permanência no ensino superior e, assim, concluírem a sua formação inicial. Daí a necessidade da garantia de estratégias formais de acesso e permanência no ensino superior, tais como, a política de cotas, programas de extensão, concessão de bolsas, incentivo à pesquisa e o fortalecimento de um currículo das licenciaturas que se coloque contra o racismo epistêmico e que valorize os diversos saberes e a diversidade cultural. A pesquisa também revelou que o diploma possibilitou às mulheres negras professoras ingressarem na profissão através do concurso público e mudarem de vida com uma melhoria salarial e demais direitos previstos no plano de carreira do magistério, revelando a profissão docente enquanto possibilidade de transformação, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente.

**Palavras-chave:** Educação básica; Formação inicial de mulheres negras professoras; Feminismo negro; Interseccionalidade; Escrituras.

## ABSTRACT

This research-writing living is qualitative in approach and is part of the epistemology of black feminism. Its object of study is the initial training of six black women teachers who work in different areas of the Salvador-BA Municipal Public Education Network. The study was guided by the following questions: in what way do the social markers of race, class and gender permeate the initial training of black women teachers who work in different areas of the Salvador Municipal Public Education Network? And how did these black women become teachers? The aim is to understand the initial training of black women teachers in Salvador's municipal public school system, at the intersection of the social markers of race, gender and class. The specific objectives are To learn about the experiences of black women teachers during their initial training, highlighting the intersection between the markers of race, class and gender; To analyze the possibilities for black women teachers to access and remain in higher education; To identify the meaning of the teaching profession for these black women teachers. The theoretical basis for this study is the theory of black feminism, referenced mainly in the theoretical frameworks of Gonzalez (2020, 2022), Nascimento (2021), Carneiro (2020), Gomes (2008, 2017, 2018), hooks (1995, 2017, 2019, 2023), Evaristo (2005, 2011, 2017, 2020, 2021), Collins (2015, 2017, 2019, 2021, 2022), Davis (2016), Santos (2021), Fanon (2020, 2022), Nascimento (2016), Bento (2022), among others. The methodology is anchored in the theoretical-methodological principles of writing experiences and uses conversations from a dialogical perspective as a methodological research device. Intersectionality was used as a perspective for analysis, based on the metaphor of the axis inspired by Crenshaw (1993, 2002, 2021). The research revealed that opportunities for black women teachers to access higher education were limited and, with the absence of affirmative action policies, they had to develop their own strategies to overcome the barriers to accessing and remaining in higher education and thus complete their initial training. Hence the need to guarantee formal strategies for access and permanence in higher education, such as a quota policy, extension programs, scholarships, incentives for research and the strengthening of a degree curriculum that opposes epistemic racism and values diverse knowledge and cultural diversity. The research also revealed that the diploma enabled black women teachers to enter the profession through the public examination and change their lives with an improvement in salary and other rights provided for in the teaching career plan, revealing the teaching profession as a possibility for transformation, both from the perspective of social mobility and teaching performance.

**Keywords:** Basic education. Initial training of black women teachers. Black feminism. Intersectionality. Writing experiences.

## RESUMEN

Esta investigación-escrivivência tiene un abordaje cualitativo y se inscribe en la epistemología del feminismo negro. Su objeto de estudio es la formación inicial de seis maestras negras que actúan en diferentes áreas de la Red Municipal de Educación Pública de Salvador-BA. El estudio se orientó por las siguientes preguntas: ¿de qué forma los marcadores sociales de raza, clase y género permean la formación inicial de las maestras negras que actúan en diferentes áreas de la Red Municipal de Educación Pública de Salvador? ¿Y cómo esas mujeres negras se convirtieron en profesoras? El objetivo es comprender la formación inicial de las maestras negras de la red pública municipal de enseñanza de Salvador, en la intersección de los marcadores sociales de raza, género y clase. Los objetivos específicos son Conocer las experiencias de las maestras negras durante su formación inicial, destacando la intersección entre los marcadores de raza, clase y género; Analizar las posibilidades de acceso y permanencia de las maestras negras en la enseñanza superior; Identificar el significado de la profesión docente para esas maestras negras. La base teórica de este estudio es la teoría del feminismo negro, referenciada principalmente en los marcos teóricos de González (2020, 2022), Nascimento (2021), Carneiro (2020), Gomes (2008, 2017, 2018), hooks (1995, 2017, 2019, 2023), Evaristo (2005, 2011, 2017, 2020, 2021), Collins (2015, 2017, 2019, 2021, 2022), Davis (2016), Santos (2021), Fanon (2020, 2022), Abdias Nascimento (2016), Bento (2022), entre otros. La metodología está anclada en los principios teórico-metodológicos de las experiencias de escritura y utiliza las conversaciones desde una perspectiva dialógica como dispositivo metodológico de investigación. Se utilizó la interseccionalidad como perspectiva de análisis, a partir de la metáfora del eje inspirada en Crenshaw (1993, 2002, 2021). La investigación reveló que las oportunidades de acceso a la educación superior para las profesoras negras eran limitadas y, con la ausencia de políticas de acción afirmativa, ellas tenían que desarrollar sus propias estrategias para superar las barreras de acceso y permanencia en la educación superior y así completar su formación inicial. De ahí la necesidad de garantizar estrategias formales de acceso y permanencia en la educación superior, como una política de cuotas, programas de extensión, becas, incentivos a la investigación y el fortalecimiento de un currículo de titulación que se oponga al racismo epistémico y valore los diversos saberes y la diversidad cultural. La investigación también reveló que el diploma permitió a las maestras negras acceder a la profesión a través del concurso público y cambiar sus vidas con una mejora salarial y otros derechos previstos en el plan de carrera docente, revelando la profesión docente como una posibilidad de transformación, tanto desde la perspectiva de la movilidad social como del desempeño docente.

**Palabras clave:** Educación Básica. Formación inicial de maestras negras. Feminismo negro. Interseccionalidad. Experiencias de escritura.

## LISTA DE SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas técnicas

ADI - Auxiliar de desenvolvimento Infantil

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAO- Centro de Estudos Afro-orientais

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CNS - Conselho Nacional de Saúde

COFFIC - Comitê de Fomento Industrial de Camaçari

CONDER - Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

FEBA - Faculdade de Educação da Bahia

GR - Gerência Regional

ICEIA - Instituto Central de Educação Isaías Alves

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual

MPED - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

MPEJA - Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos

PÓS-AFRO-UFBA Programa de Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

PPGED - Programas de Pós-Graduação em Educação

PPPGEduc - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

PPGER - Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

PPGNEIM - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo

PPGREC - Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade

SESI - Serviço Social da Indústria

SMED - Secretaria Municipal de Educação

TVE - TV Educativa da Bahia

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UESC - Universidade Estadual de Santana Cruz

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFOB - Universidade Federal do Oeste da Bahia

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I - ESCRIVÊNCIA: VALCINEIDE SANTOS DE ALMEIDA.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II - ESTADO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>31</b>
2.1 As pesquisas com mulheres negras professoras.....	40
2.2 Reflexões sobre as pesquisas encontradas.....	43
<b>CAPÍTULO III - METODOLOGIA.....</b>	<b>47</b>
3.1 Perspectiva e procedimentos de análise.....	57
<b>CAPÍTULO IV - ESCRIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS PROFESSORAS.....</b>	<b>63</b>
4.1 Eliane Fátima Boa Morte do Carmo.....	63
4.2 Andreia de Santana Santos.....	68
4.3 Alaide Santos de Santana.....	72
4.4 Jacirema Piedade dos Santos.....	77
4.5 Adenildes Teles de Lima.....	84
4.6 Lásara Maria Santos Oliveira.....	88
<b>CAPÍTULO V - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS ESCRIVÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
5.1 A escolha pelo magistério, acesso e permanência no ensino superior.....	94
5.2 A profissão docente enquanto possibilidade de transformação para as mulheres negras professoras.....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>137</b>

## INTRODUÇÃO

Deve o negro assimilar e reproduzir tudo que é euro-branco? Ou só transar o que é afronegro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos? Deve o negro lutar para vencer na vida através do seu esforço pessoal para, desse modo, provar que é tão capaz quanto o branco? Ou lutar com e pelo conjunto da população negra? Juntamente com não negros também oprimidos? Ou não? Por um espaço nesta sociedade? Ou pela transformação da mesma? Etc. etc. e tal...Os diferentes tipos de resposta a essas questões, e a muitas outras, acabam por levar a gente a falar de movimentos negros...no movimento negro. Pois é (González, 2022, p. 26-27).

Optei por iniciar a escrita desta tese com a epígrafe de González (2022), pois ela traduz as minhas escolhas político-epistemológicas, as quais não são neutras e se opõem às condições impostas à população negra desde o regime escravista, pós-abolicionista, até os dias atuais. Assim, esta tese representa uma reverência às nossas ancestrais, enquanto continuidade da forma de questionar a sociedade em que o racismo impera e os corpos negros são violentados cotidianamente, seja pela violência física, seja pelas mais diversas formas de violência, que muitas vezes, levou as nossas ancestrais e continuam nos levando a “uma patética paralisação da vontade de viver, uma perda definitiva de toda e qualquer esperança” (Nascimento, 2016, p. 71).

Portanto, esta tese é uma oposição ao que Nascimento (2016), chama de longo e antigo genocídio contra a população negra, fruto da dominação colonial e da política do embranquecimento. É também um aceite ao convite de Anzaldúa (2000), que diz:

Escrevam seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel (Anzaldúa, 2000).

Inspirada em Anzaldúa (2000) venho dizer que as mordanças não abafaram as nossas vozes, prova é que esta escrita vem marcada pela escrevivência de mulheres negras professoras as quais assumem aqui a posição de protagonistas e, através de um corpo-voz

(Evaristo, 2011), denunciam seu processo de formação inicial, mais especificamente, o acesso e a permanência no ensino superior, e falam da profissão docente enquanto possibilidade de transformação, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente. Uma escrita onde as sujeitas se inscrevem e, por isso, a compreendo enquanto uma pesquisa-escrevivência, na qual, inspirada em Evaristo (2020), concebo escrita e existência como uma forma de amalgamar vida e pesquisa.

Esta pesquisa-escrevivência teve início com minhas escolhas políticas, éticas e epistemológicas feitas no ano de 2020, primeiro ano do Doutorado, que foi também o ano em que o mundo enfrentou a Pandemia da COVID-19. Um ano de muitas inquietações, medos, mortes, isolamento social e de mudanças nas nossas vidas e rotinas. Uma destas mudanças relaciona-se com o meu nosso fazer acadêmico. Pois, não imaginaria que os espaços-tempos do Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), as idas à biblioteca, os diálogos com as/os colegas nos corredores e na cantina, não seriam por nós vivenciadas nos dois primeiros anos (2020 e 2021) do curso de Doutorado.

Vivenciamos experiências outras. Tivemos que encontrar novos gestos que substituíssem as trocas de olhares, o toque, a linguagem corporal. Tivemos que enxergar colegas, professores e professoras através de uma tela do computador, onde só era possível visualizar duas partes do nosso corpo (des)humanizado: cabeça e ombros. Isto quando este corpo não era substituído por uma foto no perfil ou até mesmo por um *avatar*. Considero que conseguimos ir para além das telas dos aparelhos tecnológicos, e as trocas não deixaram de existir, pois, as experiências acadêmicas, ainda que vivenciadas em ambientes virtuais, possibilitaram a humanização dos nossos corpos.

Enfrentamos o desafio de passar horas e horas de exposição às telas, ter que lidar com um tempo cronológico que era a todo momento atravessado pelo tempo subjetivo, onde as tarefas domésticas, profissionais e acadêmicas aconteciam com a mesma intensidade, nos mesmos tempos e espaços, confundindo-se, muitas vezes.

Como tratar de uma pesquisa-escrevivência iniciada em tempos de pandemia, sem falar de um cenário que nos provocou tantas mudanças e tantas aprendizagens? Tivemos que experimentar modos de viver, fazer pesquisas, fazer docência. Foi necessário reescrever tudo que até então havia escrito, e ver o objeto de investigação a partir de outros olhares. E isto fez-me despertar para a sociedade que clamava por justiça e garantia de direitos, que precisava ouvir as vozes que foram perversamente silenciadas nas filas para terem acesso ao

auxílio emergencial, para receberem cestas básicas, nas ruas pela busca da sobrevivência, ao mesmo tempo em que o que mais ouvíamos era: “#fique em casa”. Incomodava-me perceber que a maioria dessas pessoas eram negras, e em particular, mulheres negras.

O meu corpo fez de mim, como diz Fanon (2020), uma mulher que questionou e buscou compreender quem eu era, qual o meu papel diante desta realidade e qual o sentido da pesquisa para mim e, principalmente, para a sociedade desigual e injusta, duramente ampliada pela lente da pandemia. Como poderia, enquanto mulher negra, mãe, professora, pesquisadora, me posicionar contra o perverso momento histórico e social que estávamos atravessando? Como poderia me implicar na pesquisa-escrevivência para que ela fosse, para além de uma produção acadêmica, um posicionamento político?

É neste momento que a pesquisa-escrevivência começa a ganhar novos rumos e, de maneira processual, eu buscava compreender e questionar as formas de opressão às quais os africanos escravizados e seus descendentes foram submetidos, fortalecendo a cada dia o desejo de continuar a luta contra a desigualdade racial e de oportunidades.

Precisei fazer diversas leituras para compreender melhor as condições da população negra para além da Pandemia da COVID-19. Devo dizer que muitas dessas leituras provocaram em mim um misto de sentimentos: em alguns momentos me fizeram chorar e eu precisei parar e respirar fundo, em outros, me senti forte e motivada a dar continuidade a esta pesquisa e, apesar de todas as dificuldades encontradas enquanto mulher negra na pós-graduação, mãe, esposa, professora atuando 60 horas semanais, eu não poderia desistir.

Não poderia desistir porque, em seu livro *Escritos de uma Vida*, Carneiro (2020), revela que a Deputada Benedita da Silva, quando criança, tomou banho de água sanitária para clarear a sua pele.

Não poderia desistir porque Davis (2016), escreve que mulheres escravizadas, nos Estados Unidos, quando grávidas, tinham a barriga enterrada para que elas fossem chicoteadas.

Não poderia desistir porque Carolina Maria de Jesus deixou registrado no seu diário “Quarto de Despejo” que no dia 24 de julho de 1958, ela acordou de manhã e não tinha nada para comer, por isso pensou em suicidar-se, e ela diz que, para a infelicidade dela, naquele dia ela havia acordado com fome (Jesus, 2014, p. 99).

Não poderia desistir por Yasmin. Uma menina negra, de treze anos de idade, que acompanha sua mãe na busca por materiais reciclados nas caixas coletoras dos condomínios residenciais do bairro da Pituba, em Salvador-Bahia. Quando perguntei a Yasmin que horas

ela estudava, ela me respondeu que não estudava, porque não gostava da escola. Perguntei o que ela não gostava na escola, e ela me respondeu que não gostava de nada, nem dos/as professores/as, nem dos/as colegas e nem da própria escola. Então, fiquei a me perguntar o que levaria uma menina negra, que ajuda a sua mãe a coletar materiais reciclados, não gostar da escola? Não seria o racismo que lhe expulsa da escola, lhe impede de sonhar e ver na educação possibilidades de mudança? Hasenbalg (2022) me ajuda a pensar sobre isso ao afirmar que,

A raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente a um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social (Hasenbalg, 2022, p. 112).

Hoje, no momento desta escrita, entendo que o meu encontro com Yasmim foi uma das principais motivações para apresentar uma tese com qualidade e responsabilidade, pois representa o meu compromisso com uma sociedade democrática e socialmente justa, onde o racismo não nos tire o direito de sonhar e não mais nos abata de formas sistêmicas em todas as áreas das nossas vidas. Esse, portanto, é o fio condutor da pesquisa-escrivência e, conseqüentemente, desta escrita, a qual adquire um sentido de insubordinação, uma escrita de dentro para fora, uma escrita para os/as meus/minhas, assim como faz Evaristo (2020).

Nesta escrita, optei por tomar como referência pessoas negras que tiveram e continuam tendo a sua vida pautada na luta contra a discriminação racial, por uma sociedade justa, livre e igualitária e, acima de tudo, pelo respeito à dignidade humana, pois entendo que “se quisermos responder às expectativas de nossos povos, é preciso buscar em outro lugar que não a Europa” (Fanon, 2022, p. 327) e não permitir o engessamento da nossa capacidade criativa. Significa dizer que trata-se aqui da escrita de um corpo de uma mulher negra, marcado pela memória e história do povo negro. Portanto, assim como hooks,

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador. Além de nos permitir lembrar de nós mesmos e nos recuperar, ele nos provoca e desafia a renovar nosso compromisso com uma luta feminista ativa e inclusiva (hooks, 2017, p. 103).

Como forma de gratidão a estes homens e mulheres que ousaram criar a partir do seu lugar de luta, tomo este estudo enquanto um projeto acadêmico, político e coletivo. E para defendê-lo, me amparei principalmente na epistemologia do feminismo negro e pelos projetos de conhecimento da interseccionalidade e da escrevivência, a partir dos estudos de Lélia Gonzalez (2020, 2022), Nascimento (2021), Carneiro (2020), Gomes (2008, 2017, 2018), hooks (1995, 2017, 2019, 2023), Evaristo (2005, 2011, 2017, 2020, 2021), Collins (2015, 2017, 2019, 2021, 2022), Davis (2016), Santos (2021), Fanon (2020, 2022), Nascimento (2016), Bento (2022), dentre tantas outras que teorizam a partir da tradição de resistência, e que, por outro lado, não fazem parte das comunidades de investigação e teorização homogêneas e “privilegiadas”, as quais “concede um considerável poder epistêmico às pessoas que as integram” (Collins, 2022, p. 184), e que, muitas vezes, foram e continuam sendo por nós naturalizados. Sendo assim, a minha opção foi trazer nesta tese outras citações a partir dos conhecimentos subjugados (Evaristo, 2020).

Ressalto que, embora a minha opção tenha sido construir esta tese adotando os referenciais teórico-metodológicos de pesquisadores e pesquisadoras negras, não significa dizer que não devemos dialogar com todas as pessoas (negras ou não) que estejam comprometidas em lutar contra as diversas formas de opressão, pois esta é uma luta que interessa a todas as pessoas, pois falo do resgate à dignidade humana, e todas/os nós temos muito a fazer quando o assunto é transformar as estruturas que reforçam o racismo, o sexismo, o patriarcado e todas as formas de opressão.

Esta é uma escrita onde, assim como fez hooks (2019), no livro *Ain't a Woman*, as mulheres negras serão colocadas no centro da conversa, pois o meu desejo é que ela seja lida por muitas de nós, não como uma forma de construção de conhecimento abstrato, mas enquanto possibilidades outras para pensar/fazer a formação e a profissão docente a partir das escrevivências das mulheres negras professoras, enquanto sujeitas e não como objetos da pesquisa, onde outras pessoas falam por nós.

Sendo assim, não poderia “adequar” a tese aos modelos epistemológicos hegemônicos que reproduzem estruturas de poder dentro da academia, além disso, as primeiras epistemologias que orientaram a minha formação e o meu fazer acadêmico não dariam conta de explicar as minhas inquietações, distanciando-se das escolhas epistemológicas aqui defendidas. Uma destas escolhas diz respeito à escrevivência que

surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua

reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (Evaristo, 2020, p. 38).

Portanto, as histórias coletivas de mulheres negras professoras não podem ser ignoradas e nem desacreditadas, pois segundo Collins (2022), desacreditar nessas histórias é uma forma de violência epistêmica que opera por práticas de silenciamento. Por este motivo é que as mulheres negras professoras aparecem na tese como autoridade para falarem da sua própria formação/profissão, tendo em vista que não foi intenção da pesquisa abordar sobre, mas falar com mulheres negras professoras a partir da decisão política de quais vozes optei por ouvir e quais vozes desejei silenciar (hooks, 2019).

Enraizada no pensamento de que esta escrita nos proporciona a nossa “autoinscrição no interior do mundo” (Evaristo, 2020, p. 35), convidei seis mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador para construir comigo esta pesquisa-escrivência, atendendo a alguns critérios: atuarem no Órgão Central, Gerência Regional de Educação e escolas; ocuparem a função de diretora, coordenadora pedagógica e professora, sendo que, embora ocupem diferentes funções na Rede Municipal, todas são professoras de formação, se aproximando da intenção do estudo; o terceiro critério indica que as participantes deveriam desenvolver trabalhos voltados para a temática étnico-racial nos seus diferentes espaços de atuação; e o principal critério de participação segue na linha de que elas tivessem o desejo de ecoar a voz sobre a sua formação/profissão.

O estudo foi orientado a partir das seguintes questões: de que maneira os marcadores sociais de raça, classe e gênero atravessam a formação inicial de mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador? E como estas mulheres negras se constituíram professoras? Partindo de tais questões, busquei, enquanto objetivo principal da pesquisa-escrivência: compreender a formação inicial de mulheres-negras-professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, na intersecção dos marcadores sociais de raça, gênero e classe. Os objetivos específicos foram: Conhecer as experiências das mulheres-negras-professoras durante a sua formação inicial destacando a intersecção entre os marcadores de raça, classe e gênero; Analisar as possibilidades de acesso e permanência das mulheres-negra-professoras na universidade; Identificar o que é ser professora para essas mulheres negras. A presente Tese está organizada em cinco capítulos:

No **capítulo I, Escrevivência: Valcineide Santos de Almeida** apresento a minha escrevivência com o objetivo de revelar como me constituí professora e como se deu o meu ingresso na profissão a partir da minha condição de mulher.

No **Capítulo II, Estado do Conhecimento** tenho como objetivo apresentar o mapeamento da produção acadêmica expressa em teses e dissertações cujos objetos referem-se às mulheres negras professoras, defendidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação das universidades do estado da Bahia-Brasil.

No **Capítulo III, Metodologia** são apresentadas as relações tecidas entre a base epistemo-teórico-metodológica e os objetivos traçados, bem como os caminhos metodológicos escolhidos. Apresento neste capítulo a minha opção pela epistemologia do feminismo negro enquanto uma teoria abrangente de conhecimentos construída a partir da condição específica do ser mulher negra, a escrevivência enquanto princípio conceitual-metodológico e as conversas dialógicas enquanto estratégia metodológica. Para finalizar o capítulo, apresento os procedimentos e perspectiva de análise da interseccionalidade a partir da metáfora do eixo inspirada em Crenshaw (1993, 2002, 2021), além de apresentar as categorias e subcategorias que emergiram do estudo.

No **Capítulo IV, Escrevivências de mulheres negras professoras** são apresentadas as escrevivências das mulheres negras professoras, pois como defendendo, a intenção ao longo do processo não foi pesquisar mulheres negras professoras, mas pesquisar com mulheres negras professoras, daí a opção por apresentá-las enquanto centralidade da tese e não como pequenos recortes para exemplificar as teorias.

O **Capítulo V, análise e interpretação das escrevivências** está organizado em dois tópicos, o primeiro tem como objetivo apresentar uma análise de como a localização das mulheres negras professoras, na intersecção das vias de discriminações de raça, classe e gênero moldaram a sua formação inicial desde a escolha pelo magistério até o acesso e permanência na universidade. No segundo momento, apresento uma análise sobre o sentido da profissão enquanto possibilidade de transformação para as mulheres negras professoras, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente.

E para finalizar esta escrita, apresento as considerações finais com o objetivo de demonstrar o quanto eu aprendi ao longo deste processo e o quanto as escolhas epistemológicas, políticas e éticas me fizeram chegar ao final com a sensação de que poderemos, enquanto mulheres negras professoras, continuar ecoando a nossa voz para além do campo acadêmico para falar das nossas dores, mas principalmente, das nossas conquistas e

do nosso desejo de contribuir, a partir da nossa profissão, com uma sociedade justa e igualitária. Seguido das referências e dos anexos.

Devo dizer às leitoras e aos leitores desta tese que ela representa um agradecimento às mulheres negras que fazem parte da minha vida e àquelas que vieram antes de mim e resistiram para que hoje estivéssemos aqui, também, abrindo caminhos para tantas outras meninas negras, movida pelo chamado de Carneiro (2020): “Então meninas, aceitem esse bastão porque ele lhe oferece a oportunidade de, como guerreiras da luz, travam o bom combate! Pelas causas mais justas da humanidade.” (Carneiro, 2020, p. 116).

Ao aceitar o seu bastão, Carneiro (2020), me manifesto contra as formas pedagógicas/acadêmicas dominantes e contra qualquer tipo de discriminação e injustiça que ainda fazem parte de nossa educação e de nossas vidas, pois entendo que,

Eu não desejo uma situação na qual somente mulheres negras sejam encorajadas a escrever sobre assuntos relacionados à experiência da mulher negra. Mas desejo ajudar a construir um mundo onde a pesquisa e o trabalho de mulheres negras sejam valorizados de modo que possamos ser motivadas a fazer tal trabalho, para que as nossas vozes sejam ouvidas. Desejo ajudar a construir um mundo onde o nosso trabalho seja levado à sério, valorizado e aclamado, um mundo onde tal trabalho seja visto como necessário e significativo (hooks, 2019, p. 110).

Portanto, o meu compromisso é apresentar uma tese que seja para nós um símbolo de resistência, empoderamento e exemplo de que produzimos conhecimentos e encontramos na profissão docente força, alegria, criatividade e esperança para lutar por uma sociedade justa, solidária e humana. Um compromisso, portanto, de continuação da luta pela justiça social.

## CAPÍTULO I - ESCRIVIVÊNCIA: VALCINEIDE SANTOS DE ALMEIDA

A Escrivivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (Evaristo, 2020, p. 35).

Início esta escrevivência localizada nos caminhos da ancestralidade, raça, gênero, classe, inteligência e força, reverenciando as minhas ancestrais, aquelas que vieram antes abrindo caminhos para que eu e tantas outras mulheres negras estivéssemos nesse movimento de denúncia contra as diversas formas de opressão e contra as condições impostas às pessoas negras, em especial à nós, mulheres negras. Por este motivo, início esta escrita reverenciando a minha mãe, Valdelice, Guinha, carinhosamente chamada pela comunidade, e em nome dela, eu reverencio todas as minhas ancestrais, pois, assim como Evaristo (2016) eu reconheço

a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres da minha família. E também já que naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas mãos, palavras e sangue (Evaristo, 2016).

A história de mainha se confunde com a história de tantas outras mulheres negras, que ainda criança, foi entregue a uma família branca, para realizar serviços domésticos em troca de roupa e alimento e que não tiveram a oportunidade de estudar. Na fase adulta lhe deram um “emprego” de auxiliar de serviços gerais em uma escola da rede municipal de Feira de Santana, localizada na comunidade de Maria Quitéria. Cresci vendo mainha acordar bem cedo para limpar as salas antes do início das aulas e preparar a alimentação escolar para ser servida aos estudantes na hora do recreio. Também vi, por diversas vezes, ela levando temperos ou outras coisas de casa para complementar o lanche dos estudantes.

Ouvi muitas vezes mainha se queixar do excesso de trabalho, porque, além de dar conta da limpeza da escola, precisava também dar conta do lanche dos/as estudantes, das tarefas domésticas, da educação dos filhos etc. Também vi por diversas vezes ela levar um pouco da merenda escolar que sobrava para uma família que morava na nossa rua e que vivia

em situação de vulnerabilidade social. Havia também relatos de meninos e meninas, dizendo que gostavam quando a merenda era servida por mainha, porque ela enchia o prato e ainda deixava repetir, caso quisessem. E foi neste ambiente de trabalho de mainha, a escola que eu comecei a me constituir professora, pois eu estudava à tarde e no turno da manhã mainha me pedia para que eu fosse ajudá-la na limpeza das salas. Varria, arrumava as carteiras, também ajudava a lavar e secar os pratos depois do lanche das crianças.

Muitas vezes chegava cedo na escola para ficar na porta das salas admirando as professoras darem aula. Lembro que teve um dia que uma professora me disse que eu não poderia ficar ali na porta. Fiquei com muita vergonha e saí dali, mas o sonho de me tornar professora começava a nascer dentro de mim. Sabia que precisava, naquele momento, ajudar mainha a limpar as salas de aula, mas o que era alimentado dentro de mim era o sonho de me tornar professora. Assim, quando fiz 11 anos, painho me deu de presente um quadro, e comecei a dar aula de reforço escolar na comunidade de São José. Cobrava um pequeno valor pelas aulas, mas a realização pessoal era muito grande.

Ainda criança já sentia, no corpo de uma menina negra, o peso e as marcas do racismo, pois diversas vezes vi mainha tendo que nos defender de experiências humilhantes, como por exemplo, quando meu irmão, prestes a entrar em uma festa de aniversário, foi indagado pela pessoa que estava na porta, uma mulher branca, se ele havia sido convidado. Ou quando, por exemplo, o dono de uma pequena fábrica onde esse mesmo irmão, que ainda era criança, “trabalhava”, disse que ele não poderia sair para lanchar. E em todos estes momentos estava mainha ali para nos defender. Então crescemos com exemplos de não aceitação das injustiças. Não percebia que ali ela lutava contra o racismo, fosse através das suas revoltas e brigas, fosse através do empenho dela para nos mantermos estudando, pois ela sabia que a educação seria um caminho para a mudança de rota, para que nós não precisássemos passar pelo que ela passou, pelo que ela chamava de “humilhação na cozinha dos brancos”.

Assim, fiz magistério em São José, não só porque era o único curso de ensino médio que havia na comunidade, mas também porque, por questões financeiras, não teria condições de estudar na cidade. O pai de uma amiga, delegado da comunidade, conseguiu por intermédio de um político, uma carta para eu me matricular na escola técnica, antigo CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), em Feira de Santana, mas, por questões financeiras eu não tive condições de estudar na escola técnica, tendo em vista as despesas de transporte, materiais, alimentação etc. Talvez aquele espaço não tivesse sido reservado para

mim, a não ser que eu tivesse o “privilégio” de obter a carta de um político, que por sua vez era um homem branco, instituído de “poder”, autorizando o meu acesso. Apesar da “autorização”, as questões econômicas e sociais me impediram de estudar no CEFET. Mas por outro lado, o sonho de me tornar professora continuava, e desse eu não poderia abrir mão. Assim, fiz o magistério e continuei dando aulas de reforço escolar na comunidade.

No curso de Magistério, tive uma professora que eu admirava muito e tornou para mim uma referência, a professora Magnólia Pereira dos Santos. Não me lembro bem das disciplinas que ela ministrava, mas não esqueço do seu fazer docente para nos ajudar a pensar em questões que envolviam o processo de aprendizagem: estudos de caso, utilização de diferentes metodologias para atender a diversidade da turma, a afetividade presente na relação professor-aluno. Hoje nesta escrita, me lembro que foi a professora Magnólia que me deu de presente o tecido para que eu pudesse fazer o meu vestido para a festa de formatura do Magistério.

Ao terminar o curso de Magistério, precisava trabalhar e fui participar de uma seleção para ser funcionária do Supermercado Bom Preço, que na época estava abrindo uma loja em Feira de Santana. Peguei uma fila quilométrica para participar da seleção. Achei que havia me saído muito bem na entrevista, mas na hora do resultado, não fui aprovada. Lembro que chorei muito e mais uma vez mainha, com sua sabedoria me disse: se não passou para trabalhar no Supermercado (ainda bem!!), então vai ter que estudar. Fiz o primeiro vestibular para Pedagogia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mas não fui aprovada. Chorava muito e achava que não tinha “sorte”, mas na verdade, não era uma questão de sorte, era uma questão interseccional de raça, classe e gênero.

Depois de não ser aprovada no primeiro vestibular, me matriculei no Curso Pré-Vestibular Limite, no qual o valor da mensalidade era de quarenta reais. Hoje agradeço demais a Valdemir, idealizador desse projeto e dono do Curso Pré-Vestibular Limite, que ajudou muitos/as jovens negros e negras a acessarem uma Universidade Pública, antes mesmo da Política de Cotas. No dia da matrícula no cursinho, mainha só tinha o dinheiro de uma prestação que ela precisava pagar, mas mesmo assim, ela pagou a matrícula e me fez um alerta: “estude, porque eu estou tirando esse dinheiro da boca” (Guinha, 1999), educação entra aqui enquanto um ato contra-hegemônico, um ato fundamental de resistir às estratégias de colonização (bell hooks, 2017).

Ela só precisou pagar a matrícula, porque no mesmo dia recebi o convite da dona da Escola Alicerce do Saber, para ser professora de Educação Infantil na sua escola, na qual

permaneci dando aula por dois anos, recebendo sessenta reais, com os quais pagava a mensalidade do curso pré-vestibular e sobravam vinte reais para completar o valor do transporte.

Passei o primeiro semestre de 1999, saindo de São José às cinco da manhã, pegando o ônibus que vinha da roça lotado de pessoas e suas mercadorias para vender na cidade. Era galinha, porco, frutas, hortifruti etc. O cheiro do caju me traz uma memória afetiva desse período.

Precisava chegar no cursinho seis e meia, para não perder nenhuma aula. E ao sair às 12h30, corria para pegar o ônibus de volta para São José, que incluía passar bem rápido em casa, tomar um banho, almoçar e ir para a escola dar aula. Muitas vezes não dava tempo de almoçar. E aqui entra mainha mais uma vez: todos os dias, às 15 horas, ela ia na escola levar o meu lanche. Ao lembrar desse cuidado, os meus olhos enchem de lágrimas, porque sei que mainha não alimentava apenas o meu corpo, mas o meu sonho de ser professora.

O trabalho na escola era desafiador, pois precisava, além de dar aulas, limpar as salas e os banheiros. Quando chegava em casa, cansada, precisava fazer planejamento, elaborar as atividades e estudar. Ficava até de madrugada estudando, acordava às cinco para conseguir pegar o ônibus e continuar a rotina. Uma madrugada dessas, ouvi painho falando com mainha sobre a sua preocupação em que eu “perdesse o juízo” de tanto que eu estudava. Para acessar o ensino superior precisava preencher algumas lacunas deixadas pelo ensino de uma escola pública localizada na zona rural. Devo dizer que essa escola foi essencial para a minha formação humana e acadêmica.

Depois de um semestre nessa jornada: dormindo menos de cinco horas por dia, pegando ônibus lotados de pessoas, animais, frutas, hortaliças, mainha levando para mim o lanche das 15 horas, limpando a escola ao término da aula, fui aprovada no semestre 99.2 para o curso de pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Foi um dos momentos mais felizes da minha vida: eu estava passando pela rua e a minha amiga Carla Cristina me gritou para dizer que escutou no rádio que eu havia sido aprovada no vestibular da UEFS. Saí correndo de tanta emoção, chorando, querendo contar a novidade para minha família. Então, cheguei em casa gritando: Passei, passei, passei. Foi muita alegria!! Ali percebia que tudo tinha valido a pena, e que para eu alcançar os meus objetivos precisaria de muita dedicação e sacrifício. Ainda não compreendia que as lutas e dificuldades seriam sempre maiores em função da minha condição de mulher negra.

As aulas do curso de Pedagogia aconteciam no turno da manhã, o que me possibilitou continuar dando aula na Escola Alicerce do Saber por mais um ano. O meu desejo era que chegasse logo o terceiro semestre do curso para que eu pudesse fazer um estágio remunerado. No mesmo dia que realizei a matrícula do terceiro semestre, cheguei em São José e fui com o meu comprovante de matrícula direto para a Escola Estadual Professora Maria José de Lima Silveira, na qual eu havia cursado os anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, para dizer à diretora que já estava no terceiro semestre e que já poderia começar o estágio na escola, conforme ela havia prometido logo que soube que eu havia sido aprovada no vestibular. Segundo ela, seria motivo de orgulho ter como estagiária uma egressa da escola.

Eu estava muito feliz, acreditando que este seria o meu primeiro estágio remunerado. Ao chegar na escola, fui até a sala da direção. Lembro que tinham várias pessoas na sala e eu toda feliz, falei que tinha acabado de fazer a matrícula no terceiro semestre e que já poderia estagiar. A diretora me disse que não poderia conseguir um estágio para mim porque mainha, que era agente de serviços gerais de uma escola do município, havia se negado a trabalhar por um período nesta escola, que era da Rede Estadual. Sai de lá chorando e achando que não conseguiria mais nenhum estágio, e que ali seria a única oportunidade de estágio durante o meu curso. As lágrimas caíram pelo estágio que eu não havia conseguido e também pela humilhação que entendia ter passado.

Um dia, andando pelos módulos da UEFS, vi uma chamada para uma seleção de estágio no Serviço Social das Indústrias (SESI), para estudantes do Curso de Pedagogia. Participei da seleção, fui aprovada e fiquei nesse estágio por dois anos. Lembro-me de uma experiência vivenciada na instituição que considero importante marcar nesta escrita. O setor precisava de uma coordenadora para o Programa Largada 2000 e eu era a estagiária que tinha mais tempo no setor. Na época, a gerente me disse que eu tinha experiência no programa e que eu era muito esforçada, mas que eu não poderia assumir a função de coordenadora do programa porque eu era muito “novinha”. São muitas as justificativas para não ocuparmos os diferentes espaços: às vezes somos novas demais, às vezes não temos experiências, às vezes não temos perfil, às vezes não temos “boa aparência” etc e tal.

E a rotina de estudante trabalhadora continuava. Estudava pela manhã e estagiava/trabalhava à tarde. Já aconteceu de eu ter até dois estágios durante ao mesmo tempo, um pelo SESI, outro pela prefeitura. Devo dizer que os estágios foram importantes para minha formação, pois eu pude articular teoria e prática ao longo do curso. Por outro lado, não pude participar de grupos de pesquisa e extensão, iniciação científica, e os encontros com as

colegas eram raros, pois eu precisava sair correndo ao final das aulas para não me atrasar no estágio. E as dores impostas a um corpo-mulher negra que insistia em insurgir? Continuavam!! Eu tinha que chegar em casa e dar conta de todas as leituras, principalmente porque uma professora, ao falar para ela que não tive tempo de ler um texto, disse que tempo era uma questão de escolha. A minha escolha era ter dinheiro para pagar o transporte para eu frequentar as aulas e para pagar as cópias dos textos. Comprar livros? Nem me passava pela cabeça, porque não teria condições. A não ser o livro “O mundo de Sofia”, que foi solicitado no primeiro semestre pelo professor de filosofia e que tivemos que comprar, nem me lembro como eu consegui.

Para além do acesso, preciso falar também da minha permanência no ensino superior, pois muitas dificuldades me tentaram fazer desistir: Ter por exemplo, que descer na Rodovia 116 Norte, debaixo de sol e chuva, caminhar alguns quilômetros até chegar aos módulos da Universidade. Teve um dia que chovia muito, eu não tinha sombrinha, mas não poderia perder o horário do ônibus de volta para casa para não chegar atrasada no estágio. Cheguei a tempo de pegar o ônibus, toda molhada. As pessoas no ônibus me olhavam com um sentimento de “pena”, e eu com os olhos cheios de lágrimas, entendia que não poderia chorar, porque eu havia alcançado o meu objetivo: não perder o ônibus e, conseqüentemente, não chegar atrasada no estágio. Desistir? Não! Permanência, sim!

Finalizei o curso de Pedagogia entre choros e alegrias, lutas e realizações. Em condições impostas ao corpo de uma mulher negra que queria ingressar em uma universidade pública, ser professora, mudar de vida, enfim, realizar sonhos. Porque, dentre tantas outras violências impostas pelo racismo é que ele impede também a população negra, principalmente os/as jovens negros/as de sonharem, pois

Memórias, lendas, piadas, comentários, histórias, mitos, experiências, insultos, tudo isso inscrito simbolicamente na superfície das nossas peles, nos dizendo onde sentar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar (Kilomba, 2019, p. 174-175).

Concluí a minha formação inicial e fui aprovada na seleção para ser professora em uma escola particular em Feira de Santana. Foi a minha primeira experiência enquanto professora licenciada, e por isso não foi uma experiência fácil, porque no início os meninos e meninas da turma não me “respeitavam” muito, eu não tinha controle de classe e a direção da escola me chamou para informar que os/as estudantes estavam reclamando que eu gritava

muito em sala e que se eu não mudasse iriam me demitir, estariam me dando uma “oportunidade”.

Comecei a repensar o meu fazer docente, buscando conhecer a realidade dos/as estudantes, compreender a afetividade enquanto elemento importante para o processo de aprendizagem e querer ser uma professora melhor. No segundo semestre, a realidade foi outra: todos/as participavam e se concentravam durante a realização das atividades, participavam de trabalho em grupo. Eu cantava, recitava poesias, enfim, estava feliz exercendo a docência. Fui informada pela direção da escola que já havia uma lista de meninos e meninas da segunda série que queriam ser meus alunos e minhas alunas no ano seguinte. Trabalhei nessa escola durante um ano, pois o meu desejo era me tornar professora da rede pública de ensino. Sendo que no ano de 2003, fui aprovada no concurso para professora da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, no entanto, não pude assumir porque havia identificado, nos exames médicos, um nódulo nas cordas vocais, então, fui considerada pela junta médica, inapta para assumir a vaga.

Nesse período fui convidada pela tia de uma amiga, que era prefeita do Município de Laje-Bahia, para trabalhar na secretaria municipal de educação deste município, que fica a 156,6 km de Feira de Santana. Não conhecia ninguém lá, mas fiz muitas amizades e foi uma experiência que contribuiu demais para minha formação. Como eu havia pedido demissão do Colégio Futuro e não cumpri o aviso prévio, não tive direito à rescisão. Por isso, os primeiros meses em Laje-Ba foram difíceis porque não tinha dinheiro nem para a alimentação. Trabalhei na Rede Municipal de Ensino de Laje-Bahia durante um ano, período em que fui aprovada e convocada para o concurso de Coordenadora pedagógica na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, em 2005. Deixei São José pela segunda vez em busca de um sonho. Tornei-me Coordenadora pedagógica de uma escola pública e continuei estudando.

A interseccionalidade profissão/formação/raça/gênero/classe sempre marcou o meu percurso profissional e acadêmico, tendo que ser forte sempre, assim como essa mocinha descrita por Truth (2020), que

de noite ela lava toda roupa da família e de manhã vai para a lavoura e usa arado e a poda melhor que meus peões. Sua ambição e seu desejo de agradar eram tão grandes que ela muitas vezes trabalhava várias noites seguidas, tirando apenas umas horinhas de sono, sentada na cadeira; e algumas noites ela não se permitia dormir, exceto quando podia descansar contra a parede, tremendo que, se sentasse, dormiria por muito tempo (Truth, 2020, p. 77).

Enquanto precisava ser forte para dar conta de várias atividades, era necessário manter vivo o projeto de continuar ocupando os espaços acadêmicos. Foram quatro tentativas. Quatro anos de preparação, dedicação, e por que não dizer, quatro anos de resistências e reexistências para tornar-me aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia-UNEB (PPGEduC), o que aconteceu no ano de 2014, desejando ser uma dentre as

mulheres negras infiltradas na Academia, engajadas em desfazerem rotas hegemônicas da teoria feminista e maternarem a-feto, de si, em prol de quem sangra, porque o racismo estruturado pelo colonialismo moderno insiste em dar cargas pesadas a mulheres negras e homens negros (Akotirene, 2019, p. 15).

Para ingressar no Doutorado não foi diferente, foram mais três anos de tentativas. Cada vez que não era aprovada na seleção sentia a necessidade de estudar mais, fazer mais, me dedicar mais. Neste momento usei a licença prêmio que tinha direito para me preparar, além disso, as minhas condições financeiras já me possibilitavam comprar livros, participar de eventos, pagar uma profissional para formatar o meu projeto de pesquisa conforme as normas da ABNT. Foi assim que, em 2020, fui aprovada para o curso de Doutorado em Educação e Contemporaneidade da Universidade de Estado da Bahia (UNEB).

Mesmo durante o Doutorado, de licença aprimoramento, entendia que eu só poderia sentar para estudar depois de dar conta das tarefas domésticas, embora eu reconheça que muitas vezes Luiz precisou cuidar da casa, de Arthur, e assumir papéis que a sociedade diz ser das mulheres, para que eu pudesse estudar. E quantas vezes me vi em Carolina Maria de Jesus, quando ela registra em seu diário: “Cheguei em casa, fiz o almoço. Enquanto as panelas fervia eu escrevia um pouco” (Jesus, 2014, p. 1), e quando ela diz: “deixei o leito às 4 horas para escrever” (Jesus, 2014, p. 21).

Precisei fazer isso muitas vezes, pois toda a minha formação acadêmica se deu no tempo que “sobrava”. Se eu quisesse continuar ocupando os espaços da academia, precisaria ser nas “sobras” e fazer destas, momentos de prazer, de luta, de reexistências. Precisei me desdobrar, fazer duas vezes mais, três vezes mais, porque “eu sou forte! Não deixo nada imprecionar<sup>1</sup>-me profundamente. Não me abato” (Jesus, 2014, p. 21). Sabemos que são os estereótipos contra nós, mulheres negras, que nos fazem acreditar que somos “capazes de aguentar sofrimento, dor e privação” (hooks, 2023, p. 121-122).

---

<sup>1</sup> Conforme a escrita da autora no livro Quarto de Despejo (2014).

Constitui-me e continuo me constituindo professora e pesquisadora com um peso sobre os meus ombros de que preciso dar conta de tudo, de que não posso fraquejar, não posso parar, afinal, eu sou uma mulher negra, e mulher negra é “forte”, “aguenta tudo”, “suporta tudo”, é “guerreira”, mas como diz Anzaldúa (2000),

O problema é focalizar, é se concentrar. O corpo se distrai, faz sabotagem com centenas de subterfúgios, uma xícara de café, lápis para apontar. O recurso é ancorar o corpo em um cigarro ou algum outro ritual. E quem tem tempo ou energia para escrever, depois de cuidar do marido ou amante, crianças, e muitas vezes do trabalho fora de casa? Os problemas parecem insuperáveis, e são, mas deixam de ser quando decidimos que, mesmo casadas ou com filhos ou trabalhando fora, iremos achar um tempo para escrever. (Anzaldúa, 2000).

Hoje entendo que é preciso ser insubmissa e subverter esta realidade. Não quero mais ser guerreira, não quero mais ter que violentar o meu corpo e a minha alma para continuar estudando, realizando sonhos. Quero uma vida mais leve para mim e para todas as mulheres negras que desejam subverter a ordem colonial. Quero olhar para as minhas ancestrais, as quais reverenciei no início desta escrita, e dizer para elas que a luta valeu a pena e que agora poderemos sonhar, descansar, estudar, enfim, viver. Quero dar continuidade à minha carreira acadêmica e realizar o sonho de ser professora de uma universidade pública, tendo direito a cotas raciais, sem precisar que a minha condição de mulher negra seja motivo para que eu precise me dedicar além do necessário.

Quero ver meninos e meninas negras, indígenas, quilombolas, não precisarem passar por tantas dificuldades para realizar seus sonhos em função da sua cor. Quero uma vida mais leve para que tantas outras Yasmíns não digam que não gostam da escola e de nada que nela existe. Quero uma vida mais leve para não precisar vivenciar mais o genocídio da população negra. Quero uma vida mais leve pela nossa igualdade de direitos e oportunidades. Sei que ainda não é a hora de parar. É hora de continuar denunciando. E que esta denúncia não seja encarada como vitimismo, pois todas/os nós já sabemos que,

o mito de que as pessoas negras se vitimizam quando falam sobre as feridas causadas pelo racismo é uma estratégia muito eficaz para silenciar aquelas que estão prontas para falar. A questão “O que o racismo fez com você?” não tem nada a ver com vitimização; tem a ver com empoderamento, pois precede o momento no qual alguém se torna o sujeito falante, falando de sua própria realidade (Kilomba, 2019, p. 227).

Este capítulo é uma denúncia, assim como toda a tese, pois, a minha escrevivência e a escrevivência das mulheres negras professoras que construíram comigo esta pesquisa é, como diz Evaristo (2018), para incomodar os da casa grande do seu sono de virgem.

## **CAPÍTULO II - ESTADO DO CONHECIMENTO**

O objetivo deste capítulo é apresentar o mapeamento da produção acadêmica expressa em teses e dissertações, defendidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação das universidades do estado da Bahia-Brasil, cujos objetos referem-se às mulheres negras professoras. No entanto, considere importante mapear também as pesquisas desenvolvidas no mesmo contexto sobre mulheres negras em seus diferentes aspectos, para compreender melhor o universo em que se encontram as investigações que dialogam especificamente com mulheres negras professoras.

Para realização do estudo, busquei responder às seguintes perguntas: quais as teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação das universidades da Bahia-Brasil pesquisam com mulheres negras? Quem são e como estas mulheres negras aparecem nas pesquisas? Quais temáticas são mais exploradas? Quais são as pesquisas desenvolvidas especificamente com mulheres negras professoras? E quais as lacunas ainda precisam ser preenchidas com novos estudos?

Romanowski e Ens (2006) alertam que existem poucos estudos sobre o mapeamento dos conhecimentos já elaborados, e afirmam que estes são estudos indispensáveis para compreendermos o que vem sendo produzido no campo teórico de uma determinada área de conhecimento e, para identificarmos, a partir de uma visão geral, a evolução das pesquisas, suas características e interesses, além de estabelecer diálogos entre as nossas pesquisas e aquelas que já foram desenvolvidas anteriormente, pois

procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os

problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (Romanowski e Ens, 2006, p. 39).

Para a realização do estudo, foram adotados os seguintes procedimentos: i) levantamento na Plataforma Sucupira dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação avaliados e reconhecidos no Estado da Bahia-Brasil; ii) acesso aos repositórios de teses e dissertações dos respectivos programas; iii) identificação das pesquisas a partir da leitura do título e palavras-chave; iv) leitura e síntese dos resumos; v) elaboração de um quadro síntese das pesquisas encontradas.

O estudo pautou-se na leitura dos resumos das teses e dissertações que pesquisam com mulheres negras em seus diferentes aspectos, e leitura na íntegra das dissertações encontradas que falam especificamente com mulheres negras professoras. Ressalto que não foi feita uma cópia ou leitura superficial dos trabalhos, mas a partir deles, uma reconstrução pessoal e interpretativo-crítica sobre a temática investigada, na busca de “olhar para trás, rever caminhos percorridos, portanto possíveis de serem mais uma vez visitados por novas pesquisas” (Silva, 2021, p. 2).

Assumi o risco de não conseguir identificar todos os trabalhos apresentados aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação das Universidades do estado da Bahia, seja em função dos procedimentos adotados ou da possibilidade de existirem pesquisas que não foram inseridas nos repositórios dos programas. No entanto, considero que as análises não ficaram comprometidas tendo em vista o quantitativo de 44 pesquisas encontradas, sendo 41 dissertações e 03 teses. Além disso, entendo que trata-se de um estudo preliminar o qual poderá ser melhor aprofundado em outros momentos e por outras/os pesquisadoras/os.

A primeira etapa para desenvolvimento do estado do conhecimento foi o levantamento na Plataforma Sucupira, a fim de identificar as Universidades e os cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Avaliados e Reconhecidos no estado da Bahia. Conforme acesso realizado em 15/12/2022, foram identificados 17 Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, distribuídos entre 8 Universidades, sendo 4 universidades estaduais e 04 universidades federais.

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é a instituição que tem a maior oferta de programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, sendo um total de 05 programas; seguido da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB) com a oferta de 03 programas; a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) oferta 02 programas; a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 01 programa; a Universidade Federal da Bahia (UFBA) com a

oferta de 02 programas e a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) oferta também 01 programa, conforme apresentado no quadro 01, 01 na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

**Quadro 1** - Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em educação recomendados e avaliados pela CAPES/BAHIA (15/12/2022)

<b>Programas De Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Educação</b>	<b>Instituições</b>
Educação, Cultura e Territórios Semiáridos	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Educação de Jovens e Adultos	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Educação e Contemporaneidade	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Educação e Diversidade	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Programa de Pós-graduação em Educação	Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Programa de Pós-graduação em Educação	Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Educação em Ciências e Matemática	Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Programa de Pós-graduação em Educação	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Educação Científica e Formação de Professores	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Programa de Pós-graduação em Ensino	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Programa de Pós-graduação em Educação	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Mestrado profissional em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas	
Ensino	Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)
Educação Científica, Inclusão e Diversidade	Universidade Federal do Recôncavo Da Bahia (UFRB)
Educação do Campo	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Ensino e Relações Étnico-Raciais	Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
----------------------------------	---

Fonte: Tabela construída pela autora para fins dessa pesquisa a partir do levantamento feito na Plataforma Sucupira

Após identificar os Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em educação no contexto da Bahia-Brasil, acessei, via internet, os repositórios de teses e dissertações dos referidos programas a fim de mapear as pesquisas. O levantamento foi feito a partir da leitura do título e palavras-chave, operando com três descritores: feminismo negro, mulheres negras e mulheres negras professoras.

Foram localizadas várias pesquisas que versam sobre as relações étnico-raciais a partir de diferentes temáticas, no entanto, como o objetivo da pesquisa era identificar aquelas, cujo objetos relacionam-se especificamente às mulheres negras professoras, foi necessária atenção e leitura cuidadosa dos títulos e resumos de todas as pesquisas encontradas a fim de fazer um recorte que atendesse à temática investigada, o que possibilitou o levantamento de 41 dissertações e 03 teses, conforme apresentado no quadro 2.

**Quadro 2** - Total de pesquisas com mulheres negras apresentadas aos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em educação nas universidades do Estado da Bahia-Brasil (15/12/2022)

Instituição na Bahia	Programas	Dissertações	Teses	Total
UNEB	PPGEDUC	18	02	20
	MPED	01	-	01
	MPEJA	01	-	01
UFBA	Programa de Pós-Graduação em Educação	-	01	01
UFSB	Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER)	16	-	16
UESB	PPGED	05	-	05
Total		41	03	44

Fonte: Tabela construída pela autora para fins dessa pesquisa a partir do levantamento feito na Plataforma Sucupira

O estudo revelou que existe uma expressiva incidência de investigações desenvolvidas no âmbito da Universidade do Estado da Bahia, responsável por 22 pesquisas, assim

distribuídas: 02 teses e 18 dissertações defendidas no âmbito do Programa de Pós- Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC); 01 dissertação encontrada no repositório do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) e 01 dissertação defendida no âmbito do Mestrado Profissional de Educação e Diversidade (MPED).

Além dos trabalhos localizados no âmbito da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foram localizadas também 16 dissertações defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia; 05 dissertações defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); 01 tese defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

O estudo revelou que 01 tese e as 18 dissertações localizadas no repositório do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB) concentram-se no âmbito da Linha de Pesquisa 1-Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural. Daí a necessidade de fomentar a reforma disciplinar no campo da formação docente, a partir dos campos interdisciplinares de investigação como estudos sobre mulheres, gênero, sexualidade, estudos étnicos.

Considero importante tomar também a interseccionalidade como campo de investigação e como ferramenta analítica no âmbito da pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, em especial, nos estudos sobre formação docente, pois pode fornecer mais elementos para compreender a formação de mulheres negras professoras e como as múltiplas desigualdades sociais são estruturadas e replicadas também no âmbito da educação. Além disso, a interseccionalidade surge a partir dos movimentos sociais e os conhecimentos construídos dentro destes movimentos precisam ser valorizados nos espaços acadêmicos.

Ressalto que não foi intenção do estudo realizar um recorte temporal, no entanto, foi possível perceber um aumento das produções no ano de 2020 cujos objetos relacionam-se às mulheres negras, alcançando um total de 25 dissertações defendidas entre os anos de 2020 e 2022.

Por outro lado, o primeiro estudo localizado foi a Tese de Delcele Mascarenhas Queiroz (2001), intitulada Raça, Gênero e Educação Superior (Queiroz, 2001), apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Professor Dr. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. Queiroz (2001), partiu do interesse em conhecer a participação dos segmentos raciais e de gênero no Ensino Superior, para tanto, analisou a participação de estudantes na Universidade Federal da Bahia segundo a cor e

gênero e examinou, comparativamente, categorias e procedimentos de atribuição de identidade racial, verificando o efeito do status socioeconômico, da cor e do gênero sobre o desempenho dos estudantes através dos resultados do vestibular e do seu rendimento no curso.

Importa ressaltar que, conforme Figueiredo (2020), os estudos de gênero que incorporam a diferença de raça/cor no Brasil têm início em 1980, a partir dos estudos sobre relações raciais e os movimentos sociais negros, com o objetivo de denunciar as desigualdades educacionais e de renda entre as mulheres negras e os homens negros e entre as mulheres brancas e homens brancos, estando estes, conforme a autora, no topo da hierarquia, e as mulheres negras na base. Os estudos sobre gênero e raça no Brasil iniciam com os interesses políticos e acadêmicos das pesquisadoras negras, sendo que as referências utilizadas, conforme Figueiredo (2020), estão mais relacionadas às questões raciais que aos estudos feministas, sendo assim,

Essas avaliações vêm promovendo o engajamento das mulheres negras nas lutas gerais dos movimentos populares e nas empreendidas pelos Movimentos Negros e Movimentos de Mulheres nos planos nacional e internacional, buscando assegurar neles a agenda específica das mulheres negras. Tal processo vem resultando, desde meados da década de 1980, na criação de diversas organizações de mulheres negras que hoje se espalham em nível nacional; de fóruns específicos de discussões programáticas e instâncias nacionais organizativas das mulheres negras no país a partir dos quais os temas fundamentais da agenda feminista são perscrutados pelas mulheres negras à luz do efeito do racismo e da discriminação racial. (Carneiro, 2004, p. 120).

Após traçar um panorama quantitativo destas produções, iniciei uma leitura detalhada dos resumos a fim de responder às perguntas elencadas no início do estudo. A primeira delas foi entender quem são as mulheres negras que aparecem nas teses e dissertações apresentadas aos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação no contexto da Bahia.

O estudo revelou que os trabalhos encontrados falam com diversos grupos de mulheres negras: mulheres negras quilombolas, mulheres negras do Ensino Superior, mulheres negras rezadeiras, meninas negras, mulheres negras professoras, jovens e adolescentes negras, mulheres negras da EJA, estudantes negras, mulheres negras da comunidade de terreiro. Entendo que estas pesquisas estão imbuídas em desnaturalizar as condições de vida das mulheres negras na sociedade brasileira. Significa dizer que nós, mulheres negras, “somos humanas. Somos diversas. Somos visíveis” (Xavier, 2019, p. 52). Para complementar a ideia de que somos diversas, recorro a Santos (2008), quando ela afirma que,

Somos parteiras, professoras, enfermeiras, secretárias, policiais, desvinculando-nos do determinismo que reconhece como históricas as marcas da escravidão, porém ainda encontramos-nos nas fronteiras, pois os deslocamentos que fizemos nos conduziram para profissões também de prestígio social pouco elevado. Demos outras braçadas, atravessamos outras barreiras, somos médicas, advogadas, juízas, professoras que atuam em universidades, porém, ainda nessas funções de elevado prestígio, estamos sub-representadas (Santos, 2008, p. 90).

Optei por organizar em categorias os principais temas de discussão que aparecem nas pesquisas: Mulheres negras e maternidade; Mulheres negras e comunidades de terreiro; Jovens e adolescentes negras; Mulheres negras e o Ensino Superior; Mulheres negras e EJA; Mulheres negras professoras:

1. Mulheres negras e maternidade: trajetória acadêmica de mães estudantes negras de cursos de pós-graduação; o lugar da escola na (res)significação dos projetos de vida de adolescentes negras estudantes que são mães; maternidade de mulheres negras.
2. Mulheres negras e comunidades de terreiro: Desenvolvimento intelectual das mulheres negras de santo; identidades de mulheres negras que vivem os valores das comunidades-terreiro.
3. Jovens e adolescentes negras: percepções das adolescentes negras; identidades de raça, gênero e classe de meninas negras; processo de transição capilar e a construção positiva da autoimagem de jovens negras; expressões de mulheres negras jovens nos elementos que constituem o repertório cultural, estético e político do Hip-hop; narrativas autobiográficas de estudantes negras do Ensino Fundamental II.
4. Mulheres negras e o Ensino Superior: lugar hierárquico da mulher negra com alto grau de escolaridade; acesso e permanência em cursos majoritariamente masculinos e/ou excludentes para mulheres negras; desigualdades raciais e de gênero no ensino superior.
5. Mulheres negras e EJA: as práticas culturais de leitura de um grupo intergeracional de mulheres negras da Educação de Jovens e Adultos.
6. Mulheres negras professoras: histórias de vida de professoras negras.

Das 44 pesquisas encontradas, 43 foram construídas por mulheres negras, portanto, estudos que traduzem as oportunidades de fala dessas mulheres na academia. Assim, são pesquisas necessárias que interessam não apenas a nós, mulheres negras, mas a todos os grupos que se encontram na base da hierarquia social e a todas as pessoas que lutam pela dignidade humana pois, “apesar de o foco ser a mulher negra, nossa luta pela libertação somente tem significado se acontecer dentro de um movimento feminista que tenha por objetivo fundamental a libertação de todas as pessoas”. (hooks, 2023, p. 36). E conforme Carneiro,

a Plataforma Política Feminista oferece à sociedade a contribuição para uma sociedade democrática e socialmente justa. Sinaliza, claramente, para a urgência de instituição de um novo marco civilizatório no qual são colocados em questão a necessidade de avançar a democracia política. (Carneiro, 2004, p. 127).

Carneiro (2004) defende que o protagonismo político das mulheres negras possibilita mudanças de concepções no posicionamento político feminista no Brasil e contribuem para ampliação das discussões interseccionalizadas de gênero e raça, na busca coletiva de construir uma outra sociedade pautada na equidade racial, solidariedade e respeito à diversidade.

A autora complementa que as principais pautas da luta das mulheres negras são: romper com a visão universalizante de mulher, reconhecer as diferenças intragênero, reconhecer o racismo e discriminação racial enquanto fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais, reconhecer os privilégios que o racismo produz para as mulheres do grupo racial hegemônico, reconhecer a necessidade de políticas específicas para mulheres negras, o reconhecimento de que padrão estético privilegiado e hegemônico impõe violência simbólica e opressão às mulheres não brancas.

Outra reflexão necessária para fazer a partir desta constatação é que tais dados refletem a presença de mulheres negras na pós-graduação em educação, trazendo para a academia uma perspectiva de pesquisar com e não pesquisar sobre, pois “estudos de e com mulheres negras são capazes de gerar materiais que tenham implicações tanto para as maneiras pelas quais “raça” e gênero têm sido teorizados até agora quanto para a teoria social em geral.” (Kilomba, 2019, p. 109).

É neste sentido que concordo com Carvalho (2018), ao afirmar que, além de defendermos as cotas étnicas e raciais nas universidades, precisamos também defender as cotas epistêmicas, pois segundo o autor, a desqualificação dos saberes indígenas e

quilombolas, por exemplo, poderá indicar que tais grupos não constroem saberes importantes. Seria, portanto, uma forma de aprender com os brancos o saber eurocêntrico como o único saber. Conforme o autor, cotas étnico-raciais sem cotas epistêmicas seria uma forma de reproduzir a ideologia da superioridade do saber eurocêntrico.

Portanto, defendo a legitimidade das narrativas e saberes produzidos por negros e negras, indígenas, comunidades quilombolas, dentre tantos outros grupos, historicamente subalternizados, pois conforme hooks (1995) o trabalho intelectual pode nos ligar a um mundo fora da academia.

## **2.1 As pesquisas com mulheres negras professoras**

No universo de 44 produções preocupadas em discutir as diversas questões que afetam as mulheres negras, 04 dissertações falam especificamente com mulheres negras professoras, apresentadas ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado Bahia (UNEB), no âmbito da Linha de Pesquisa 1-Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural.

A primeira dissertação localizada foi a de Isabelle Sanches Pereira (2006), intitulada *Identidade de Raça-Gênero na formação docente: histórias de vida de professoras nos cenários familiares* (Pereira, 2006), sob orientação da Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho Costa. O estudo foi desenvolvido com 04 professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador que participavam do projeto “Escola Plural: a diversidade está na sala”, e teve como objetivo principal analisar a construção das identidades destas professoras relacionando-a com os conteúdos e experiências vivenciadas na família, além de compreender de que forma as identidades de raça-gênero são construídas no contexto familiar.

Outra dissertação localizada foi a de Luciana Nascimento dos Santos (2008), intitulada “Mulher negra professora entre a crisálida e o beija-flor: O invisível e o revelado, o silêncio e a escrita de si” (Santos, 2008), sob orientação da professora Dra. Ana Célia da Silva. A intenção inicial de Santos (2008), era pesquisar as trajetórias de formação de professoras negras, mas desejou mudar o percurso da pesquisa, pois a professora Luiza Carmo de Jesus, que havia lhe inspirado, sofreu um infarto fulminante em 02 de agosto de 2006, quando dava aula em uma turma de Educação Infantil e, de maneira sensível, a autora redireciona o percurso da sua pesquisa e decide investigar a história de vida dessa mulher negra professora.

A pesquisa passa a ser orientada a partir dos seguintes questionamentos: Como se compôs a história de vida da mulher negra que se tornou professora? Quais as implicações do racismo, do preconceito e da discriminação na vida da professora? Quais elementos, caminhos, incômodos, dores, “verdades”, resistências, proporcionaram tal construção? Quais as implicações do racismo para o processo de morbimortalidade da mulher negra? A mulher negra professora, no percurso da sua trajetória, silencia, internaliza a inferiorização ou se contrapõe ao exercício da exclusão racial e ressignifica a própria história?

A autora apresenta reflexões sobre a mulher negra na sociedade brasileira e dados estatísticos que revelam o acesso das pessoas negras à educação. Números expressivos que, conforme Santos (2008), revelam as desigualdades que incidem sobre a vida das pessoas negras no Brasil, fazendo questão de apresentar também o movimento de contraposição através da luta do povo negro pela educação.

Santos (2008), considera que a história de vida da professora Luiza representa também a sua caminhada e de tantas outras mulheres negras em lugares e tempos distintos. Concordo com a autora e confesso que me emocionei por diversas vezes durante a leitura desta dissertação.

As lágrimas caíram e um sentimento de gratidão pela oportunidade de conhecer, através de Santos (2008), a história de vida da mulher negra professora Luiza Carmo de Jesus, e o desejo de me unir a ela, a Luciana e a tantas outras mulheres negras, as quais “protagonizam histórias de luta por liberdade, por melhores condições de vida, que vêm sendo escritas desde a hedionda experiência da escravidão até os dias atuais.”(Santos, 2008, p. 54). Para Santos (2008), o Magistério significa para nós, mulheres negras, uma conquista e um ato de transgressão, tendo em vista os lugares que historicamente nos foram determinados.

A dissertação de Lilian Almeida dos Santos (2011), intitulada “Professoras Negras na Educação de Jovens e Adultos: Identidades, Memórias e Docência” (Santos, 2011), sob orientação da professora Dra. Kátia Maria Santos Mota, faz um entrecruzamento das narrativas de quatro professoras negras da EJA através das categorias de raça, gênero e docência, e busca apresentar como os fatos sociais marcados em memórias narradas se tornam estruturantes das ações pedagógicas dessas professoras.

A autora parte das seguintes questões: a) como ocorreram a trajetória escolar e a formação docente das educadoras negras nas suas histórias de vida? b) de que forma os seus saberes experienciais, concebidos a partir das experiências enquanto discente/docente, refletem suas concepções político-pedagógicas da EJA? c) qual o nível de consciência política

que revelam sobre o seu papel social enquanto docente, considerando que a EJA apresenta um grande contingente de educandas negras?

A autora apresenta relatos de experiências de racismo vivenciadas pelas professoras, principalmente no ambiente escolar, e questiona se é possível à mulher negra professora que viveu experiências negativas na sua trajetória escolar provocar reação contrária que acolha e estimule o estudante a desenvolver o seu potencial pessoal/profissional. A autora também apresenta dados estatísticos que revelam as condições sociais, econômicas e educacionais da população negra no Brasil, dando ênfase às condições da mulher negra na contemporaneidade.

Os resultados da pesquisa revelam que todas as professoras estudaram em escolas públicas e foram as primeiras mulheres da família a terem acesso à universidade e conseguir uma estabilidade financeira, reflexo da importância da educação para as suas famílias, enquanto possibilidades de sair da condição de pobreza, e a opção pelo Magistério enquanto desejo de uma intervenção sociocultural.

Outra dissertação localizada é a de Micheline Fernandes de Lima Sousa (2019), intitulada “Minha Professora é “black”! O corpo como suporte no processo de Construção Identitária nas Experiências Formativas de Professoras do Ensino Superior” (Sousa, 2019), sob orientação da Profa. Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz e teve como objetivo analisar de que forma as professoras negras que atuam no Ensino Superior constroem suas identidades étnico-raciais e profissionais a partir da relação afirmativa que estabelecem com seus corpos.

As mulheres negras professoras que participaram do estudo de Sousa (2019), são filhas de empregadas domésticas e a primeira pessoa da família a adentrar em uma universidade, exceto uma das participantes. Segundo a autora, essas mulheres negras ousaram a subverter a lógica da subordinação e representam a possibilidade do rompimento de ciclo de negação e interdição da presença das mulheres negras nos lugares e ocupações valorizadas socialmente.

A pesquisa revela que a partir das suas experiências atravessadas pelo racismo e a sua relação com os seus corpos negros, as professoras buscam nas instituições o aquilombamento e constroem práticas transgressoras em suas salas de aula e em outros espaços de educação através do processo de decolonização da ciência e disseminação de diferentes epistemologias.

Conforme Sousa (2019), as experiências dessas professoras no ensino superior têm a marca da resistência, pois elas precisam, a todo tempo, superar as diversas formas de opressão para se tornarem professoras de uma universidade pública, pois,

No imaginário social, a mulher negra é aquela destituída de inteligência, marcada pela sexualização do seu corpo e que tem no ambiente doméstico seu lócus “natural”. Estar deslocada do lugar pensado para nós em uma sociedade fortemente marcada pelo racismo e machismo gera inquietações e desconfortos, mas também reflexões sobre as representações do/a negro/a em nossa sociedade (Sousa, 2019, p. 133).

Portanto, a academia é, para elas, o lugar onde são travadas as maiores lutas, e a família, a escola e a rua são os lugares onde estas mulheres negras professoras se constituem enquanto pessoas e profissionais. Ainda, conforme Sousa (2019), a escola é o espaço onde as professoras vivenciaram as primeiras experiências com a discriminação, o preconceito e o racismo, mas por outro lado, revelam que a escola também pode ser um espaço de enegrecimento, de resistência e aquilombamento.

## **2.2 Reflexões sobre as pesquisas encontradas**

Para a realização deste levantamento, encontrei algumas dificuldades, uma delas refere-se à estrutura dos resumos dos trabalhos localizados. Como argumenta Severino (2007), o resumo deve ser uma apresentação sucinta do trabalho, sendo assim, algumas informações são indispensáveis para possibilitar ao leitor uma ideia completa do documento analisado.

Houve também impasse para a identificação, em alguns resumos, das seguintes informações: os principais referenciais teóricos utilizados, os procedimentos metodológicos adotados, os resultados da pesquisa, além da natureza da pesquisa. Um exemplo disso é que, dos trabalhos encontrados, apenas 9 informam em seu resumo os principais teóricos utilizados, sendo que os autores que mais aparecem são: Fanon (2008, 2015); Hall (2005, 2006); Moita Lopes (2003, 2008); Munanga (1996, 2002, 2004); Crenshaw (2002, 2004, 2019); bell hooks (1995, 2017, 2019); Bardin (1970, 2016); Gomes (2005, 2017, 2020).

Outra dificuldade encontrada foi no sentido de identificação da base metodológica e a natureza da pesquisa, pois na maioria dos resumos constam os procedimentos, mas não deixam explícito as bases metodológicas utilizadas. Sendo possível identificar que, entre aqueles que apresentam tal informação há uma incidência da (auto)biografia, história oral, inspirações etnográficas, etnografia escolar e pesquisa ação.

Em relação aos procedimentos metodológicos, os que mais aparecem são: entrevistas semiestruturadas, rodas de conversas virtuais, aplicação de questionários, observações

participantes, entrevista narrativa, rodas de conversas presenciais e produção de diário de pesquisa. Do ponto de vista das técnicas de análise dos dados, foram encontradas a análise de conteúdo e a análise interseccional.

Tal constatação nos leva a refletir sobre a importância dos resumos das teses e dissertações publicadas, tanto para a realização dos estudos do tipo Estado da Arte e Estado do Conhecimento, quanto para fornecer ao leitor/pesquisador as informações necessárias sobre a pesquisa, levando-o à leitura do texto na íntegra.

Conhecer as pesquisas com mulheres negras professoras, desenvolvidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação no estado da Bahia é de grande relevância, pois apresentam debates sobre categorias teóricas pertinentes e abrem possibilidades para continuarmos produzindo conhecimentos acadêmicos com mulheres deste perfil.

Entendo que ainda temos um longo caminho a percorrer, por exemplo, quando observamos o quantitativo de pesquisas encontradas no contexto da Bahia, para pensar a formação e a profissão docente a partir das perspectivas, olhares e experiências de mulheres negras professoras. Além disso, as pesquisas encontradas são a nível de Mestrado, implicando a necessidade de pesquisa também no Doutorado.

De modo geral, o Estado do Conhecimento aponta para a necessidade de fortalecermos nas diversas linhas de investigação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, redes de conhecimentos que atravessem as singularidades do ser mulher negra na sociedade brasileira, a partir de diversos elementos e diferentes perspectivas, pois conforme apresentado ao longo do trabalho, as pesquisas com mulheres negras, em especial, mulheres negras professoras, foram construídas no âmbito de uma linha de investigação específica. Precisamos ultrapassar os limites das linhas de pesquisas e construir uma rede de conhecimentos dentro dos programas a fim de fortalecermos a temática, inclusive com a criação de disciplinas sobre feminismo negro, mulheres negras na sociedade brasileira ou interseccionalidade.

Apesar de serem pesquisas desenvolvidas com mulheres negras professoras, a interseccionalidade não aparece como investigação crítica e nem como ferramenta analítica, então, fica uma pergunta: como investigar com mulheres negras sem pensar nas estruturas interseccionais que atravessam essa condição de ser mulher negra? Embora compreendamos com Collins e Bilge (2021) que “não existe uma estrutura interseccional a ser aplicada a todos os campos. Ao contrário, cada campo acadêmico de estudo aborda diferentes aspectos da

interseccionalidade em relação a suas preocupações específicas”. (Collins e Bilge, 2021, p. 61).

Por este motivo, precisamos estar atentas/os para que as nossas pesquisas não reproduzam as hierarquias sociais existentes, pois ao realizar a pesquisa com mulheres negras professoras, elas não podem ser silenciadas, além disso, utilizar as epistemologias homogêneas que se encontram em instituições de prestígios poderá refletir o poder epistêmico atribuído às comunidades investigativas privilegiadas, pois, como nos alerta Nascimento (2021),

Torna-se ainda mais difícil construir uma metodologia desse estudo, pois, impregnado de uma cultura em todos os sentidos branca e europeizada, se faz necessário perguntar a si próprio se determinados termos correspondem à sua perspectiva, se não são somente reflexos do preconceito, repetidos automaticamente sem nenhuma preocupação crítica. Ou seja, se não estamos somente repetindo os conceitos do dominador sem nos perguntarmos se isso corresponde ou não à nossa visão das coisas, se esses conceitos são uma prática, se isso é satisfatório para o negro. Somos aceitos por quem? Para quê? O que muda ser aceito? O que é ser igual? A quem ser igual? É possível ser igual? Para quê ser igual?” (Nascimento, 2021, p. 53-54).

Importa destacar também que as pesquisas encontradas, que falam especificamente com mulheres negras professoras apresentam dados estatísticos quanto às desigualdades entre as pessoas negras e brancas na sociedade brasileira, em particular, a situação socioeconômica, mercado de trabalho, rendimento e nível de escolaridade das mulheres negras. Nascimento (2021), fazia esta denúncia, por exemplo, desde a década de 80, ao afirmar que nos recenseamentos de 1940, 1950 e 1970,

a mulher branca conseguiu maior acesso ao curso superior, diminuindo proporcionalmente a desigualdade entre ela e o homem branco. A recíproca não foi idêntica quanto à população negra mestiça, menos ainda em relação à mulher negra (Nascimento, 2021, p. 58-59).

Neste sentido, a partir de tais denúncias e constatações, precisamos construir pesquisas com mulheres negras com vistas a reverter desigualdades e fortalecer, na academia e nos diversos espaços da sociedade, a luta política contra o racismo, a discriminação racial e a reparação das desigualdades históricas as quais tem como pano de fundo uma estrutura de sociedade racialmente hierarquizada.

Se as pesquisas com mulheres negras derivam destes movimentos ativistas deste mesmo perfil, e estes movimentos, por sua vez, têm suas bases assentadas nas sensibilidades

interseccionais, embora não utilizassem o termo, entendo que as pesquisas com mulheres negras precisam partir também desta ideia, tendo em vista que pensar as opressões que essas enfrentam a partir das estruturas de raça, classe, gênero ou sexualidade. Lacunas que precisam ser preenchidas com novos estudos, todavia, entendendo que “até chegarmos aqui, foram muitas braçadas, muitos caminhos percorridos, mas sabemos que largos passos ainda precisam ser dados, porque somos mulheres negras a nos reinventarmos diariamente porque continuamos querendo a vida.” (Santos, 2008, p. 90).

Para finalizar, chamo a atenção que o estado do conhecimento foi realizado com as pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação no contexto da Bahia-Brasil, mas cabe destacar que foram localizadas pesquisas em outros programas de pós-graduação *stricto sensu*, tais como, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM-UFBA), Programa de Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (PÓS-AFRO-UFBA) e Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC-UESB), os quais ocupam um papel importante no campo das produções acadêmicas com mulheres negras, no entanto, em função do objetivo e do tempo dispensado, não foi possível apresentá-las, abrindo possibilidades para estudos futuros.

Conhecer a produção de teses e dissertações com mulheres negras professoras, produzidas no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no contexto da Bahia-Brasil me possibilitou aprofundar e ampliar as questões investigadas, e definir os conceitos e categorias, que articulados entre si, me ajudaram a compreender os resultados e conclusões do presente estudo. E diante da realização do Estado do Conhecimento, defendo a inclusão de disciplinas sobre formação docente a partir da perspectiva da interseccionalidade e da epistemologia do feminismo negro no âmbito dos programas de pós-graduação em educação.

### CAPÍTULO III - METODOLOGIA

Para além dos caminhos metodológicos da pesquisa-escrivência, serão apresentadas neste capítulo as relações tecidas entre a base epistemo-teórico-metodológica e os objetivos traçados, de maneira a demonstrar como estes elementos dialogam com o objeto de investigação que é a formação inicial de mulheres negras professoras, e apresentar também os caminhos metodológicos na busca por responder às seguintes questões: de que maneira os marcadores sociais de raça, classe e gênero atravessam a formação inicial de mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador? E como estas mulheres negras se constituíram professoras? Tendo em vista alcançar o objetivo principal: compreender a formação inicial de mulheres-negras-professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, na intersecção dos marcadores sociais de raça, gênero e classe. E os objetivos específicos, a saber: Conhecer as experiências das mulheres negras professoras durante a sua formação inicial, destacando a intersecção entre os marcadores de raça, classe e gênero; Analisar as possibilidades de acesso e permanência das mulheres-negra-professoras no ensino superior; Identificar o sentido da profissão docente para essas mulheres negras professoras.

Neste sentido, serão apresentados não apenas o registro das regularidades, mas também, “dos imprevistos, das surpresas, dos inesperados, dos impasses e dos encaminhamentos e soluções adotados em campo” (Gatti, 2012, p. 70). Apresentar os impasses, os imprevistos e equívocos dessa pesquisa-escrivência significa compreendê-la enquanto um processo não linear, inacabado, no qual foi necessário repensar alguns conceitos, retomar leituras a partir de outras perspectivas, dialogar com diferentes bases epistemo-teórico-metodológicas e distanciar da ideia de neutralidade e objetividade, tendo em vista que a pesquisa-escrivência está marcada pelas minhas experiências e subjetividades, e que a Valcineide-mulher-negra-professora, não poderia estar dissociada da Valcineide-pesquisadora. Foi preciso reaprender, pois como bem afirma Natália (2020),

A academia nos ensinou que a melhor forma de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica. Escrevemos, portanto, milhões de textos que narravam nossos estudos em terceira pessoa, afastando-nos do campo de visão-experiência, investimos em objetos nos quais as falas da raça estavam ausentes, acreditando que estudar o pensamento branco, obedecendo a seus paradigmas e métodos de análise, nos aproximava de um rigor científico que, de outra forma, seria impossível. (Natália, 2020, p. 211).

Assim também, Najmanovich (2003), argumenta que não devemos colocar o método na frente da experiência, e que não há apenas um caminho para explorar, para conhecer e para pesquisar. Segundo a autora, podemos construir os nossos próprios caminhos, sabendo que são caminhos incertos, não absolutos e que requer a aceitação das nossas limitações e da incompletude de todo e qualquer conhecer. Ainda, conforme a autora, precisamos, durante as nossas pesquisas, mergulhar nos mares da incerteza e da criatividade.

E na busca de construir os meus próprios caminhos teórico-metodológicos, foram necessárias algumas rupturas, e uma delas foi a ruptura epistemológica, pois começo a entender que seria um equívoco “adequar” a pesquisa-escrevivência à epistemologia acadêmica tradicional a qual estamos acostumadas na academia, tendo em vista que, conforme Collins (2019), é uma epistemologia que reflete os interesses dos homens brancos de elite, na qual, as experiências das mulheres negras foram distorcidas ou excluídas. Ao contrário, eu optei por adotar os pressupostos epistemo-teórico-metodológicos a partir de perspectivas que refletissem os nossos interesses enquanto mulheres negras, entendendo que seria “difícil incluir novas ideias em velhas epistemologias e metodologias com a expectativa de que o resultado será mais crítico que antes” (Collins, 2022, p.209).

Na busca, como diz Collins (2022), por resultados mais críticos, me amparei em uma epistemologia que transcende as barreiras acadêmicas, pois compreendo que os conhecimentos também são construídos fora desse espaço e que os diálogos entre estes conhecimentos precisam ser estabelecidos. Ressalto que epistemologia é tomada aqui a partir de Collins (2019), enquanto uma teoria abrangente de conhecimentos que orienta os referenciais interpretativos e os princípios gerais que indicam como a pesquisa foi conduzida, justificando a minha opção pela epistemologia do feminismo negro enquanto uma teoria abrangente de conhecimentos construída a partir da condição específica do ser mulher negra,

herdeira dos quilombos, como Dandara e Luisa Mahin, de Tia Ciata e Mãe Senhora; mas sobretudo da grande massa anônima que na casa grande ou na senzala, no eito ou nos quilombos, no candomblé ou na umbanda, nos ranchos ou nos afoxés garantiu a sobrevivência de todo um povo enquanto raça e cultura (González, 2020, p. 200).

Portanto, a minha escolha epistemológica e, conseqüentemente, os referenciais interpretativos e metodológicos se sustentam na produção intelectual das mulheres negras. Significa construir uma pesquisa-escrevivência, conforme Collins (2019), a partir de um pensamento que reflete os temas presentes nas experiências das mulheres negras, tais como,

trabalho, família, maternidade, ativismo político, dentre outros e que, conforme a autora, baseia-se em paradigmas que enfatizam as opressões interseccionais as quais as mulheres negras estão submetidas. Neste sentido, trata-se de um pensamento subjugado (Collins, 2019), que abre mão de epistemologias, métodos e metodologias tidas como universais, pautadas na supremacia branca e nas normas acadêmicas hegemônicas.

Collins (2009) alerta que para satisfazermos os padrões de adequações metodológicas muitas vezes recorreremos às epistemologias eurocêntricas e, a partir do momento em que tentamos adotar a epistemologia do feminismo negro, encontramos mais dificuldade para resistir aos padrões das epistemologias hegemônicas do que para demonstrarmos que somos capazes de adotá-las. Quando faço a opção por fundamentar a pesquisas na epistemologia do feminismo negro, tomo as experiências coletivas das mulheres negras enquanto critérios de credibilidade e, a partir do momento em que estas experiências são compartilhadas, elas “tornam-se sabedoria coletiva de um ponto de vista de mulheres negras” (Collins, 2019, p. 558). Conforme a autora, trata-se de uma epistemologia alternativa para validar as nossas autodefinições.

Posso afirmar que a epistemologia do feminismo negro me permitiu assumir na pesquisa-escrevivência o meu posicionamento social de raça, classe e gênero, me possibilitou lançar uma olhada mais franca sobre nós mulheres-negras-professoras (hooks, 1995), sobre as nossas histórias, as quais não podem ser invisibilizadas e/ou silenciadas, e conseqüentemente, me deu subsídios para adotar a escrevivência enquanto procedimento metodológico e a interseccionalidade enquanto perspectiva de análise.

Trata-se de uma pesquisa-escrevivência de abordagem qualitativa, pois nessa abordagem busca-se superar o distanciamento entre o sujeito e objeto e a preocupação está nos conhecimentos construídos ao longo do processo. Dentre outras definições de abordagem qualitativa, optei por adotar as defendidas por Galeffi (2009), pois na obra “Um Rigor Outro”, elaborada em parceria com Macedo (2009) e Pimentel (2009), ele defende que o rigor nas pesquisas qualitativas está para além de métodos e/ou modelos epistemológicos “e nada tem a ver com uma exteriorização metodológica de passos e regras de como conduzir uma investigação científica consistente” (Galeffi, 2009, p. 44).

O autor complementa que ter rigor na pesquisa qualitativa é fazer a coisa com arte e de maneira crítica, e ser crítico não tem a ver com ser intolerante, pelo contrário, tem a ver com ser justo, criterioso e cuidadoso e tem a ver, principalmente, com aprender a duvidar, perguntar e questionar o que está posto como dado. Portanto, “ser crítico antes de tudo

significa aprender o justo e a justeza das coisas por conta própria, e não por simples imitação ou por mera bricolagem primária de fontes externas”(Galeffi, 2009, p. 41). Por esse motivo,

é hora de reinventar uma pesquisa qualitativa qualificada que não pode mais andar a reboque dos métodos científicos que lidam com fenômenos ditos naturais, portanto, exteriores ao fluxo vital dos seres humanos concretos. Afinal a qualidade é algo próprio de quem sente, percebe, julga, conceitua, afeta e é afetado por aquilo que percebe (Galeffi, 2009, p. 46).

Galeffi (2009), nos convoca a deixar “de aceitar a ideia de que só os cientistas e filósofos profissionais têm autoridade para pensar criticamente e para desenvolver métodos infalíveis de pesquisa” (Galeffi, 2009, p.45-46), embora eu compreenda a importância destes modelos, penso que precisamos fazer-pensar outras formas de pesquisas implicadas às nossas vidas e ao desejo de transformar a realidade posta, e foi justamente isto que aconteceu nesta pesquisa-escrevivência a qual não teria sentido sem esta implicação.

É nessa busca por outras formas de pesquisar que o meu objeto de investigação se encontra com Conceição Evaristo, e eu começo a estabelecer um diálogo entre ciência e literatura, pois Evaristo (2011), defende que os artistas criam a partir da escuta atenta ao seu mundo, e eu, enquanto pesquisadora, preciso também estar atenta ao meu mundo, à minha realidade e à realidade de tantas outras mulheres-negras-professoras. A partir daí, nasce o desejo de estabelecer um elo entre a pesquisa e a literatura de Conceição Evaristo, em especial, com o conceito de Escrevivência por ela criado, pois, assim como a literatura pode partir da realidade, da escuta sensível do mundo do escritor, também a pesquisa poderá partir da escuta do mundo e da realidade do/a pesquisador/a.

A partir desse diálogo com o pensamento de Conceição Evaristo, começo a me questionar: por que não pensar-fazer a pesquisa a partir do conceito de Escrevivência elaborado pela autora, tendo em vista a sua potência político-metodológica para além do campo literário? Descobri que não estava sozinha nessa empreitada. E para exemplificar, encontro Felisberto (2020), que reforça que Conceição Evaristo, além de fazer “um chamamento para outras narrativas negras, ela também tem provocado outras escrevivências e, conseqüentemente, outras páginas da academia brasileira” (Felisberto, 2020, p. 179).

Também me deparo com os escritos de Borges (2020), que defende que a escrevivência é um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história” (Borges, 2020, p. 189).

Deparo-me também com Dorneles, Meinerz, Rosa (2024), as quais defendem que a escrevivência desestabiliza a escrita literária e expande os regramentos das escritas científicas, criando novas possibilidades de pesquisar. De acordo com as autoras, “incorporar e realizar escrevivência é fazer histórias por mãos pretas, fundir e confundir vivências negras, ensejar maneiras de viver junto e construir mundo-vida” (Dorneles *et al.*, 2024, p. 20).

As autoras defendem que a escrevivência não precisa estar necessariamente coadunada com outros métodos, pois ela, enquanto fundamentação teórico-metodológica, possibilita formas outras de pesquisa e de escrita a partir das experiências e conhecimentos de comunidades negras, sendo, conforme as autoras, parte de um processo de virada epistêmica na produção de conhecimento, reposicionando tanto o método quanto a teoria.

A partir desse aquilombamento epistemológico, a pesquisa começa a ganhar a sua própria “forma”: forma de um corpo-pesquisa, incerto, inacabado, e porque não dizer, começa a se constituir enquanto uma pesquisa-escrevivência, onde eu invento para mim uma posição de pesquisadora e um modo próprio de fazer pesquisa, pois os conhecimentos construídos ao longo dessa pesquisa-escrevivência tem início a partir da minha condição de mulher negra que se relaciona a todo tempo com o objeto de investigação, portanto, uma pesquisa

que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (Evaristo, 2017, n.p).

Embora Evaristo (2017) apresente o conceito de Escrevivência na perspectiva da literatura, afirmando que a subjetividade do escritor contamina a sua escrita e traz para o seu texto poético as suas escolhas temáticas e as suas vivências, autorizo-me a aproximar o seu pensamento ao campo científico, pois entendo que não teve como a minha subjetividade, escolhas e opções político-sociais não interferirem nessa pesquisa-escrevivência e, conseqüentemente, na escrita desta tese. Portanto, adoto a Escrevivência enquanto operador teórico-metodológico, pois

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma

imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

A partir da definição de escrevivência apresentada por Evaristo (2020), posso afirmar que essa pesquisa-escrevivência tem a intenção de questionar o campo da formação docente a partir das escrevivências de mulheres negras, as quais, apesar das adversidades e das poucas oportunidades, constituem-se professoras e procuram fazer da profissão docente instrumento de transformação, possibilitando “os sonhos e o futuro” (Evaristo, 2011, p.66), para que outras mulheres negras (professoras ou não) continuem as narrativas para ninar e acordar (Evaristo, 2011).

Narrativas para ninar e acordar que são constituídas pelos fatos fundantes da formação inicial de mulheres negras professoras, as quais revelam o que é coletivo na nossa formação inicial e o que temos a falar sobre o nosso acesso e permanência no ensino superior. E foi a Escrevivência, enquanto procedimento metodológico, que me conduziu em busca de respostas para essas inquietações e me ajudou a compreender algumas fendas da nossa formação inicial e da nossa profissão.

Encontro, portanto, em Evaristo (2011), o fundamento metodológico da pesquisa-escrevivência, porque ela defende a existência de “um corpo-autor que se inscreve em sua escrita”, e eu falo da existência de uma sujeita-mulher-negra-pesquisadora que se inscreve na cena científica a partir da minha subjetividade e dos modos de dizer, incorporados por mim e pelas mulheres negras professoras, pois aqui, a voz, a letra e a escrita nos pertencem e estamos produzindo, como diz Evaristo (2011), uma pesquisa de combate.

A escrevivência enquanto princípio conceitual-metodológico também permitiu a essas mulheres-negras-professoras ecoar a voz sobre a sua formação inicial, daí a importância de uma metodologia que valorizasse também essas vozes, apresentadas aqui através da linguagem escrita e constituem o *corpus* da pesquisa-escrevivência. Ressalto que, embora eu tentasse ao máximo ser fiel às vozes ecoadas, não seria possível expressar, através da linguagem escrita, todos os não ditos, gestos, risos e silêncios que emergiram desses encontros e, “que palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e o dizer sobre ele,

o escrever sobre ele, fica sempre um vazio”. (Evaristo, 2020, p. 37). Uma escrita coletiva marcada pela voz e pelo corpo de “sujeitas-mulheres-negras” (Evaristo, 2020), enquanto potência para o acolhimento de outros corpos.

As vozes ecoadas foram de 6 (seis) mulheres negras professoras convidadas para participarem da pesquisa-escrevivência atendendo aos seguintes critérios: atuarem no Órgão Central, Gerência Regional de Educação e escolas; ocuparem a função de diretora, coordenadora pedagógica e professora, pois embora ocupem diferentes funções na Rede Municipal, todas são professoras de formação, se aproximando da intenção do estudo; o terceiro critério é que as participantes deveriam desenvolver trabalhos voltados para a temática étnico-racial nos seus diferentes espaços de atuação; e o principal critério de participação é que elas tivessem o desejo de contar as suas experiências de formação-profissão. Apesar de estabelecer os critérios para escolha das participantes, não poderia generalizar as escrevivências dessas mulheres negras professoras no âmbito da formação inicial, pois trata-se aqui de uma pesquisa de abordagem qualitativa.

Importante destacar que a pesquisa-escrevivência seguiu as normas aplicáveis às ciências humanas e sociais previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016, a qual reconhece as especificidades éticas desse tipo de pesquisa e de outras que utilizam metodologias próprias. Por esse motivo, as participantes da pesquisa-escrevivência puderam decidir por ter a sua identidade divulgada.

Seguindo os procedimentos metodológicos, realizei o estado do conhecimento com o objetivo de conhecer a produção acadêmica expressa em teses e dissertações cujos objetos referem-se às mulheres negras professoras, defendidas no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação das universidades do estado da Bahia-Brasil. Considero que foi realizado um Estado do Conhecimento pois, conforme Romanowski e Ens (2006), para ser considerado Estado da Arte não basta estudar os resumos de dissertações e teses, mas também as diversas produções em congressos e periódicos da área.

Outra etapa da pesquisa foi a revisão de literatura para ampliar o referencial teórico-metodológico em busca de alcançar os objetivos propostos. Uma etapa que atravessou todo o processo de investigação, pois à medida que realizava as leituras no campo do feminismo negro e dos projetos de conhecimento das escrevivências e da interseccionalidade, compreendia que as primeiras epistemologias que orientaram a minha formação e o meu fazer acadêmico não davam conta de explicar as minhas inquietações, por isso a necessidade de ampliar cada vez mais o referencial teórico-metodológico a partir, principalmente, dos estudos

de Gonzalez (2020, 2022), Nascimento (2021), Carneiro (2020), Gomes (2008, 2017, 2018), hooks (1995, 2017, 2019, 2023), Evaristo (2005, 2011, 2017, 2020, 2021), Collins (2015, 2017, 2019, 2021, 2022), Davis (2016), Santos (2021), Fanon (2020, 2022), Nascimento (2016), Bento (2022), dentre outros.

Tentando descrever todas as etapas da pesquisa, apresento aqui o processo de imersão no campo empírico, no qual foi necessário estabelecer contato com as mulheres-negras-professoras para apresentar a intenção da pesquisa-escrevivência e convidá-las a ecoar a voz sobre a sua formação-profissão. Em seguida, encaminhei à Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED), o projeto de pesquisa e os nomes das participantes e respectivos espaços de atuação, a fim de solicitar autorização de acesso aos espaços institucionalizados da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador/Bahia.

Após a autorização da pesquisa (ANEXO 2) por parte da Secretaria Municipal de Educação (SMED), foram encaminhados ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP/UNEB, os documentos necessários para análise do projeto a fim de atender aos procedimentos necessários às pesquisas científicas que envolvem seres humanos sendo que, no dia 19 de Abril de 2022, foi emitido o parecer consubstanciado de Número 5.356.754 (ANEXO 3), considerando o projeto aprovado para execução, tendo em vista, conforme o parecer, os benefícios a serem gerados pela pesquisa.

Depois de autorizado o estudo tanto pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), quanto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP/UNEB, estabeleci contato com as professoras, via *WhatsApp*, mencionando os principais aspectos da pesquisa-escrevivência e solicitação para que elas confirmassem a sua participação.

Os encontros foram realizados individualmente com cada professora em local e horário escolhidos por elas, de acordo com a sua disponibilidade, sendo que 5 (cinco) delas optaram por realizar no próprio espaço de trabalho e 1 (uma) delas optou por realizar na sala de reunião do *Tech4kids*.<sup>2</sup> Eu denominei estes encontros de conversas dialógicas, pois as vozes ecoadas foram impactantes e eu não tive como me silenciar e não estabelecer um engajamento dialógico com cada uma dessas mulheres negras professoras, entendendo, como Collins (2022), que o engajamento dialógico precisa se concretizar também na construção do conhecimento e não pode ser apenas uma ideia teórica, mas também uma prática metodológica, considerando que,

---

<sup>2</sup> Projeto que leva noções de ciência da computação ao Ensino Fundamental I da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2017, p.174).

Além disso, conforme Collins (2019), o engajamento dialógico é uma dimensão da epistemologia feminista, e tanto a conexão quanto o diálogo são componentes necessários para a validação do conhecimento e tem raízes africanas (Collins, 2019), e é nessa conexão, conforme a autora, que nos tornamos mais humanas e empoderadas.

O que justifica a utilização das conversas dialógicas enquanto estratégia metodológica é a importância que o diálogo e a conexão têm na construção dos conhecimentos pautados na epistemologia do feminismo negro. Além de que, a oralidade é um dos elementos importantes da escrevivência, pois Evaristo (2020) busca no seu projeto literário uma estética que se confunde com a oralidade, e a intenção dela é criar uma literatura a partir das próprias experiências “com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo”. (Evaristo, 2020, p.42). Significa dizer, como bem afirma Fonseca (2020, p.61), que “a escrita de Evaristo bebe, pois, na rica fonte da oralidade, em falas e gestos que preparam o escrever”.

Para que o diálogo aconteça, alerta Collins (2019), é necessário a nossa participação ativa, que acontece a partir das interações verbais e não verbais e da empatia enquanto a ética do cuidar. E foi justamente a interação e a empatia que possibilitaram às mulheres negras professoras se sentirem seguras e livres para contarem como elas se constituíram professoras. Devo dizer que foram momentos intensos, verdadeiros e carregados de emoção, nos quais sorrimos por diversas vezes.

As vozes ecoadas tomaram forma de lágrimas em alguns momentos, e em outros, tomaram forma de silêncio. O silêncio não como falta, mas como algo, conforme Evaristo (2011), que existe antes e depois da fala, enquanto uma forma também de significar a si própria. E à medida que as vozes eram ecoadas durante as conversas dialógicas, eu refletia sobre a necessidade de rompermos com a naturalização dos sofrimentos, dores e dificuldades enfrentadas por nós mulheres negras para ocuparmos os diferentes espaços na sociedade brasileira, em particular, os espaços acadêmicos. Nessa direção, Pimentel (2009) destaca que,

se por um lado o envolvimento subjetivo põe em risco a objetividade do conhecimento produzido nas pesquisas qualitativas, por outro lado lhes confere unidade conceitual e metodológica quando o investigador consegue se distanciar o bastante do seu campo para ver com outros olhos aquilo que

se “naturalizou” na sua experiência pessoal, bem como na experiência dos outros com os quais compartilha o seu campo de investigações (Pimentel, 2009, p. 129).

Através do distanciamento foi possível desnaturalizar as nossas experiências durante a formação inicial, bem como o nosso acesso e permanência no ensino superior, e é a desnaturalização das nossas experiências que justifica as posturas epistemo-teórico-metodológicas aqui adotadas e o exercício de rupturas que precisei fazer ao longo da pesquisa.

As conversas dialógicas foram gravadas em um aparelho tecnológico e transformadas em uma escrita de nós mulheres-negras-professoras e, apesar de ser escrita na primeira pessoa, trata-se de uma fala e uma escrita que é coletiva. Amparada em Dantas (2009), compreendi que, mesmo transformando as vozes em linguagem escrita, estas não perderam a sua autenticidade. Após transformar as conversas dialógicas em linguagem escrita, devolvi às participantes para que elas se sentissem livres para expressarem seus sentimentos e reflexões a partir da própria voz e, decidissem qual parte da escrevivência poderia ser tratada de forma pública, atendendo à Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016.

Por esse motivo é que a escrevivência é tomada por uma coletividade que extrapola o sentido da escrita de si, portanto, não é uma escrita individualizada, porque nasce das experiências coletivas e do compromisso com a vivência e uma perseguição da vida (Evaristo, 2020).

Encontro, portanto, em Conceição Evaristo, o fundamento metodológico da pesquisa-escrevivência, porque ela defende a existência de “um corpo-autor que se inscreve em sua escrita”, e eu falo da existência de uma sujeita-mulher-negra-pesquisadora que se inscreve na cena científica a partir da minha subjetividade e dos modos de dizer, incorporados por mim e pelas mulheres negras professoras participantes da pesquisa-escrevivência, a qual assume um sentido coletivo, pois aqui, a voz, a letra e a escrita nos pertencem e estamos produzindo, como diz Evaristo (2011), uma pesquisa de combate.

Inspirada em Evaristo (2011), acredito que estas Escrevivências poderão ser agulhas mágicas nas mãos de pesquisadoras e pesquisadores que desejam retecer os fios de um tecido antigo e roto deixado também por um modelo de pesquisa hegemônica no campo da formação docente, pois a autora defende que a literatura

surge, retecendo fios esgarçados de um tecido antigo e roto, pano de fundo de um passado. Fendas, espaços lacunares, fuligem do tempo são preenchidos por uma poética da lembrança. Busca-se o esquecido. A

literatura pode, também, ser a voz e a letra do presente, mover-se entre o aqui e o agora, retendo o atual, poetizando o instante-já. E ainda, porque a ficção muito pode anunciar profética e poeticamente o futuro, imaginando o vir a ser (Evaristo, 2011, p. 55).

Uma agulha mágica nas mãos de mulheres negras professoras que movem-se entre o aqui e o agora, imaginando o vir a ser no campo da formação-profissão docente, deixando às mais novas, através de uma escrita científica, as vozes de mulheres negras professoras “que, ao ressoar, deixa de ser única, para se tornar fala coletivizada de sujeitos que, ao contarem/cantarem a sua história, acabam por ferir mortalmente os ouvidos de Próspero”. (Evaristo, 2011, p. 163-164). Embora entenda que essas Escrevivências não esgotam as nossas memórias coletivas, nem tão pouco as nossas vivências enquanto mulheres negras que “escolhem” se tornarem professoras.

### **3.1 Perspectiva e procedimentos de análise**

Neste tópico, apresento as motivações para adotar a interseccionalidade enquanto categoria analítica, amparada nos estudos de Collins (2022), Collins e Bilge (2021) e na metáfora do eixo elaborada por Crenshaw (2002), no segundo momento apresento o processo de análise das escrevivências e para finalizar, apresento as categorias analíticas que emergiram ao longo da pesquisa-escrevivência.

Ressalto que, apesar de apresentar a análise das escrevivências no último capítulo da tese, por questões de organização da escrita, ela aconteceu ao longo do processo de investigação, pois recorri às escrevivências para redirecionar os caminhos da investigação reescrevendo a tese a partir de elementos que se apresentavam e que considerei importante retomar.

Conforme Collins e Bilge (2021), o uso da interseccionalidade enquanto categoria analítica do feminismo afro-brasileiro representa um legado deixado pelo movimento e engajamento político e intelectual de mulheres negras no Brasil, na década de 70, tendo em vista que nem o feminismo liderado pelas mulheres, principalmente, as mulheres ricas e brancas, e nem o movimento negro, que busca defender uma identidade negra coletiva, poderiam dar conta das questões que afetavam, especificamente, as mulheres negras, por isso, criaram movimentos autônomos que expuseram as ideias centrais da interseccionalidade, embora utilizando vocabulários diferentes.

Collins e Bilge (2021) afirmam que as mulheres negras entenderam que a análise das conexões estabelecidas entre gênero, raça e classe revelavam um cenário de apagamento, conseqüentemente, as suas necessidades não eram identificadas, fornecendo, a partir daí, a base para “lançar luz sobre as conexões entre gênero, raça e classe” (Collins e Bilge, 2021, p. 40).

Busquei compreender a formação inicial das mulheres negras professoras participantes da pesquisa partindo do princípio de que a localização das mulheres negras na intersecção das vias de discriminação influencia o seu ingresso e permanência na universidade e, conseqüentemente, na sua formação inicial e a profissão docente enquanto possibilidade de transformação para as mulheres negras professoras, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente, tendo em vista que “raça e gênero podem ser analiticamente distintos, mas na vida cotidiana das mulheres negras eles operam juntos”. (Collins, 2019, p.582), por isso a autora defende que é difícil compreendermos as relações de poder estabelecidas entre raça, classe, gênero e sexualidade de maneira isolada.

As ideias da interseccionalidade entram na academia através dos movimentos sociais, que lutaram pela inclusão das mulheres e das pessoas negras nas universidades, levando à academia a ideia da política feminista negra através, por exemplo, dos projetos de feminismo negro, estudo de raça/classe/gênero, conforme Collins e Bilge (2021). Ainda conforme as autoras, existia na produção intelectual das mulheres negras uma interconectividade entre raça, classe, gênero e sexualidade com sistemas de poder e estavam ligados a diversos projetos de justiça social.

De acordo com Collins (2022), existem alguns pressupostos do trabalho com interseccionalidade e que ela define como premissas orientadoras, que são: 1) Raça, classe, gênero e idade são interdependentes e se constroem mutuamente; 2) a intersecção das relações de poder produzem desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero, nação, etnia, capacidade e idade; 3) a localização das pessoas e dos grupos na intersecção das relações de poder influencia suas experiências e perspectivas no mundo social; 4) resolver problemas sociais em dado contexto regional, nacional ou global requer análises interseccionais. Portanto, não poderia dizer que a pesquisa utiliza a interseccionalidade enquanto perspectiva de análise sem que estes pressupostos estivessem presentes nesta pesquisa-escrivência.

Estabeleço ao longo da tese um diálogo com a justiça social enquanto tema central da interseccionalidade defendidos por Collins (2022), compreendendo a importância do contexto

social para a produção do conhecimento e como as localizações sociais dos diferentes grupos na intersecção das relações de poder, raça, classe e gênero exercem influência sobre a produção intelectual. Collins e Bilge (2021) argumentam que as pessoas que produzem conhecimentos orientados pela justiça social encontram novas maneiras de se estabelecerem em uma universidade, muitas vezes conservadora, no entanto, pesquisadores da interseccionalidade estão preocupadas, conforme as autoras, com os problemas sociais causados pelas desigualdades sociais, não apenas descrevendo tais realidades, mas tomando posição diante das desigualdades e injustiças sociais, buscando alternativas e estratégias para as mudanças.

Em outras palavras, dentro da universidade neoliberal, a interseccionalidade foi convidada a se estabelecer nos marcos da universidade, não perturbar os quadros estabelecidos de produção e disseminação do conhecimento. Essa mudança é uma absorção aparentemente bem-sucedida da interseccionalidade que põe de lado seu compromisso inicial com a justiça social? Ou reflete escolhas estratégicas daqueles e daquelas que projetam e produzem conhecimento orientado para a justiça social, encontrando novas maneiras de sobreviver dentro de uma academia cada vez mais conservadora?( Collins e Bilge, 2021, p. 118).

Importa ressaltar, portanto, que adotar a interseccionalidade enquanto perspectiva de análise não foi uma tarefa fácil, pois eu não poderia simplificar a formação de mulheres negras professoras se as regras durante o processo de formação docente, embora pareçam justas, são aplicadas de maneira diferenciada, pois tanto as decisões tomadas quanto às desvantagens enfrentadas por estas mulheres negras professoras durante o seu processo de formação/profissão são influenciadas pelas relações estruturais de poder de gênero, classe, raça.

Para compreender como as relações estruturais de poder de gênero, raça e classe são aplicadas, Collins e Bilge (2021) nos convidam a imaginar um campo de futebol instalado em um terreno declive, onde o gol do time vermelho fica no topo da colina e o gol do time azul fica no vale. Neste cenário, o time vermelho tem uma vantagem porque, ao tentar marcar o gol os jogadores não precisam fazer tanto esforço pois a ladeira facilitará alcançar o seu objetivo, diferente da equipe azul, a qual precisará de um esforço maior para subir a ladeira e tentar fazer o gol, mesmo os seus jogadores tendo talento e disciplina.

Assim, as autoras nos alertam que é isso que fazem as divisões sociais de classe, gênero, raça e faixa etária, pois, segundo elas “achamos que estamos jogando em igualdade de condições quando, na verdade, não estamos.” (Collins e Bilge, 2021, p. 24). A partir do

pensamento de Collins e Bilge (2021) penso que a formação das mulheres negras professoras acontece em condições desiguais em função das divisões sociais de classe, gênero, raça e idade que atravessam esse processo, mais especificamente, o acesso e permanência no ensino superior.

Por este motivo que adoto uma perspectiva de análise que leva em conta as interações entre os marcadores de discriminação de gênero, raça e classe na formação inicial das mulheres negras professoras inspirada na metáfora do eixo, elaborada por Crenshaw (2002), na qual as ruas representam os eixos de discriminação que se cruzam entre si, por exemplo, a discriminação de gênero se cruza com a discriminação de raça e com a de classe. Os carros que passam por essas ruas representam as políticas contemporâneas que discriminam os sujeitos em função da raça, gênero, classe, e que a autora chama de discriminação ativa; no meio desses cruzamentos encontra-se a mulher negra professora, conseqüentemente, a sua formação inicial acontece dentro desse limiar, onde esses eixos se colidem (Crenshaw, 2002, p. 12), apresenta algumas destas colisões:

A primeira delas é a discriminação contra grupos específicos e, quando falamos da discriminação contra grupos específicos, estamos falando sobre um tipo de discriminação que procura mulheres específicas que são interseccionais. O segundo tipo de discriminação, sobre o qual falarei, é o da discriminação mista ou composta. Trata-se do efeito combinado da discriminação racial e da discriminação de gênero. E o último tipo é a estrutural, quando não há qualquer discriminação ativa. O que ocorre, em última instância, é que o peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base. Essa é a discriminação contra grupos específicos (Crenshaw, 2002, p. 12).

Crenshaw (2002) argumenta que, além da discriminação em si, existe também a invisibilidade da discriminação dentro dos movimentos políticos, por esse motivo, faz-se necessário adotar uma perspectiva interseccional para analisar a formação de mulheres negras professoras e incorporar as discriminações de raça, classe e gênero enquanto eixos da subordinação no campo da formação docente.

A análise das escrituras a partir da metáfora do eixo me possibilitou identificar as diversas formas de discriminação que se combinam e afetam as mulheres negras professoras e, em particular, a formação inicial e o acesso e permanência no ensino superior, sendo assim,

as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ambas as categorias precisam ser ampliadas para que possamos

abordar as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam (Crenshaw, 2002, p. 8).

Defendo, a partir dessa análise, que é necessário reconhecer os problemas da formação inicial de professores e professoras, mas é igualmente importante reconhecer as questões que afetam especificamente a formação inicial de mulheres negras professoras, tendo em vista a invisibilidade interseccional da sua formação, pois, em função da raça e da classe, as mulheres professoras encontram obstáculos diferentes durante a sua formação inicial.

Significa dizer que as mulheres negras se encontram em vários limiares: de mulheres negras, professoras, mulheres negras na universidade, mulheres negras que são mães, ou seja, as suas experiências perpassam por vários grupos, portanto, não podem ser analisadas a partir de um grupo específico de mulheres, ou de pessoas negras, ou de professoras e não podem ser explicadas pela lógica binária, pois amparada em Crenshaw (2021), entendo que, se fizermos isso estaremos apagando as mulheres negras na identificação das discriminação de raça e gênero, limitando estas análises às experiências dos membros privilegiados dos grupos, como os negros, quando falamos de discriminação racial, e as mulheres com privilégios de raça e classe, quando falamos da discriminação de gênero.

Tomando a interseccionalidade enquanto categoria analítica, inspirada na metáfora do eixo elaborada por Crenshaw (2002), partindo do entendimento que a análise as escrevivências seriam compreendidas a partir do meu campo semântico e, aquilo que estivesse fora do meu horizonte não poderia ser percebido por mim, enquanto pesquisadora.

Na análise das escrevivências das mulheres negras professoras, aqui apresentadas, os acontecimentos marcantes sobre a sua formação inicial e a ordem temporal foram memorizadas por elas, além de serem capazes de reconstituir tanto os acontecimentos quanto a ordem desses acontecimentos, mesmo que não seja de forma linear.

Além disso, eu apresento aquilo que faz sentido para as participantes da pesquisa, a partir das suas escrevivências, as quais se aproximam, devido à localização das mulheres negras professoras no cruzamento dos eixos de discriminação de raça, classe e gênero.

Seguindo as etapas da análise das escrevivências, realizei no primeiro momento a transcrição das vozes ecoadas pelas mulheres negras professoras ao longo das conversas dialógicas, neste momento da transcrição as vivências mesclam com a escrita dando origem às escrevivências das mulheres negras professoras, *corpus* da pesquisa.

No segundo momento, realizei a retranscrição, com o objetivo de acrescentar palavras que faltavam, resgatar ao máximo a comunicação não verbal, tais como os silêncios e

emoções, além de acrescentar os registros que havia feito no meu caderno de anotações, durante as conversas dialógicas.

Destaco três ordens de realidades das escrevivências para melhor compreendê-las: a realidade histórico-empírica das vivências destas mulheres negras professoras sobre a sua formação inicial e ao exercício da profissão; o que elas pensam sobre o seu processo de formação inicial; e o que as mulheres negras quiseram dizer sobre como se constituíram professoras.

Amparada no conceito de escrevivência enquanto a escrita de uma vivência coletiva de mulheres negras, realizei leituras e releituras do material transcrito, selecionei as temáticas que aproximavam dos objetivos da pesquisa fundamentada na epistemologia do feminismo negro, na interseccionalidade enquanto categoria analítica e no conceito de escrevivência.

Após a delimitação das temáticas que emergiram das escrevivências identifiquei, a partir dos temas elencados, os momentos em que apareciam como elas se constituíram professoras, o acesso e permanência no ensino superior e como elas percebem a profissão docente. Para este processo, destaquei em cores diferentes os trechos das escrevivências de acordo com a delimitação das temáticas. Essa etapa foi importante para o processo de análise, pois pude delimitar as categorias pertinentes ao objeto de investigação, buscando responder às questões iniciais da pesquisa.

Inspirada na perspectiva de análise realizada por Dantas (2009), pude definir os temas e as unidades de análise que emergiram do estudo organizando em dois blocos: 1) formação inicial: escolha pelo magistério, acesso e permanência no ensino superior; 2) Profissão: o que significa ser professora; a profissão enquanto possibilidade de transformação tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente. Após a etapa da categorização, busquei compreender o particular e o geral da formação inicial, acesso e permanência no ensino superior das participantes da pesquisa, priorizando no processo de análise não apenas as repetições das Escrevivências, mas as particularidades de cada uma delas, para apresentar as discussões sobre a formação inicial de mulheres negras professoras à luz da interseccionalidade enquanto categoria analítica e do feminismo negro enquanto base epistemológica da pesquisa-escrevivência.

Por fim, mas de volta ao início, o rigor desta pesquisa-escrevivência perpassa pelo seu reconhecimento enquanto “um ato criador vivo” (Galeffi, 2009, p. 36-37), e por isso mesmo, precisa continuar viva, inspirando modos outros de fazer pesquisa no campo da formação inicial de mulheres-negras-professoras.

## **CAPÍTULO IV - AS ESCRIVÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS PROFESSORAS**

O agente, sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (Evaristo, 2020, p.38).

Neste capítulo, serão apresentadas as escrituras das mulheres negras professoras porque, como venho defendendo desde o início desta tese, a intenção ao longo do processo não foi pesquisar mulheres negras professoras, mas pesquisar com mulheres negras professoras. Por este motivo, entendi que eu precisaria trazer as escrituras de quem construiu comigo esta pesquisa-escritura, visto que, sem elas esta tese não teria o mesmo sentido.

As mulheres negras professoras assumem aqui a sua própria fala, revelando as suas histórias e subjetividades, sendo que, “a nossa subjetividade e emoção não é uma renúncia à razão, mas uma forma de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata” (González, 2020, p. 43). Sendo assim, “nesse trabalho assumimos a nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (González, 2020, p. 78).

A intenção é borrar (Evaristo, 2020) a formação docente com outras narrativas sobre mulheres negras professoras. Daí a opção por apresentar as escrituras enquanto centralidade da tese e não como pequenos recortes para exemplificar as teorias, pois como diz hooks (2019), somos sujeitas, e as nossas histórias precisam ser contadas por nós mesmas. A mulher negra professora deixa de ser “corpo-mulher-negra” que os outros descrevem para ser “sujeito-mulher-negra” que se descreve a partir de uma subjetividade própria (Evaristo, 2005).

### **4.1 Eliane Fátima Boa Morte do Carmo**

Eu tinha dezesseis anos e nos mudamos mais uma vez (risos). Eu tinha ido na Umbanda em Salvador e uma vovó disse que eu ia ser professora, e eu fiquei com isso no meu

juízo, na cabeça. Se ia ser ou não, ficou no juízo. E aí quando eu vim morar em Salvador, meu primo que era o primo da minha mãe, era diretor de uma escola, que é o Edgar Santos, ali no Garcia. Mas ali não tinha Magistério. Eu já vim em dezembro pra cá e não tinha mais vaga para o Magistério. Eu não consegui fazer Magistério, mas eu fiz Secretariado. Fiz um estágio na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), esse estágio era remunerado e esse estágio de Secretariado foi que me permitiu pagar minha inscrição no vestibular. Quem pagou fui eu, porque depois de um certo tempo minha mãe não acompanhava mais meus estudos, essa questão de universidade, de faculdade, nunca teve em casa essa conversa. Eu entrei num pré-vestibular *fake*, ali indo na Ladeira da Praça. Desse pré-vestibular *fake* só duas pessoas passaram na UFBA. Que fui eu e uma outra pessoa. Eu fazia pré-vestibular e fazia o Ensino Médio tudo junto e aí eu paguei minha inscrição, mas quando eu fiz a minha inscrição eu escolhi Pedagogia porque tinha um livrinho pra fazer a matrícula e no livrinho vinha todos os cursos e eu: que curso fazer? Eu disse: ah, esse está dentro daquela perspectiva de ser professora. Pronto! Foi assim que eu escolhi Pedagogia. Não foi uma coisa pensada, estruturada, sonho, nada disso. Nem sabia o que ia fazer. Eu escolhi na hora de fazer a matrícula, e foi o primeiro vestibular que eu passei, e não foi incentivo de ninguém. Eu sempre fui da escola pública, minha vida inteira e o primeiro vestibular que eu fiz eu passei.

Eu entrei na faculdade com quase dezoito anos, eu era junto com uma outra negra, as únicas duas negras de uma turma de 50 na UFBA. Eu tenho o jornal até hoje da aprovação. Porque quando você passava, eles davam a relação pelo rádio dos aprovados e saiu no jornal. Então eu estava com caxumba, deitada... me lembro como se fosse hoje, deitada na sala com radinho, aí eu fiquei: passei, passei. E no dia seguinte eu comprei o jornal. Eu tenho o jornal até hoje guardado, amarelinho. Mas somos cinquenta pessoas, duas pessoas negras. A outra negra no primeiro semestre ficou grávida e a família mandou pra Suíça, pra ficar com a irmã. Tinha mulher de prefeito, mulher de ex-prefeito, porque você só podia ter uma escola se você fizesse pedagogia. Então todo mundo que queria abrir uma escola estava fazendo o curso onde? Na UFBA. Eu me lembro que a minha comadre, a madrinha da minha filha, morava na Graça e o carro do pai com motorista levava ela pra faculdade, pra você ver a realidade, o nível da minha turma.

Como é que eu andava? Eu morava na Federação e ia andando, que era mais fácil ir andando do que pegar ônibus e nem tinha dinheiro pra pegar ônibus. Então ia andando com meu chagrim, aquele chinelo de couro (risos), minha farda: sapato de couro, calça jeans e

camiseta. Qualquer camiseta: de tinta, malha, essa era a minha farda. Eu fico imaginando: Que ser estranho eu era, nesse meio, embora eu não percebesse. Então eu continuei no meu canto. Então essa comadre...é incrível! Foi um casamento de conveniências, porque eu estudava e ela fazia a apresentação. Foram quatro anos assim. Eu sempre era uma pessoa que estudava porque eu não tinha condições de me apresentar na frente. Eu não sabia fazer isso, não tinha coragem. Pra ela...tava no ambiente dela, né? E eu não. Então foram quatro anos e eu fiz pesquisa nesse período na faculdade. Participei de grupo de pesquisa, fui bolsista depois que eu saí. Eu fiz muita pesquisa mesmo.

Eu sempre fui uma pessoa que começava as coisas depois não me sentia capaz, eu abandonava, eu achava que não ia ter condições. Larguei muita coisa na vida, muita coisa. Muito concurso público, que era pra eu estar aposentada do estado. Dois concursos públicos, um pra professora, um para coordenadora pedagógica, eu larguei tudo. Eu fiz 6 vestibulares, passei em cinco. Fiz três mestrados, só consegui terminar um. Quer dizer...Especializações? várias. Eu só passei a achar que realmente eu era alguma coisa quando eu fiz quarenta anos. Mas até os 40 anos eu largava tudo e dizia: isso não é pra mim, eu não vou conseguir, eu não tenho condições. Não tenho condições. Não está dando certo. Não estou me sentindo bem.

De Salvador fui pra Santo Amaro da Purificação, morar. E aí Santo Amaro da Purificação foi uma experiência muito boa porque eu fui pra lá como supervisora, era na verdade uma vice-diretora, fazia tudo. E quando eu estava nessa escola, a escola começou a ficar meio complicada, atrasando, era um inferno, porque eu vivia de aluguel, dependia do dinheiro deles. E aí surgiu o convite para eu participar de uma cooperativa de pais. Então eu entrei nessa cooperativa de pais como vice-diretora, eu fundei a cooperativa. E está até hoje funcionando lá em Santo Amaro. Eu entrei como supervisora e implantei o Ensino Médio na cooperativa também. Tinha de Educação Infantil até o Ensino Médio. Depois a diretora saiu para assumir um cargo na prefeitura e eu fiquei como diretora. Mas como em todos os lugares que eu passo é sempre uma confusão, enfim, me demitiram e foi quando eu voltei pra Salvador. E aí foi um período super difícil, eu vivia de projeto, coordenar projetos, supervisionar projetos, então assim, cada ano eu tinha que esperar renovar e tal, então eu fiz muita coisa de alfabetização, pela UFBA, depois pelo Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO), SEAFRO.

Daí que eu entrei na prefeitura em dois mil e cinco. Que eu tinha dito a mim mesma que eu nunca seria funcionária pública. Eu entrei e saí, entrei e saí. E quando estava com a

pontinha do tendão e a corda no pescoço, eu disse: passei. Tô aqui até hoje, vai fazer 18 anos que tô aqui.

Uma vida sempre muito castigada, uma vida sempre muito difícil. Eu tive dois filhos, eu criei os dois filhos praticamente sozinha. Em boa parte desse período, sem emprego, vivendo de bico. Que fazia esses projetos, enquanto não terminava o projeto ficava com a mão na cabeça. Passei uns dias sem comer, algumas vezes sem comer, ter que pedir na casa de alguém. Quando Aline era pequena eu mandava Aline pra casa das amigas pra tomar café. E eu ficava em casa. Eu já passei várias vezes na vida, ao longo da vida, sem ter o que comer, ou ter que conviver com uma sandália amarrada porque não tinha dinheiro pra comprar uma havaiana. Eu estava dizendo: gente, eu tinha duas calcinhas, duas toalhas, uma calça jeans. Vivia somente com aquilo que tinha, que era possível, uma sandália e um sapato, ou seja, só comprava quando terminava.

Mas ainda tem um detalhe que eu quero que você saiba. Por que eu mudei? Só que teve o seguinte: uma vez eu entrei na casa do meu avô parte de mãe e o meu Pai de Santo, o zelador do meu orixá, eu entrei lá, conversei e depois meu pai de Santo João disse pra mim que o caboclo tinha gostado de mim desde o momento que botei o pé naquela casa. E aquilo ficou no meu juízo. E aí a conclusão que eu cheguei: se um ser como esse gosta de mim é porque eu tenho uma coisa boa, daí minha mudança. Porque eu dizia assim: pra ele gostar de mim é porque eu tenho alguma coisa que preste, porque antes eu não via nada que prestasse em mim. Porque se você não faz nada que preste, pronto, pra mim isso era verdade. Mas a verdade dele superou, tanto é que eu chamo ele de pai hoje. É o ser que me orienta e é o ser que me fez renascer, em função desse renascimento é que eu chamo ele de pai. Então assim, eu renasci em função dele. E assim, você tem que aprender a falar, você sabe escrever mas você tem que aprender a falar. E aí eu fui construindo uma fala que não é de muito tempo.

Por isso que aquela frase, você pode ser o que você quiser, não cabe entre nós. Porque para você ser o que você quiser você tem que ter oportunidade de renascer a cada dia dos embates que você tem que ter todos os dias, no cotidiano. E tem uns que para você. Tem uns que faz você recuar. Tens uns que faz você balançar, mas...eu já tô com sessenta, quase sessenta e dois anos, mês que vem faço sessenta e dois anos, e quem tá começando agora? Quem não tem essa firmeza? E quem já tá desistindo? E aí, qual é a minha missão? A minha missão: aquilo que foi dado pra mim de graça aos quarenta anos, trinta e pouco, um caboclo disse que gostava de mim tem que pagar isso. Vou levar a vida toda tendo que pagar isso. Só estou aqui hoje fazendo isso por causa dele. E é por causa dele que eu tenho que fazer isso

com todos os demais que vier pela minha frente. Essa é minha missão, é mais do que um trabalho, quando tiver alguém me parando pra fazer isso eu tenho que desviar, porque eu tenho que fazer isso. Se eu consegui ser resgatada é porque tem algum motivo, tem que ter um motivo e esse motivo tem que passar a frente.

É isso. Então foi um divisor de águas. Eu comecei a ser alguém há pouco tempo. Que boa parte da minha vida foi uma incapacidade e eu vou dizer uma coisa a você, nem tudo ainda são flores, porque tem uma coisa que a gente vive fazendo, a gente ainda hoje exige de nós mais do que necessário. A gente não tem que ser dez, a gente tem que ser vinte, a gente tem que se esforçar muito pra mostrar aquilo que a gente é. E a gente é aquilo, não precisa se esforçar mais. Então isso faz com que você nunca ache que o que você faz é bom. Você sofre demais. Tem muita gente que desiste. Desiste por quê? Nunca acha que é suficiente. Aquilo que você fez não presta. Então, muitos de nós ainda deixam de fazer as coisas porque acham que não vão fazer direito. Ainda ouve professor dizer que aluno não sabe nada. Você não sabe nada. Não sabe fazer nada, a gente ouve isso. Não quer nada, não vai pra lugar nenhum. Arrasa, acaba com a autoestima e você acha que é mesmo. Então assim, ou a gente muda essa forma de pensar e de fazer ou a gente vai tá perpetuando tudo que a gente vê ali por que às vezes a pessoa precisa de uma palavra, eu gosto de você. Foi a frase que mudou a minha vida e, às vezes, uma palavra que a gente pode dar, uma frase.

E eu morava lá em São Paulo, a gente morava nuns dois vãos, tinha fogão, mas não tinha pia, a gente lavava louça na bacia. Não tinha cama, era um sofá com duas poltronas, as duas poltronas eram minha cama. O sofá meu pai fez uma gambiarra, desmontou o sofá e o sofá abria de noite e de manhã fechava, que era cama de casal. Então assim...A infância foi pobre como eu falei pra você, na adolescência e depois na fase adulta tinha duas toalhas, uma calça jeans, e aí hoje eu olho, abro o guarda-roupa e digo: é, como eu evolui. Quantos sapatos eu tenho (risos). Eu ia botar sapato branco hoje, mas aí eu disse: vai chover. Bolsa pra combinar com sapato, eu sempre desejei isso. Bolsa que combinasse com sapato, combina com cinto, combina com brinco, (risos), tudo que combina com tudo. Sempre desejei, mas nunca pude. Então hoje eu posso. Eu posso...os filhos já estão criados. Hoje eu posso investir em mim. É brinco que combina com o anel, que combina com sapato (risos). E não é luxo não. Como eu estava dizendo, eu só vestia (preto eu nunca gostei) eu só vestia branco, bege e marrom. Branco, bege e marrom - branco, bege e marrom e calça jeans. Branco, bege e marrom e calça jeans. Há pouco tempo que eu comecei a usar roupa colorida. Hoje em dia eu estou uma velha pra frente (risos), me autorizei a ousar, não tô nem aí se alguém vai gostar,

não vai gostar, vai achar feio, eu uso roupa colorida, boto coisa no cabelo, não boto, uso *dread*. Eu comecei a usar *dread* com quarenta anos. Uso *dread*, não tô nem aí, boto um monte de coisa no *dread*. Adoro colocar coisa maluca (risos), boto cristal, boto madeira, eu gosto. Até chegar a esse ponto é um processo muito complexo, muito. E não é um estado de rebeldia, como jovens. É fazer aquilo que você gosta e se sentir bem, chegar a esse ponto, sair desse estado de rebeldia, só pra contestar e começar se ver como pessoa capaz, potente, e usar aquilo que você gosta é um processo longo. A gente precisa dar isso aos meninos para não esperar eles sofrerem tanto. E às vezes nem consegui superar, passar pra frente com toda dor que ele tem, não é fácil não viu, Val? Mas hoje eu sou uma pessoa feliz (risos), consigo driblar as coisas (5.2)

#### 4.2 Andreia de Santana Santos

Desde já é um prazer participar dessa pesquisa e ter minha história de vida enquanto profissional da Rede Municipal de Ensino de Salvador, enquanto mulher negra em uma pesquisa de Doutorado. Eu sou oriunda da periferia, nasci no bairro da Liberdade e fui uma das primeiras universitárias, vamos dizer, mas com exatidão, a segunda universitária de uma rua. A primeira é Célia Carla, que é nossa colega de rede, ela entrou na rede um concurso antes do meu e aí na época ela era minha cunhada e já estudava na UNEB, ela fazia Pedagogia na UNEB.

A questão de ser professora é algo que eu sempre quis, eu brincava de dar banca às minhas bonecas. E aí concluí meu Ensino Fundamental em escola pública, ao sair eu fui estudar no Instituto Central de Educação Isaías Alves, o ICEIA, na época existia o Magistério. Então eu fiz o meu Ensino Médio lá no ICEIA e tinha uma professora de metodologia das ciências que é a nossa colega também de Rede que me inspirava muito em ser professora. Ali no meu Ensino Médio eu já sabia qual seria a minha profissão. Em 2000 fiquei um ano tentando vestibulares, na época o curso de pedagogia era muito concorrido nas universidades públicas, não existia o sistema de cotas e aí eu tentava, tentei as universidades públicas. Na Federal, eu tentei o curso de Letras, passava na primeira etapa, perdia na segunda. Na UNEB, eu prestei o vestibular, na época a concorrência era 50 candidatos para uma vaga no curso de Pedagogia e aí também não passava.

Saí do Magistério já trabalhava numa escola de bairro na minha rua e aí eu dava aula. A gente também fazia o trabalho de serviços gerais, limpava a sala, mas eu fazia com muito

amor, sabe? Ganhava 100 reais na época, trabalhando 20 horas num turno. E aí nessa experiência eu disse: eu vou tentar uma universidade particular. Tentei sem dinheiro nenhum para cursar universidade particular. Na época, as mais renomadas eram a Universidade Católica de Salvador e a Olga Mettig, que tinham o curso de pedagogia renomado. E aí eu pensei em me inscrever na Católica, e assim fiz. Só que eu recebia 100 reais e a inscrição da Católica era 110 reais. Eu até me emocionou toda vez que eu conto (choro), porque onde eu estou e onde cheguei não foi fácil.

Mainha fazia feira toda semana, aí mainha economizou o dinheiro da feira e me deu 10 reais que faltava, eu peguei meu salário todo e fiz minha inscrição na Católica. Me pergunte se eu ia ter dinheiro para mensalidade que eu não teria, mas eu fiz (choro). Foi o dia mais feliz da minha vida quando eu peguei o jornal depois de ter feito o vestibular, saiu no Jornal A Tarde a lista dos aprovados na universidade e eu estava lá na 13ª colocação. A escola ficava na ponta da ladeira e eu morava no número 33 que subia a ladeira. E eu subi correndo com o jornal: passei, passei, passei, passei, passei. E aí se constituiu o início dessa história enquanto Educadora, o início de uma história de sucesso.

Então eu passei. Aí o dinheiro da matrícula como seria? Meu pai era portuário, minha mãe era dona de casa e aí painho almoçando, eu lembro quando eu subi, foi horário de almoço, passei, passei, passei. E aí painho virou para mim assim: É universidade particular é? Eu não sei com que você vai pagar. Quando eu falo isso eu lembro das palavras dele, mas eu disse: Não, eu vou. E aí meu avô havia falecido e mainha tinha herdado alguns bens de meu avô. Meu avô tinha uma roça, tinha vendido um cavalo e dividiu a herança e mainha tinha 800 reais que foi a herança... não só o cavalo, mas a questão do terreno mesmo. Eu sei que mainha tinha 800 reais, aí ela disse: eu vou emprestar para você fazer a sua matrícula. E assim, tudo no tempo certo, as coisas corroboraram porque a venda desse cavalo foi pouco tempo antes do prazo final para a matrícula porque se não fosse isso eu não teria o dinheiro para fazer a matrícula, que na época acredito que foi 475 reais. Aí eu fiz a matrícula, pronto. E quando eu entrei eu já tinha experiência como professora eu disse: eu vou trabalhar, agora que eu tô estudando Pedagogia as portas das escolas particulares vão se abrir. Eu pensei: a senhora vai pagar a matrícula, mas eu vou trabalhar e vou pagar a faculdade. E assim aconteceu.

Então eu entrei na faculdade e logo eu fui para uma escola maior de bairro, foi a minha primeira carteira assinada. Sai da escola particular menor e fui para uma maior com a carteira assinada, aí eu passo a ter minha carteira assinada ganhando trezentos e poucos reais. Já ajudava nas custas de alimentação e de transporte, mas ainda não dava para pagar a

mensalidade. Eu trabalhei quatro anos nessa escola que me ajudou a pagar as custas da universidade. E olha como as coisas são: a professora também de metodologia da ciência, uma no magistério me inspirou a ser professora pela forma como ela trabalhava as questões de metodologia e tratava a gente, e na faculdade essa professora era coordenadora do curso de Pedagogia na época, e aí no final do semestre eu fiquei sem pagar a faculdade seis meses, e para me matricular eu tinha que fazer a negociação. Aí eu sentei com ela e disse: pró, eu vou ter que sair da faculdade porque eu não tenho dinheiro para pagar (choro). Aí ela disse: eu não vou deixar você sair da faculdade, eu vou lhe encaminhar para o Serviço Social daqui para você estagiar aqui pela Universidade, eu não vou deixar você sair. Ela me encaminhou para esse núcleo da universidade e aí fizeram meu contrato. E aí ganhei uma bolsa para poder me manter na universidade, só que eu não ia ganhar bolsa porque o dinheiro ia ser todo para pagar a faculdade com esse estágio que foi a noite na Educação de Jovens e Adultos em uma comunidade carente no bairro do Costa Azul. Eu trabalhei por dois anos lá nessa associação dos moradores da comunidade do Costa Azul.

Só que nesse intermédio teve a inscrição do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), e aí eu me inscrevi no FIES e graças a Deus eu sou contemplada. Aí o que é que acontece? Eu só pagava 30% e aí a universidade com minha bolsa eu já pagava. E aí eu fiquei sem pagar nada, entre aspas, que depois que eu me formei eu tive que pagar os 70% em parcelas, em alguns anos, mas eu consegui pagar, tranquilo. Então essa política do FIES, do financiamento estudantil me ajudou muito, muito, muito, muito. E aí eu pude estagiar a noite, estudar de tarde e trabalhar também de manhã. Então fui estudante de Pedagogia trabalhadora para pagar a faculdade.

Aí logo após me formar eu presto concurso do Município em 2004 e entro na Rede Municipal como professora na Educação de Jovens e Adultos numa escola na Massaranduba. E aí como eu já trabalhava carteira assinada de manhã eu comecei a trabalhar tarde e noite na escola Primeiro de Maio na Massaranduba. Pronto, aí eu trabalho na EJA e depois ficou bem cansativo trabalhar 60 horas, e o dinheiro da escola particular já não compensava. Aí surge o concurso de coordenador, acho que no final de 2005, e eu digo: ah eu vou fazer. Eu fiz, passei também, tive uma das melhores colocações e eu começo a trabalhar em 2006. Então é isso, a minha trajetória se constitui e tá se constituindo.

Eu sou uma pessoa hoje que eu tenho uma consciência étnico-racial que me faz ver, me posicionar para um lugar diferente do que eu estou. Hoje eu faço um Doutorado, eu passei em três Doutorados, em três programas diferentes e aí eu sei do meu papel e o papel de estar

ocupando espaços. A gente precisa ocupar espaços. Não adianta eu estar aqui criticando uma política se eu não estou no lugar de fazer a política ou de pensar as políticas. Eu quero que esse meu esforço reverbere em políticas. Eu quero que tenha um movimento na academia, que é minha projeção estar em espaço universitário, ser professora universitária, você está trabalhando com a formação desses sujeitos que vão estar nas Redes Municipais, nas Redes Estaduais. E eu acho que aí o meu esforço é estar no lugar que eu estou para também puxar outras mulheres negras, porque não é fácil. Eu estou numa universidade onde ainda preto é minoria, não há ainda igualdade, mesmo com sistema de cotas. A gente está lá, mas vai ter pessoas para dizer: isso aí não é o seu lugar. Graças a Deus, a minha trajetória formativa é de muito esforço, de muita luta, trabalhando 60 horas, eu construí esse projeto, foi aprovado em três Doutorados. Com filho, mãe solteira, entendeu? Então, tudo isso me faz me impulsionar e dizer: não, você merece estar e precisa estar, ocupar os espaços e é isso que eu tenho buscado. Quando você tem essa trajetória de vida você olha o seu aluno como uma potência, como sujeito de direito. E hoje eu sou inspiração não só para meus alunos, mas para minhas colegas de trabalho. A gente carrega ainda isso, eu tenho essa consciência, que as coisas para mim são duas vezes mais difíceis, mas são possíveis.

Eu li um texto na semana passada de Lázaro Ramos que ele faz uma crítica sobre a frase “você é o que você quiser”. E nem sempre a gente é o que a gente quer. Você vai ser o que você quiser ser numa sociedade racista, seletiva, machista? Não são todos os lugares que eu posso estar. Então, “ser o que você quiser ser” vai muito pela culpabilização do outro, se você não for é culpa sua. E aí a gente tem que às vezes refletir essa questão dos discursos que sorrateiramente nos colocam numa posição contrária, a meritocracia.

Agora eu posso correr atrás do que eu quero, eu tenho consciência que esse percurso não vai ser um percurso de poucos obstáculos, vai ser de muitos. Eu ter consciência que eu posso estar onde eu quero estar, mas ali vai ter percursos. Você está pronto para isso? Vai ter renúncias, vai ter preconceito, vai ter as disputas, eu preciso estar consciente disso. Eu traço a minha trajetória, não vou me culpar do que eu não for, do “pode estar aonde você quiser estar”. Com a gente não é assim, eu sou preta, infelizmente querem nos rebaixar ao máximo, mas a gente precisa fortalecer a luta dessa forma. Hoje eu digo que uma das frentes de luta que eu defendo é a ocupação dos espaços. A gente tem que ocupar os espaços para poder mudar, mudar as visões. Precisa estar na universidade. Não vai fazer a diferença? Vai.

E é isso, eu sei que mexe muito toda vez que eu falo da minha história eu me emociono. Eu lembro de cada detalhe dessa construção, mas que valeu a pena, que eu acredito

que foram mais risos do que choro, porque quis ser, eu almejei ser professora, ter esse espaço, tenho ocupado os melhores espaços, vamos dizer assim. Graças a Deus, pela competência técnica que a gente não pode desconsiderar, mas a vontade, a dedicação, o amor, gostar, que não deve vir à frente. Eu não quero estar só no amor. O amor, sim, tudo bem, mas é meu lugar de trabalho, que eu preciso ser respeitada, com valorização como qualquer outro profissional. Isso aí eu falo da profissão professor, que a gente tem uma profissão que vai na frente de todas, porque qualquer profissão precisa passar pela educação, ela precisa passar por nós professores. Então, a gente precisa não romantizar a nossa profissão, principalmente nós, mulheres negras, que ocupa esse espaço, eu não estou aqui por amor, somente, aqui é meu sustento e meu lugar de formação contínua e de transformação social. Daqui na minha comunidade, que eu trabalho com crianças de periferia, de bairro periférico e tal, estou aqui acreditando que a educação vai transformar a vida desses sujeitos.

#### **4.3 Alaíde Santos de Santana**

Meu nome é Alaíde Santana. Eu estou muito feliz pelo convite. É uma honra pra mim ajudar no processo formativo das minhas iguais.

Meu processo de formação foge um pouco daquilo que a gente normalmente vê. As pessoas normalmente...ah, eu sempre quis ser professora, amei a educação. Não! Meu movimento foi um movimento contrário. Eu não tinha interesse em ser professora, embora seja filha de professora leiga. Minha mãe foi professora na década de 60, no Engenho Velho da Federação e muitos dos meninos que moravam naquela região foram alfabetizados por minha mãe. Minha mãe foi uma pessoa que ela se alfabetizou cedo, mas entrou na escola tarde, entrou na escola com 12 anos, então ela achava a educação uma coisa muito importante e que pra ela foi negado.

Eu sempre brinquei de escola e tudo, mas não queria ser pró. Eu achava que os alunos não respeitavam os professores, eu achava que meus amigos faziam muita bagunça. Mas não queria ser pró de jeito nenhum, porque era muito trabalho, os meninos não respeitavam, eu não ia ter paciência com criança. E aí eu fui fazer outras coisas.

Final de 80 e início de 90, quando eu fui para o segundo grau eu fiz técnico em auxiliar administrativo para trabalhar em escritório, trabalhar com folha de pessoal, inclusive, amo fazer essas coisas. Minha mãe suou para que eu fosse fazer magistério, para ir pro ICEIA, era o sonho de minha mãe. Não quero! E fui pro curso técnico fazer administração na

época porque eu queria ser atriz, mas não sabia como chegar no teatro. Meu sonho era ser atriz, desde oito anos que eu queria ser atriz. Fazia as pecinhas da igreja todas, eu estava lá, me enfiava em qualquer papel para poder estar ali fazendo as representações. E fui fazer teatro. Terminei o segundo grau e trabalhei, acho que uns seis meses a cinco no comércio e depois descobri o curso de teatro ali no teatro de Nazaré. Fui pra lá, depois fui pra Gil Santana no Grupo Pega Pega quando era no Teatro da Ladeira e ali estava me realizando. Era o que eu queria, era o que eu sonhava pra mim, era o que eu tinha planejado para a minha vida. Muito feliz, contente, obrigada. E tenho lá, sou sindicalizada, está lá na minha carteira, minha primeira contribuição sindical foi no Teatro.

E aí o que é que acontece? Os caminhos que a vida dá. Quando eu estava na oitava série meu professor de Língua Portuguesa, Dorival, ele falava muito: Alaíde, você tem tudo para ser professora. Todas as apresentações que ele colocava a gente, quando terminava ele me dizia isso, vá fazer magistério. E eu dizia a ele: Deus é mais! Não quero, não tenho a sua paciência, não tenho a sua competência, quando o menino começar a bagunçar eu sei que eu vou brigar. Mas aquilo fica escrito em algum lugar.

Enquanto eu fazia teatro eu recebi um convite da Escola Comunitária. Eu sou daqui da Paróquia da Sussuarana, formada aqui nas bases, meus padres são missionários, trabalhando com SEBS, Educação Popular e tinha uma Escola Comunitária e precisava abrir uma outra turma. Na década de 90 a gente não tinha tantas escolas públicas, nem escolas privadas. Sussuarana, que é o bairro onde eu nasci, me criei, me formei e voltei depois pra trabalhar aqui pela Rede Pública, Sussuarana só tinha, na época, duas escolas públicas, a Acelino e a Maria José Fonseca, uma do município e a outra do estado. A escola comunitária veio justamente para fazer esse movimento de alfabetização dos alunos.

Tinha uma turma de alfabetização e precisava da turma de Educação Infantil, que também era uma demanda muito grande, mas não tinha professor e era trabalho voluntário. Quem quer, né? Ninguém. E aí eu recebi o convite das freiras, eu já estava na pastoral da criança, já ajudava, já era líder, e aí elas fizeram assim: Lai, nós precisamos abrir uma turma de Educação Infantil na sua comunidade e a gente fez visita, um número muito grande de meninos, a gente precisa de você, a comunidade precisa de você. A gente precisa de uma pessoa com seu perfil. Aí veio tudo, né? Vem todas as histórias, vem tudo, e o medo. Eu fiz assim: então, pra começar, pra ajudar, eu posso. Eu posso para ajudar, depois arranja uma outra pessoa e tal. A ideia não era eu ir e ficar. Eu ia, tipo catequista, porque eram os meninos pequenos e tal. E aí eu fui. Eu era professora leiga, formada em administração. Aquilo me

incomodava muito, me incomodava demais. Eu sentia que faltava o conhecimento mesmo teórico, não tinha a formação. E aí eu fiz assim: então, tenho que fazer faculdade, ia fazer artes. Eu preciso fazer faculdade de Pedagogia já que eu estou aqui, já que está funcionando. E eu fui entendendo também a importância da educação. E aí eu fiz assim: tenho que fazer faculdade, já que eu vou fazer faculdade, eu tenho que fazer faculdade de Pedagogia.

E aí vamos procurar o curso de Pedagogia que mais se aproxima e o curso de Pedagogia que eu possa entrar, porque eu não tinha dinheiro, eu trabalhava voluntariamente. Eu sou filha de mãe solo, minha mãe separou de meu pai com 4 anos e depois disso nunca mais tive notícias de meu pai. Minha mãe estava desempregada na época e eu não trabalhava, estava trabalhando voluntário, faz como? Então, ao invés de ir para a Olga Meetig, UFBA não dava para a minha realidade porque a forma de estudo da UFBA na época você não conseguia trabalhar, tinha aula em campos diferentes, horários diferentes e eu precisava minimamente ter recursos pra me manter na faculdade, então eu fiz UNEB. Entrei na UNEB e disse, bem, agora vamos parar de brincar e vamos fazer a coisa de verdade.

A grade curricular muito boa da UNEB. Encontrei professores maravilhosos, como a professora Ana Célia. Ana Célia foi minha professora, professor Jurandir foi meu professor de política, professor César Vitorino, foi meu professor de sociolinguística. E assim, as nossas discussões, as nossas reflexões era desafiador e fazer essa costura, porque como eu estava imersa nesse movimento de educação popular ir para a faculdade reforçar tudo aquilo que era prática através da teoria e casava lindamente e eu via as colegas dizerem que não era possível, as professoras de escolas públicas dizendo que aquilo não era possível, e eu, professora de escola comunitária, dizia: é sim, dá sim, os meninos fazem, os meninos produzem. Então, quando eu chego na faculdade que eu vejo a mesma língua daquilo que eu já estava no processo, então para mim a faculdade foi aquele lugar de consolidar a prática.

Mas assim, eu tinha consciência de que eu era preta, mas isso não me tornava menor do que ninguém, e isso é privilégio. Claro que dói, porque o racismo dói e dói no lugar que não dá para tirar as marcas. Ser preterida dentro da escola, ser preterida numa tentativa de trabalho. Fui algumas vezes. Depois da formatura do Ensino Médio. Tenho Ensino Médio? Tenho Ensino Médio. Vou procurar trabalho. Eu fiz datilografia e depois eu faço técnico em Administração, vou conseguir trabalho em escritório. Não! Preto não. Escritório é um pouquinho demais. Minhas colegas clarinhas conseguiram escritório e nem tinham curso de datilografia. Mas eu, cabelo alisado, não dava. Então assim, doía, mas doía muito mais porque eu entendia o que estava acontecendo, dentro da escola eu entendia que era porque eu era

preta. Mas eu entendia também que estava errado e eu sempre fui muito feliz de encontrar professores que tinham entendimento da questão racial. E quando eles percebiam a minha fala, não é que atitude deles mudavam no sentido de me proteger, não era isso, era uma atitude de dizer assim: que bacana que você entende isso.

Na faculdade foi a glória. Ser aluna de Ana Célia, meu xodó da vida toda, para vida toda, eternamente. Sou eternamente grata à professora Ana Célia por não me permitir sucumbir ao espaço acadêmico. Era um risco de deslumbramento, era o risco de me afastar dos meus compromissos, eu só tinha 23 anos. Eu era muito nova e assim, eu entrei na faculdade numa época que só 1% ou 2% conseguia acessar a universidade pública, sem fazer cursinho. Não fiz cursinho.

Eu não fiz faculdade, eu fiz Universidade. Eu não fiz qualquer Universidade, eu fiz UNEB. Foram quatro anos mesmo assim, uhhh, 4 anos, muita briga, porque além dos professores muito bons, eu tive professores que realmente, muito difíceis, e assim, era um desafio porque não era só um processo de formação, existia um motivo, tinha algo que me levou para a faculdade que não era só a formação profissional, eu tinha a quem retribuir, esse processo formativo era coletivo, meu estudo era coletivo. Então eu não estava sozinha na faculdade porque todo meu bairro estava comigo, minha comunidade estava comigo e eu trazia de volta para minha comunidade aquilo que eu estava aprendendo gratuitamente, pago por todos eles. Eu tenho um compromisso com o meu povo, firmado lá atrás, assegurado por algumas figuras dentro da Universidade: Professor Jurandir, professora Ana Célia, Professor César. Então eu tenho nessas três figuras um suporte que me garante durante todo o meu processo formativo não me afastar daquilo que era principal, não esquecer que eu era mulher preta, periférica, que tinha um compromisso para além dos muros da academia.

Então eu fui para universidade pública, estudei, fiz vestibulando, era um programa que passava na TVE e eu estudava ali, ficava ali anotando porque o povo tinha dinheiro para pré-vestibular, eu não tinha, ficava estudando principalmente pela TV, estudando 2 horas da tarde. Os professores explicando, eu não estava entendendo nada e ficava copiando tudo, depois ficava refazendo, refazia, refazia, refazia sozinha pra poder ter uma noção, mas tirei 4,5 na redação. Então, assim, eu tenho todo o movimento por trás de mim. Não foi uma coisa: ahh! que lindo, você é iluminada. Não! Foi uma trajetória calçada nesses movimentos de estudos coletivos, de apoios, de suportes emocionais, de saber da minha história familiar e dizer: a gente nunca abaixou a cabeça, a gente nunca desistiu, a menor oportunidade a gente entra.

Quando eu fiz faculdade não tinha nem casa direito, minha casa estava em construção e eu lembro bem quando um amigo passou e aí eu toda animada, toda feliz: eu vou fazer faculdade. Aí ele olhou assim para casa, juro a você, tipo assim: vai pra faculdade e olha a casa como tá? Em vez de trabalhar para terminar a casa. Terminei a casa depois, já fiz outras casas depois. Mas é isso! É entender a importância da educação, ela é muito mais importante do que os bens materiais porque ela vai modificar toda uma comunidade.

No meu processo de formação minha mãe era aquela pessoa que ficava do meu lado. Na faculdade minha mãe já não dava conta de me acompanhar no estudo, mas era aquela que tava ali do lado, fazia o café trazia. Era aquela que quando eu dormia por cima de tudo porque tinha que estudar o texto, fazer resumo do texto, mas o olho tava fechando porque estudava de manhã, ia para Escola Comunitária de tarde, estagiava de noite, então ela fazia: Lai, vá dormir. Não, eu tenho que terminar. E aí sentava de novo para terminar e ela: quer alguma coisa para comer? E trazia. Ela me fazia companhia no ponto de ônibus todos os dias. Ela sabia que eu estava me formando e que isso era muito importante porque a faculdade era muito importante, ia virar professora, porque ela não conseguiu, mas eu consegui. Então era aquela pessoa: minha mãe, não tenho dinheiro pra comida. Eu levo. Aonde é que é pra levar sua marmitta? Levava minha marmitta. Ia me encontrar, me levava na estação Pirajá, qualquer lugar levava a minha marmitta. Ela ia pegar o ônibus e levava a minha comida. Então é muito importante esse apoio, para manutenção dentro do espaço acadêmico. Ela levava na Estação Pirajá e eu comia no ônibus. E a gente combinava na estação Pirajá porque não precisava pagar, era uma passagem só. Tinha todo esse movimento de economia necessário para poder dar conta de estar nesse espaço acadêmico.

Eu não tinha o vídeo cassete para assistir os vídeos que a professora passou, pedia aquele vizinho que eu sabia que tinha: Olha, a professora da faculdade passou o filme tal para eu assistir, eu posso vir assistir aqui na sua casa? Pode. As pessoas abriam a porta da casa para mim, eu não estudei só. Eu tinha curso de datilografia, mas eu não tinha máquina datilográfica, o trabalho era datilografado, não tinha computador no meu tempo, era datilografia no início 97/98. Eu tomava emprestado de uma outra pessoa da igreja que eu sabia que tinha, mas eu não tomava emprestado para minha casa não, eu ia para casa da pessoa e usava com medo de danificar no transporte, de levar de um lado pro outro e danificar. Então eu ia para casa da pessoa, usava, fazia manuscrito, na mão, datilografava tudo bonitinho, entregava de volta, ia com meu trabalho datilografado e entregava na faculdade. Não estudei só e como é que depois de concluído esse primeiro processo formativo eu saio

desse espaço que foi o espaço que me ajudou nesse processo de formação, que me estimulou a entrar, que me manteve lá? Não posso.

Então, quando eu digo para eles: olha, minha mãe me criou sem meu pai, eu moro ali atrás da casa de Seu Antônio. Pois é! Mas eu estudei, fui para escola, eu estudei no Roberto Santos, ali de junto do hospital, tem uma escola chamada Governador Roberto Santos, foi ali que estudei. Depois eu fiz uma universidade, sabe qual foi a universidade que a pró fez? UNEB, ali... agora é o Atacadão, na época era Bom Preço, ali de junto do Bom Preço, quando vocês passarem, olhem para o outro lado, aquele muro ali é uma faculdade que todo mundo pode fazer. Então eu vou nesse movimento porque eu entendo que conhecimento é poder e a gente só consegue, inclusive mobilidade social, através de educação e é fato, eu tô aqui para mostrar isso. Às vezes tem até umas disputas, quando eu começo a falar, as pessoas, ahhh!! Não gente, eu preciso dizer para vocês que é diferente a trajetória de vida de vocês, que teve pai, mãe, escola, as oportunidades, de mim. Eu via minha mãe de manhã quando ela me levava para escola e via minha mãe de novo meia noite quando ela chegava do trabalho, porque minha mãe trabalhava em mercado. E via minha mãe no domingo, porque sábado minha mãe trabalhava, eu ficava em casa, mas minha mãe trabalhava, ponto. E é assim que eu faço também, a menor oportunidade que vejo no menino eu: vumbora, embora (risos), agora, não abre mão não, embora, trás, trás, vamos.. vamos.. vamos. De acreditar mesmo.

É doloroso, mas a gente consegue romper devagarzinho. Eu acredito muito no poder da coletividade, acredito demais. Nós estamos imersos no universo eurocêntrico e a gente fura a barreira, atravessa ela e diz: É possível, eles estão dizendo que não, mas é possível. Foque naquilo que é possível, e foque agora. Viu a possibilidade? Atravessa coletivamente, porque sozinho você é barrado, você sozinha não vai, não chega nisso. Atrás de você quantos vieram para hoje você entrar numa universidade eurocêntrica, muito branca e dizer: olha, eu quero estudar os processos formativos de mulheres pretas e você encontrar orientador para discutir com você? Porque alguém rompeu coletivamente a barreira, senão não, senão nunca, parabéns (risos) de verdade, parabéns, parabéns, porque é uma ousadia, e não é Mestrado né, amor? É Doutorado. É você construindo uma tese, você dizendo que isso é possível, e isso vai abrir portas para outras pessoas. É desse jeito e eu acredito, desse jeito de verdade.

#### **4.4 Jacirema Piedade dos Santos**

É um prazer pra mim também estar aqui compartilhando essa trajetória de luta e

também de muitas conquistas. Meu nome é Jacirema Piedade dos Santos, sou professora da Rede Municipal com muito orgulho desde mil novecentos e noventa e cinco. Então isso já são vinte e oito anos de Rede e Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual há vinte e cinco anos.

Essa constituição de professora é engraçada (risos) porque eu não tinha esse sonho de criança, mas tinha a ação de ensinar, sempre gostei muito de passar as coisas que eu sabia. E eu lembro que quando eu comecei a estudar no Carneiro Ribeiro Filho, que eu já estava no ginásio, eu tinha uma facilidade de memorizar as fórmulas da matemática, da física, de química, então como eu era muito quietinha eu me concentrava nas aulas e meus colegas que não eram tão concentrados a gente sempre ensinava. E eu lembro que uma colega minha disse: Jaci você ainda vai ser professora porque a gente aprende com você. Queria nada! Eu concluí meu segundo grau lá no Rio. Fiz o meu primeiro vestibular no Rio de Janeiro, foi para química. Na época no Rio já era dessa forma, primeira e segunda etapa. Passei na primeira etapa, foi um escândalo nacional, porque uma aluna de escola pública, estudava dia de sábado, estudava tarde. Eu lembro que a gente tinha dois professores, um professor de história que eu aprendi muito com ele. Ele marcava com a gente dia de sábado de manhã na escola, professor Ernani. Tem coisas que marcam nossa vida. Ele era um negro grandão. Ele dava aquelas aulas de Luís XV, mas a aula de História era bem focada na Europa, obviamente. Era aula Europeia, aquelas histórias de Luiz XV, de Maria Catarina, de Dom João e eu via aquelas histórias assim na minha cabeça, menina, eu fechei a prova de história. Simples assim. Tirei nota boa em química. Quem me derrubou? Língua Estrangeira, Inglês. Fui na média, cinco. Aí eu passei na primeira etapa, primeira fase na classificação, não tinha vaga pra UERJ e tinha vaga pra outras, mas tinha que pagar e eu não tinha condições, minha mãe não podia, trabalhava de empregada doméstica lá no Rio de Janeiro.

Mas quando eu estava estudando, antes de voltar pra Salvador, eu fui trabalhar no comércio, trabalhei em várias coisinhas, fui trabalhando, fui saindo e trabalhei três anos no comércio de vendas. Eu trabalhava inicialmente na área e recepção, mas depois fui tendo acesso a documentos de departamento pessoal. Aí com vinte e um anos eu retornei pra Salvador e a minha mãe continuou lá. Fui organizar minha vida aqui pra ela vir. Comecei a trabalhar novamente no Departamento Pessoal, mas olha que interessante: fui trabalhar no departamento pessoal por conta da minha letra de professora, que inicialmente a vaga era pra secretária, mas nessa época já existia de forma não tão subjetiva, mas eu não entendia, as questões preconceituosas, raciais. Eu nunca tive estatura, eu sempre tive estatura baixa, um metro e cinquenta, negra, alisava o cabelo pelas circunstâncias, mas não tinha o padrão de ser

uma secretária de uma empresa tipo Scar que hoje se equipara à empresa Seara, Sadia, que era uma empresa que vendia congelados. Eu fiz a entrevista e a pessoa que me entrevistou, um homem, na lata, na cara dura, disse que eu não tinha o perfil para ser secretária da empresa e ele me disse também que eu era uma menina.

Não era tão menina, já tinha trabalhado, já tinha experiência, vinte e um, vinte e dois, mas por conta da minha estatura. Ele olhou, mandou eu preencher a ficha e disse: você é muito inteligente e tal, mas não tem o perfil para ser a secretária, tipo assim, eu não iria impor um respeito. Esqueci a vida acadêmica e eu precisava trabalhar e fui fazendo cursos técnicos, até curso de correspondência eu fiz. Então eu só me via dentro do polo ou dentro de um escritório.

Aí não sei como foi, me veio de novo a questão da universidade, enfim, cheguei neste vestibular. Qual foi a minha primeira ideia? Olha, a minha trajetória toda de departamento pessoal, contabilidade, recursos humanos, aí eu disse: vou fazer o vestibular para Contabilidade. Aí me inscrevi, fiz o vestibular pra contabilidade, fiz UFBA. Nem sonhava em fazer particular na minha vida. Aí me inscrevi no vestibular da UFBA. Fiz UFBA e fiz Católica, porque alguém falou: tem crédito para aluno pobre que não tem dinheiro. Eu disse: vou fazer para as duas. Menina, tomei pau na UFBA. Por causa de quem? Inglês. Aí eu já não consegui o mínimo, tirei cinco e era seis a média. Já a outra, a Católica, tirei seis. Tomei pau na UFBA por causa de inglês, porque a UFBA era mais exigente. Católica fiquei no mínimo, aí o que foi que aconteceu com a Católica? Parece que na época eu não tinha dinheiro pra pagar matrícula, aí fui trabalhar de novo. O tempo foi passando, tanto que eu entrei com vinte e nove anos, já tardão para os tempos de hoje que o menino com dezesseis, dezessete, com vinte já é doutor.

E aí eu trabalhando passei os perrengues, mas o sonho da escola técnica permanecia, estava lá. Da escola técnica não, de entrar no Polo, porque eu já tinha química, eu já vim com o meu negócio de química aqui debaixo do braço, do Rio de Janeiro (risos), já vim do Rio toda pronta. Tinha que ganhar dinheiro pra ajudar minha mãe e meus irmãos e eu sabia que o Polo é que ia dar o dinheiro. Meus colegas que foram pra escola técnica passaram, foram tudo pro Polo. Pronto. Tomei pau nesses dois vestibulares, na UFBA, na Católica. Na Católica não tinha dinheiro pra pagar, fiquei voando.

Estou aqui andando pela Avenida Sete, lá pras tantas, encontro uma prima minha na frente do IPS, na Avenida Joana Angélica, ali no Central: Aí ela: estou estudando na FEBA. FEBA é a faculdade de educação aqui na rua da Mangueira. Por que você não faz o vestibular

pra ver? Eu: sim, faz o quê? Pedagogia. E o que é Pedagogia mesmo? E eu falei assim: é porque eu quero o departamento pessoal. Ela: então, pedagogo não está restrito a sala de aula. Ela já tava saindo. Ela hoje é Doutora, só que hoje ela é da Rede Estadual, é psicanalista e é da área de tecnologia, Marinalva Batista dos Santos. Eu falei: eu não me vejo professora. Menina, a inscrição é até hoje. Aí pronto, aí deu um apagão na minha mente. Eu lembro dessa conversa com Marinalva e que ela me mobilizou pra eu fazer o vestibular já que eu tinha tomado pau em contabilidade.

Menina, tá eu lá um dia na hora do almoço pego o jornal A Tarde, quando eu abro, sai a lista de segunda chamada da FEBA da Faculdade Olga Mettig. Eu acho que eu tenho esse jornal até hoje, eu guardei, é histórico. Não sei por que cargas d'água eu fui pegar aquele jornal, peguei o jornal, lista de segunda chamada. Os candidatos têm até amanhã para fazer a inscrição e a relação de documentos. Tinha que pagar uma taxa, não sei lá quantas. Meu nome lá, pequenininho, (risos), Jacirema. Aí eu disse: e agora? Porque eu não tinha o dinheiro, nunca tô com dinheiro. E agora? Onde é que eu vou arranjar esse dinheiro? Também teve um apagão, aí não me lembro como eu consegui. Eu consegui o dinheiro, paguei a taxa, fui na faculdade, fiz a matrícula. Era tipo final de janeiro, fevereiro, acho que as aulas já estavam perto de começar. Lá vai eu. E aí, paga como? Quando você faz as contas você vê que seu salário não ia dar pra pagar. Tipo, eu ganhava mil e quinhentos e a faculdade era quinhentos. Eu tinha aluguel pra pagar, despesa toda, arrimo de família. E eu ali, vai pagar como? Vai pagar como?

Eu acho que eu consegui pagar a primeira não sei como, alguém emprestou a primeira. Eu não sei, eu só sei que eu paguei a primeira, a segunda e depois não paguei mais. Aí eu volto a realidade de novo. Quando começou a inscrição para o crédito que você tem que comprovar a sua renda e a sua vulnerabilidade social eu fiz a inscrição e não fui aprovada. Porque na época também, isso foi em oitenta e nove, eu trabalhava mas eu ganhava pouco e tinha a família toda que dependia de mim, minha mãe e minha irmã. Minha mãe continuava como empregada doméstica e minha irmã estava estudando. Aí eu não passei no crédito, não fui selecionada. Mas os colegas, porque eu sou bocuda, contava tudo, minha vida. Eu falava: minha mãe é empregada doméstica, eu trabalho não sei aonde, ganho pouco. Porque meus colegas todos, a maioria já trabalhava, tinha uma colega até do Polo. Muitos já eram professores do Estado, alguns tinham padrão, outros vieram do interior, era pequeno produtor lá e tal, os pais botavam pra estudar, enfim. Aí você começa a ver o perfil das pessoas, a história, eu digo: o que é que eu estou fazendo aqui, Jacirema?

Eu pobre de marré dé, si e não fui aprovada. Mas tinha outra chance, seis meses depois. Mas aí como é que eu ia pagar? Porque eu estava me virando pra pagar um mês, dois, três, mas depois eu não ia conseguir mais. Aí no meio dessa história aparece o quê? O crédito da COFFIC. Comitê de Fomento à Educação. De onde é esse Comitê de Fomento à Educação? Do Polo Petroquímico. Quem me deu essa notícia? Marcos, este colega meu da Faculdade. Ele disse: tem uma possibilidade de você ser contemplada com outra bolsa, é uma bolsa 100%. Porque o crédito depois você tem que pagar e esse não, o comitê de fomento ele tem as ações sociais, ele investe, você não paga nada, 100% e ainda lhe dá ajuda de custo para o transporte e para compra de material didático. Ele disse: vamos lá na secretaria, pra assistente social. Cheguei lá e contei tudo, minha vida toda. Mandou preencher a ficha e mandou a minha e a dele. É uma vaga por faculdade, várias pessoas se inscrevem e eles vão analisar pra ver. Minha ficha foi, foi a dele e deve ter ido de outros.

A assistente social da COFIC e da faculdade foram na minha casa, viu tudo, minhas condições. Eu morava numa casa de um cômodo, era um quarto, banheirinho pequeno que nem chuveiro tinha, nem sei o negócio. As duas foram na minha casa, conheceram, entrevistou mainha e tal. E quem é que ia ganhar essa bolsa? Eu aqui, né? Porque a mais pobre de todas, financeiramente. E aí, estava certa que eu ia ganhar a bolsa. E quando saiu o resultado quem foi contemplado com a bolsa? Eu digo: pronto, agora acabou. Acabou...Acabou...Eu não ia ter como pagar. Ou eu comia ou pagava aluguel ou ia trabalhar.

Mas agora não adianta mais porque Deus escreve tudo certo. Quando eu menos espero, eu não sou muito de chorar porque a gente vai criando aquela capa, resistência. E aí, eu já pronta pra me despedir do curso, a Assistente Social da faculdade manda me chamar porque ela também ficou revoltada, todo mundo ficou, não foi só eu e Marcos não. Ela manda me chamar, aí diz assim: olhe minha filha (não me lembro as palavras, eu vou agora dizer do meu jeito), este ano de forma inusitada, sobrou uma bolsa porque a vizinha do lado, de economia da Católica, que foi selecionada, não comprovou a vulnerabilidade social e eu pedi pra você, neste ano esta faculdade vai ter dois bolsistas (emoção).

Ah, minha filha. Aí agora eu me emocionei, (choro), eu tava contando de forma bem engraçada, mas aí agora eu me emocionei. Eu fui 100% bolsista e ainda recebia o dinheiro e todo mês prestava contas do material. Eu estudei, tive livros, tive a manutenção do transporte, era isso e a faculdade toda. A FEBA sempre foi à noite para estudantes trabalhadores, não tinha de dia não. Agora pense como é que eu saía da Lucaia, dois ônibus pra ir pra Joana Angélica, morava no Subúrbio. Não tirava a hora de almoço pra sair mais cedo antes de cinco

horas pra pegar dois ônibus. E a noite saía da faculdade correndo, não tinha negócio de sair cedo. Pegava na Lapa, descia aquelas escadarias pra pegar o último ônibus, Rio Sena, Terezinha, pra ir para o Subúrbio, Plataforma, subir meu ladeirão e no outro dia, 5 horas da manhã de novo. Isso aí é fichinha. Era Jovem, jovem vírgula, já tinha passado dos vinte e cinco, já tava com vinte e nove, trinta, trinta e um. Como eu era bolsista, um dos critérios para você não perder a bolsa era não perder nenhum semestre e nem perder nenhuma disciplina, ainda tem isso, finais de semana você tinha que estudar. Enfim, tudo isso que todo estudante passa a se dedicar eu tinha que me dedicar em dobro porque não poderia correr esse risco de perder a bolsa. Então fui uma das melhores alunas.

Outro divisor de águas. Tô eu na faculdade, todo mundo sabia que eu era bolsista. Uma colega minha Anairã, evangélica, o marido dela trabalhava no Polo, no Departamento Pessoal. O Departamento Pessoal me perseguindo (risos), e aí ela disse: Jaci, olhe, Marcos, o marido dela era Marcos, disse que tem vaga para departamento pessoal no Polo. E aí acertaram tudo, eu fui pro polo, peguei o ônibus, ele me deu a credencial, ele me indicou para participar da seleção. Eu fui, participei da seleção, de novo fechei a prova. Enquanto das outras vezes: ah, não dá pra você ficar secretária e tal, mas eu sempre fui encaminhada por conta da minha letra. Ai eu fui barrada, por causa disso. Eu acho que eu fiz a prova só, tipo uma sala dessa, sentei e aí pronto, não tive acesso a Marcos, meu contato era com Anairã, que era minha colega e ele que passou a credencial de visitantes. Cheguei lá, tomei o lanche. Aí Anairã, depois, passou uma semana, me chamou com a outra colega, aí falou: olhe Jaci, sabe o que foi que aconteceu? Sua prova foi excelente, você fechou a prova, tanto que houve uma situação lá, que as pessoas não acreditaram porque você fechou a prova e houve uma suspeita, se Marcos tinha passado a resposta para você. Você não pode ser bom. Até você ser bom é duvidar da sua competência, mas na época eu não sabia tanta coisa assim, mas eu só achava que era porque eu era preta, eu já tinha noção e o escritório quando eu cheguei lá era todo mundo branco, que os pretos estavam na obra. E os outros pretos estavam lá no serviços gerais. Aí... chega uma preta universitária, não sei o quê, amiga de um dos chefes. Eu não era amiga do homem, eu era colega, mas as pessoas não acreditaram que eu tinha competência. Mas eu estava num percurso de trabalho de departamento pessoal e eu não era uma pessoa leiga dentro do ramo. E aí minha filha, eu tomei essa decepção, não fui chamada. Eu não lembro agora se mandaram eu fazer outra prova, não lembro, aí Marcos disse que não, eu também já fiquei retada. Alguém queria que eu fizesse, eu não lembro se teve isso. Mas eu sei que foi essa a história do Polo, aí encerrou minha carreira no Polo.

Eu fui cuidar da Pedagogia. Eu morava em Itacaranha, sempre morei lá em Itacaranha e tinha uma vizinha minha que era da Igreja Batista, Marta. Aí Marta falou: Cira, tem uma escola comunitária, você que está precisando ter acesso a educação, eu estou ensinando em uma escola à noite aqui no Lobato, paga pouquinho, mas pra você que quer começar, na escola é bom. Quando você passar no Lobato, quando desce o viaduto, olhe pra sua esquerda, tem uma faixa. Precisa-se de professor de Português. Eu vou falar com Célia, a dona, pra você ir lá. Eu disse: fale mesmo. Aí pronto, ela falou. Lá vai eu para esse Centro Educacional Cenecista São Roque, é como se fosse uma cooperativa, tinha em Paripe, Periperi, tinha no interior todo. Em noventa e quatro eu fiz o concurso da prefeitura. Está Marli aqui na prefeitura, no gabinete do vereador, aí ela me ligou: Jacirema você sabe que você foi aprovada? Ela que me dizia, quando eu reclamava que eu ficava até de madrugada, que eu era bolsista e as dondoquinhas estavam no meu grupo e quem fazia o trabalho? Eu. Ela dizia: calma, você ainda vai ser recompensada. Eu fui a primeira a passar, depois o povo passou bem depois. Entrei logo, passei, entrei. Setenta e alguma coisa e também eu não tinha título. Teve gente que já tinha título aí foi pra minha frente. Eu fui chamada no final de noventa e cinco.

A minha história na educação é assim. Eu acho uma história muito reveladora. Eu sou uma servidora raiz. Tenho uma colega que diz que eu sou professora raiz, que eu gosto de dar aula, ensinar. Uma trajetória que começou por acaso, mas que no final eu acho que deu certo e hoje eu penso, sou uma servidora raiz, servidora raiz é aquela servidora que cumpre horário, que cumpre o trabalho. Porque eu não penso no executivo, nem no chefe da pasta, eu penso no meu trabalho que precisa ser cada vez mais organizado, com foco no que a gente precisa, a gente ainda não alcançou o resultado que nós podemos, que nossos meninos podem. Porque eu estou aqui pra dizer isso, que pode, eu sou a prova viva. Não existe a possibilidade do fracasso. E eu não estou falando de um esforço como eu fiz, eu estou falando das potencialidades mesmo. Eu não estou falando de um esforço sobre humano, dê a eles as condições que eles vão.

O meu desejo de fato é que as nossas meninas que estão aí nessa caminhada não precisem passar por tantas coisas. (silêncio). Que a gente possa pavimentar essa estrada de outra forma pra elas. Eu agradeço o convite de poder sentar metade de uma manhã e trazer de novo essa história, reviver. Poderia ter construído mais, mas eu não tive tempo, não tive assessoria, não tive referências para me construir também de uma forma independente financeiramente, mas estou bem melhor. Marinalva Batista, foi por causa dela que estou aqui

contando essa história. Porque eu me bati com ela e ela mandou eu fazer a inscrição. Toda vez eu lembro a ela, minha prima querida.

#### **4.5 Adenildes Teles de Lima**

Eu nunca fiz essa essa narrativa, mas eu vou tentar aqui retratar de forma um pouco mais objetiva essa minha trajetória. Na realidade eu sou filha do recôncavo, eu nasci no município de Candeias. Eu saí de Candeias aos meus quatorze anos então eu vim cursar meu Ensino Médio aqui em Salvador, na escola pública lá no Costa e Silva, na Ribeira e nesse período eu me envolvi na Paróquia de São Jorge. Eu saí de uma comunidade mais tradicional que era a comunidade católica de Candeias e me envolvi numa comunidade católica no Jardim Cruzeiro, mas que era de uma outra linha, era da Teologia da Libertação. Então nesse período eu fiz todo um trabalho de catequese, como catequista de criança, de adolescente, de pré-adolescente e nesse período eu fui convidada para assumir a secretaria da paróquia. A ideia do padre na época era para que nós pudéssemos fazer a história da comunidade, só que a gente acaba se envolvendo com outras coisas e esse ideal inicial ficou um pouco esquecido. Nesse período eu já tinha concluído o meu Ensino Médio e aí eu fiz vestibular. E aí quando eu fui fazer o vestibular, na verdade eu tentei várias áreas antes, aí fiz Serviço Social, e quando eu entrei na Paróquia que veio essa possibilidade da história da Paróquia eu tomei a decisão de fazer História. Porque era a oportunidade que eu tinha de ser instrumentalizada para fazer a história da Paróquia.

No primeiro momento, minha ideia não era ser professora, era ser na linha do Bacharelado, da pesquisa, inclusive fui pesquisadora durante um tempo de João Reis, que é autor de vários livros, inclusive Revolta dos Malês, Cemiteradas e outros livros. Fui fazendo e aí surgiram as disciplinas de licenciatura. E na minha Paróquia tinha também uma Escola Comunitária que na época a minha mãe era até diretora da escola. Então você fica entre a cruz e a espada. E aí eu percebi que eu podia tanto fazer a história da paróquia como ser professora. Fui me envolvendo nessa parte da licenciatura, de querer ser a professora que eu não tive. E aí você vai fazendo um pouco da sua memória: que educação você teve? que escola você teve? Que professores você teve? Eu vi a possibilidade de ser uma professora diferente. Eu saí um pouco da linha do bacharelado e fui para uma linha mais de aprofundamento da licenciatura. Então nesse período eu concluí minha licenciatura e como na época a UFBA tinha muita greve eu tive um atraso de dois anos na minha conclusão. Foi na

época do “Xô Rogério”.

Eu concluí a Licenciatura e tive que continuar para poder concluir o Bacharelado. Então quando eu concluo a licenciatura o estado abre o concurso. E aí eu faço o concurso do estado e entro no Estado em noventa e três. Dois anos depois o município abre concurso e em noventa e sete eu entro no concurso do município. Então, quando eu entrei no município como recém concursada, eu fui atuar na escola Alexandrina dos Santos Pita, nas turmas de EJA porque eu era do estado no diurno e fui para o município durante a noite. Foi quando eu fiz toda a minha formação inicial no município de Salvador, na Alexandrina Pita. E era uma coisa interessante, porque quem era professor da EJA não sabia nada o que acontecia na Rede. Se você me perguntasse onde era a Secretaria de Educação, não sabia. E eu levei vinte e nove dias para tomar posse porque eu não queria ir pra Alexandrina Pita porque eu morava na Cidade Baixa, então eu andei praticamente no mês de janeiro todo pra ver se a Rede me oferecia uma outra escola. E não tinha. Aí quando foi no último dia que eu tinha que tomar posse eu fui pegar meu encaminhamento e fui pra Alexandrina Pita. E daí começou a minha trajetória dentro da Rede Municipal.

Entre na Rede noventa e sete. Quando foi em dois mil, professora Ivone me conhecia e quando eu cheguei na Alexandrina ela era vice no noturno. E aí ela foi ser Coordenadora Regional de Pirajá e ela me ofereceu uma Vice-direção. Foi quando eu fui ser Vice-diretora da Arlete Magalhães no turno matutino, aí saí do noturno da Alexandrina Pita e fui ser Vice-diretora da Arlete Magalhães e aí foi que a Rede começou chegar pra mim. Foi aí que eu fui conhecer os programas da Rede, fui conhecer a problemática da Rede. Então a Arlete Magalhães é uma escola muito grande, e aí foi quando eu fui conhecendo os processos, fui me envolvendo com os processos da rede, e esta visão da rede foi ampliando e fui ampliando a minha visão também de Salvador, porque eu trabalhava em Candeias, eu não conhecia Salvador. Então foi no momento em que eu fui pra Arlete Magalhães que minha visão de rede foi ampliada. E hoje eu tô aqui nesse movimento, nessa minha trajetória de vida profissional eu acabei, não vou dizer negligenciando, mas deixando de lado um pouco a minha trajetória acadêmica, fiz duas especializações. Tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisa, mas não consegui ainda enveredar nem no Mestrado, nem no Doutorado. Eu não posso morrer sem fazer essas duas coisas. Então hoje a colega inclusive me cobra, então aproveita esse tempo pra você voltar a estudar.

A paróquia de São Jorge me deu a ferramenta para eu me tornar uma líder política social. Inclusive, eu gosto muito de relatar um pouco a trajetória da minha juventude dentro

da paróquia de São Jorge porque a gente quebrou alguns tabus da igreja católica. Inclusive eu lembro que no mês de agosto é mês das missões e eles sempre traziam um envelope pra a gente contribuir com o seminarista, e o padre que foi um grande líder político dentro da comunidade. Aí a gente chamou Padre João e disse: olha Padre João, a gente não vai mais dar dinheiro e não vai passar esses envelopes nas missas, a gente vai justificar o porquê. Aí com base na Bíblia, com base em capítulos e versículos, encaminhamos pro seminário, nunca mais. E a gente era de um movimento muito próprio. Aí quando eu saí da Paróquia eu dizia o seguinte: onde é que eu vou fazer, meu Deus, minha parte agora? Aí foi o que eu fiz em Cajazeiras, eu assumi Cajazeiras, eu transferei toda essa minha liderança política, social, comunitária, fraterna, solidária para dentro das escolas. Então, quando eu vi uma escola dizendo: não vai ter aula porque está pingando. Mas a minha experiência na escola comunitária lá da paróquia que dava aula independente da goteira ou não. Então as pessoas achavam que eu defendia a SMED, não era isso, eu estava defendendo o menino. Você pode brigar, mas não tira o direito do menino de estudar. Quais são as alternativas que a gente tem para não suspender a aula? Quais são as alternativas que a gente tem pra atender esse menino? E foi nesse movimento que Cajazeiras foi crescendo. Então você não vê Cajazeiras suspendendo aula por qualquer coisa. Podia ter, mas era uma coisa combinada. Então eu sentia muita tranquilidade e eu defendia meus gestores. Cajazeiras era Cajazeiras. Cajazeiras não atrasava as coisas, diretor de Cajazeiras cumpria o período do Censo, porque eles sabiam que aquilo ali reverberaria na vida do aluno.

Então eu comecei minha liderança dentro da Paróquia de São Jorge, essa liderança política. Com quatorze anos eu liderei uma Assembleia, porque eu cheguei aqui com 14, então eu vinha de uma convivência religiosa em Candeias com mainha. Então, além da minha liderança política aos meus quatorze anos dentro da paróquia, eu tinha liderança dentro da família, e aí, com catorze anos comecei a participar na paróquia de São João. Então nesse período a paróquia fazia muitas assembleias, assembleias de jovens, retiros, encontro de jovens. Uma das assembleias com duzentos e cinquenta jovens eu liderei com quatorze anos. Então você vai tomando gosto, e foi na comunidade de base que a gente fazia missões na rua. Foi quando surgiu o primeiro movimento de missões dentro de Salvador. Então a gente tinha os congressos eucarísticos e a gente liderava esses movimentos dentro das comunidades. Eu conhecia cada beco dentro do Jardim Cruzeiro, adolescente. E isso fez com que eu não tivesse medo da rua.

E aí eu sempre fiz minhas articulações políticas dentro da comunidade. Então eu tinha

uma articulação com a Prefeitura Bairro, tinha articulação com a saúde, eu tinha uma articulação com as lideranças, eu recebia as lideranças para além do trabalho político partidário, mas de pensar, de articular, do compromisso. Na época que foi na primeira gestão de ACM Neto, ele fez um movimento muito bacana, que foi o “Ouvindo no Nosso Bairro”.

Então naquele momento quem conhecia as comunidades eram as coordenadorias regionais. Então nós, enquanto coordenadorias regionais, fomos instrumentos de mobilização e de diálogo dentro das comunidades. Então naquele momento a gente montou as estruturas, a gente acompanhava, a gente tinha o “Ouvindo Nosso Bairro” na Fazenda Grande IV, outro no Trobogy, outro em Cajazeiras. Um acontecia sexta à noite, outro acontecia no sábado e eu tinha o desejo de participar de todos, porque era uma forma de você conhecer aquela comunidade. Porque a gente conhecia a comunidade por meio do que o diretor dizia, do que o professor dizia. Então, nesse momento você ouve a comunidade pra dizer: realmente a educação tá fazendo o seu papel na comunidade? Só que tem um dado curioso, nesse Ouvindo o Nosso Bairro, pouco saía de educação.

Poucos reivindicaram uma creche, poucos reivindicaram melhoria na escola. Por quê? Porque a demanda de rua, de saúde, de escadaria, de encosta, de transporte era maior do que a demanda da educação. Então de alguma forma a educação conseguia dar conta do que era seu. Porque isso não era uma demanda tão latente dentro das comunidades. Tinha comunidade que realmente sentia falta da creche e algumas comunidades foram atendidas a partir do “Ouvindo Nosso Bairro” que foi um programa de extrema importância para o gestor que estava chegando, inclusive ele tinha justificativa de alocação de recursos.

Eu quando fazia visita à escola, quando eu participava de alguma formação, eu dizia para os professores: Quando fosse trabalhar literaturas com o menino, tem que ter um texto sobre as questões étnico-raciais, tem que ter uma questão sobre meio ambiente, tem que ter uma questão sobre direitos. E a gente fazia esse movimento, esse diálogo o tempo todo. Porque eu chamava o diretor o tempo todo pro lugar dele. Você tem um compromisso com os meninos, você tem um compromisso que é garantia de direito, o menino aprender a ler e a escrever, é uma garantia de direito, o papel da escola é escolarizar.

Porque minha mãe tem uma trajetória linda na Educação, professora, trabalhou quarenta e dois anos, foi Secretária de Educação de Candeias por três vezes. Trabalhou no Antônio Vieira como orientadora educacional por vinte e dois anos no turno noturno, na EJA. Minha mãe foi a primeira diretora da primeira escola de sexto ao nono ano de Candeias. Eu fui diretora da escola em que minha mãe foi diretora em Passagens Teixeira. Foi uma das

minhas melhores trajetórias, foi quem me ensinou a fazer gestão, não esqueço de Passagem Teixeira. Se você chegar em Passagem dos Teixeiras e perguntar quem é Amélia e quem é Deni, todo mundo conhece. A gente movimentava Passagem dos Teixeiras. Então, Ivonilce durante muito tempo foi referência dentro de Candeias. Foi minha experiência muito bacana antes de vir pra Rede.

Eu agradeço a oportunidade. Aquilo que eu disse a você, que eu nunca tinha feito isso, talvez outros elementos aí faltem. Eu enquanto mãe, enquanto filha. Uma mãe que perdeu um filho e que não interrompi o meu movimento, porque me dediquei ainda mais, fiz uma imersão ainda mais no trabalho depois da ida dele, talvez tenham outras coisas também que eu tenha me passado.

#### **4.6 Lásara Maria Santos Oliveira**

Val, eu só digo a você que gratidão, gratidão por ter pensado em pessoas como eu que somos iguais a você. Essa mulher também professora negra, que tem essa afinidade com esse ser educando que a gente vê muito além dessa questão de formar, enquanto letrado. É a questão do enxergar essa ancestralidade dele, o que ele traz, para que a educação aconteça, o letramento aconteça. E aí vou lhe dizer um pouquinho como é que eu resolvi fazer magistério. Porque minha história primeiro vem do Magistério. Eu sempre pensei na minha vida em ser médica, aí você imagine: uma família pobre, negra com essa possibilidade, lá nos anos setenta, de ser médica. Mas minha família tinha essa coisa de: a gente pode! E aí meu Ensino Médio começou eu fazendo saúde no Central. E com isso na época surgiu uma possibilidade de emprego de Jovem Aprendiz que a gente tinha que trabalhar e de repente eu fui ser Jovem Aprendiz em uma creche do estado, com dezessete anos, ainda fazendo segundo ano de saúde. E aí me apaixonei pela educação, que eu era tipo uma ADI hoje em dia. E aí a educação me físgou, e quando foi no ano seguinte, que era pra eu fazer o segundo ano de Saúde eu disse: eu vou fazer Magistério. E aí de repente larguei, fui pro ICEIA que eu tinha que me matricular de novo no primeiro ano. E aí me matriculei, fiz Magistério no ICEIA e me apaixonei mais ainda. E de novo aquela história de que eu venho de uma mãe analfabeta.

E nessa caminhada é aquela coisa de como a gente acaba fazendo com que as técnicas que a gente aprende, os teóricos que a gente se depara, Piaget, vamos desequilibrar e equilibrar, começou a interagir com a minha realidade, com o meu dia a dia enquanto menina negra, dentro de uma escola, invisível para os professores, com uma mãe que trabalhava de

segunda a segunda tendo que trançar o cabelo, e chegar na escola e ser invisível. Nos anos setenta, os professores todos eram de cor clara, que a gente não pode dizer branco, mas que esse aluno negro não era identificado, não era visível. E eu, pra não ser tão machucada, fazia de tudo pra ficar invisível. Eu era uma excelente aluna, mas não gostava do espaço da escola.

Porque lá eu era muito machucada e ninguém enxergava. Machucada como? De violência física? Não! Era essa invisibilidade de: picolé do betume, nega do cabelo duro, cabelo de chifre, porque a trança soltava e ninguém me defendia. E aí eu comecei nessa teoria, nesses teóricos: Wallon, Vygotsky, que dizia que tinha que ter a zona proximal e aí eu me deparei com situações que eu dizia: tem que ter afetividade para haver a aprendizagem, por quê? Por causa dessa questão ancestral de cor, enquanto criança negra e eu enquanto professora negra, me vi dizendo: eu tenho que mostrar para essa criança negra, que é meu aluno, que eu enxergo ele. E não só eu enxergo ele, eu tinha que fazer com que os meus colegas também enxergassem eles. Eu estive em escolas que antes da pandemia já existia o afastamento, o menino chegava, um negro, ia abraçar a pró, a pró já ficava de esquiva, ali já existia o afastamento. E eu o tempo todo nessa questão desse desequilíbrio para que a coisa acontecesse. Chegue perto, enxergue ele. Amo o professor, eu poderia até não gostar porque não tenho referência, enquanto criança negra, desse professor, mas o tempo todo eu disse: a gente está numa posição super importante, um médico mata um paciente, nós quando deixamos de fazer o que devemos a gente mata uma geração e às vezes acaba com a ancestralidade.

Entre no Magistério, ensinei em algumas escolas particulares. Fui recusada em escola particular também por minha cor. Eu vivi uma situação interessante de contar: Antigamente você mandava o currículo para as escolas particulares e pediam uma foto e eu mandava a foto, aí uma vez eu disse: rapaz eu vou pegar minha cunhada, minha comadre, ela é branca, eu vou botar a foto dela no currículo. Já tinha terminado o Magistério, estava procurando trabalho em uma escola no Imbuí e aquela coisa que eu digo, eu não sei o que é pior: se é você está desempregada ou procurar trabalho e chegar lá tomar um não bem redondo, eu não sei qual é o pior. E aí botei a foto, cheguei lá entreguei fui entrevistada e o entrevistado me olhou, não disse nada, só olhou e começou a me fazer perguntas e tal: espere a ligação. Não comentou nada da foto, ficou calado, mas também eu não fui chamada.

Então assim, se a gente enquanto professora negra, a gente vê que para adentrar numa escola particular naquele tempo era uma coisa de loteria, porque se a gente olhar, meus filhos foram de escola particular no período em que eu procurava emprego e eu não visualizava

nenhuma professora negra.

A gente só via professoras, e eram loiras, difícil até quando a gente encontrava uma de cabelo encaracolado a gente até se identificava. Então assim, essa questão do racismo, muito difícil a gente enquanto professora adentrar nesse espaço do Magistério, quando a gente adentrava era numa banca, numa escolinha que fazia em casa, era assim. E aí eu lhe digo, eu entrei na rede particular na Cooperativa, em escola religiosa. Aí você pode me perguntar assim: e você via essa questão racial lá? Enxergava enquanto as crianças e os pais, porque existia isso também, mas assim, quando a gente mostrava que a gente não estava ali porque era sorte e sim por conhecimento, havia um respeito. Quando a gente conversava com as outras colegas a gente não via que passava por tanto crivo. Mas vamos lá! Aí eu digo: eu vou fazer um concurso, eu vou dar o meu sangue mas em outro lugar. E aí a Rede fez um concurso para o Magistério, passei.

Coincidiu que eu fui fazer Pedagogia, fiz na Faculdade de Educação. E aí lá aquela luta de mulher negra, a noite estudava. Também com colegas brancos na turma, poucos negros, mas sempre naquela coisa de você está o tempo todo entendendo e visualizando determinadas práticas para que você não conclua seu curso e é ao longo do caminho. É você com a situação em casa, com a situação dentro da instituição, que não quer lhe ver enquanto aluno naquele espaço, também passei por isso, como outras colegas. Eu não esqueço, eu tinha uma colega que hoje é da rede, Manuela, e que a gente estava o tempo todo, que ela também trabalhava e estudava, o tempo todo a driblar essas situações que acontecem com a gente enquanto negro que tem que estudar, que tem que trabalhar, tem filho, mas a gente diz: eu tenho que concluir esse curso porque eu preciso dele pra mim, e porque o outro diz: Você é o quê? Tanto que hoje em dia eu não gosto de ser apresentada por título nenhum porque às vezes título quer te rotular e quer te colocar de uma forma, às vezes, para diminuir o outro.

E fiz a academia, conclui e aí...já trabalhava numa escola particular e aí essa minha professora me convidou, que ela era do município e estava fazendo uma seleção para monitor da Aceleração, logo quando surgiu na Rede. Ela me ligou: Lásara, tem um projeto sendo criado agora na Rede e eu acho que é sua cara, é para crianças que estão com distorção idade série e é necessário que tenham pessoas com olhar sensível, e você tem essa característica. Chega fiquei emocionada porque de novo aquela coisa, você no Fundamental não viu um professor que te enxergasse, mas na academia lá estava uma pessoa sensível. E eu agradeço muito a essa pessoa porque tudo hoje o que eu tenho na Rede começou nesse contrato da Rede Municipal de Educação, uma mulher negra que não duvidou. E aí vou eu levar o meu

currículo com o embasamento dessa Célia e vim ser coordenadora da Aceleração do Projeto Ayrton Senna que estava sendo criado na Rede, aqui na GR Itapuã. E entrava na escola e via quem? Eu. Meninos com a idade e série em distorção e que estava no canto, ele só precisava de quê? Afetividade para que eles deslanchassem.

E aí eu, Lásara, a menina incorporou de novo em mim, me causou alguma dor e eu fui fazer terapia. Passei dois anos fazendo terapia para entender esse professor e chegar para ele de uma forma carinhosa, afetiva e dizer a ele: você precisa enxergar seu aluno. Não enxergar porque ele não sabe ler, porque ele tá com dificuldade, vamos enxergar ele vendo qual é a história dele. E digo, foi uma coisa maravilhosa para mim, porque eu consegui curar a criança Lásara. Por que eu consegui? A terapia me ajudou, mas também eu consegui fazer com que as professoras enxergassem aquelas crianças de outra forma.

Então, assim, o que é que eu posso dizer hoje na minha trajetória enquanto gestora e professora? A gente enquanto mulher negra, eu digo mulher porque eu tenho a minha família em casa que eu tenho que dar conta. Eu tenho 35 anos de casada, um parceiro muito compreensível, sempre esteve comigo, era para comprar coisa, era para pegar o dinheiro de casa, um parceiro, mas que a Rede também tem que começar a enxergar a gente enquanto gestora. A Rede tem que ter um olhar um pouco mais carinhoso com esse gestor, porque enquanto a gente está administrando professor, aluno, comunidade, a gente tem vida também. Eu digo que graças a Deus consigo fazer isso com leveza. Estou gestora porque gosto, não é pelo dinheiro, faço além porque gosto. É essa ancestralidade que me cobra estar nesse cargo, no caso, enquanto concursada na Rede, 22 anos, mas na Rede 29, mas sempre com essas situações.

Já sofri racismo enquanto gestora, pai que chega e dizia: quero falar com a Diretora. E tinha a Vice de pele clara, a coordenadora de pele clara, se dirigia a elas e eu não era a gestora. Até professor que vinha receber a assunção procurava os de pele clara, mas eu com a minha autoestima muito tranquila, dizia assim: sou eu, serve? Aí tomava um susto e servia. Eu já passei por isso também, mas é o que eu digo, estou aqui tranquila, não me machuca não me fere mais. A gente tem que se empoderar um com o outro, um pegar na mão do outro porque o racismo infelizmente ainda está aí, institucional e tudo mais. E essa ousadia eu digo que isso foi nos dado, nosso legado vem da barriga da nossa mãe.

Minha mãe é uma guerreira, uma mulher analfabeta. Essa mulher que com 8 anos saiu de Santo Amaro da Purificação para ser empregada doméstica, empregada doméstica não, para ser serviçal de branco aqui em Salvador. Foi abusada. Chorou para voltar para a roça

com a mãe, mas a mãe dizia: Não, você não pode ficar na roça, no sol, você tem que ir. E o dinheiro tinha que mandar, como as outras irmãs dela. E ela tinha essa coisa, que eu fico admirada com minha mãe, nós ficamos, porque assim, uma mulher analfabeta que sempre disse a gente: vocês têm que estudar pra não ser como eu. Nenhuma de nós trabalhou como doméstica porque ela dizia que filha dela não ia pra cozinha de branco como ela foi e aí ela montou uma rede.

Por aí eu te digo, esse poder que ela tinha de dizer a gente: você pode, eu te amo, eu te amo. Batia na gente que se fosse hoje em dia ela ia ser presa (risos), mas ela batia porque dizia: você tem que ser alguém e esse alguém para ela era estudando, ter o poder do código linguístico, porque ela não foi ninguém, porque quem era alguém pisava nela, quem tinha o poder do código pisava nela. E aí ela se empoderou e o tempo todo empoderava a gente. Então essa questão toda vem desde das entranhas da minha mãe, a gente foi empoderada desde a barriga, todas nós enquanto mulheres. Somos quatro mulheres e quatro homens de barriga, mais um adotivo que ela achou pouco ainda e aquela coisa de criar gente.

Então eu acho que é essa coisa ancestral mesmo, dessas mulheres, Maria Felipa e tantas outras que carregou força das entranhas da ancestralidade e disse: eu posso. E é isso que a gente vai tentando passar para esses meninos, para essas professoras, para essas crianças que a gente segue, e para os nossos filhos também. Porque também a gente tem aí uma gama de filhos, de sobrinhos que também estão seguindo isso. É isso aí, eu acredito que a gente, cada um de nós, tem certeza que é essa ancestralidade desse útero aí materno que é danado.

Eu já abri muitas trincheiras na Rede. Não por falta de energia que eu tenho, eu digo a você, todos os dias, esses anos todos, a terceira escola que eu dirijo na Rede, e digo a você: o mesmo entusiasmo que eu estive no primeiro dia eu tenho até hoje. Assinei ponto em todas, o entusiasmo é esse, eu faço o que amo e o que gosto. As crianças para mim é uma troca de energia fora do comum, então não é por falta de energia, é porque eu acho que esse modelo Lásara não tem que voltar para Raimundo Lemos. Esse modelo Lásara tem que ser feito com outras pessoas, não é modelo Lásara não, é modelo Jacilene, é modelo Ana Beatriz, é modelo você, Val, é modelo de outras. E esse modelo Lásara não é nada mais nada menos de empoderar o outro.

O que eu quero narrar é que continue pessoas como nós indo para academia, não pelo título de doutor, de mestre ou de graduada, de graduado, mas para se empoderar para que empodere outros. Aquela frase: eu vou aprender a ler para ensinar meus camaradas, é isso, e não para esfregar título na cara de ninguém e nem se achar superior porque tem um título.

Sabe aquele mestre de capoeira, que era mestre sem ir para academia e a gente reverenciava? O mestre professor que era chamado de mestre? Academia é necessária, não estou aqui desvalorizando Academia, é necessário, o que eu tô dizendo é: vá aprender a ler, vá ser doutor, vá ser mestre, vá ser graduado porque você precisa, mas para se empoderar e empoderar o outro e não entregar título na cara de ninguém.

## **CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS ESCREVIVÊNCIAS**

Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver (Evaristo, 2020, p.7).

O capítulo anterior teve como objetivo apresentar as escrevivências de mulheres negras professoras, as quais tem ressonâncias em mim e também pertencem à minha coletividade, pois aqui eu escrevo, como diz Evaristo (2011), me colocando “dentro da cena, como alguém que não somente fala pelo grupo, mas que é também do próprio grupo” (Evaristo, 2011, p. 123).

E é me colocando dentro da cena que intenciono falar de como a localização das mulheres negras professoras, na intersecção das vias de discriminações de raça, classe e gênero moldaram a sua formação inicial desde a escolha pelo magistério até o acesso e permanência no ensino superior e sobre a profissão docente enquanto possibilidade de transformação, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente, entendendo com Kilomba (2019), que é difícil analisar os impactos de raça, classe e gênero separadamente, pois estas vias de discriminações, de maneira interligada, produzem resultados desiguais e injustos, e fazem “das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, limitando suas possibilidades de ascensão” (González, 2020, p.160).

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma análise das categorias e subcategorias que emergiram a partir da análise e interpretação das escrevivências, conforme etapas descritas no capítulo III, e está organizado em dois tópicos: No primeiro momento, apresento uma análise da categoria formação inicial e das subcategorias, escolha pelo magistério, acesso

e permanência no ensino superior. No segundo momento, intenciono apresentar a análise da segunda categoria que emergiu da pesquisa, que é a formação docente, e a respectiva subcategoria que é a profissão docente enquanto possibilidade de transformação, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente.

E para finalizar o capítulo, procuro estabelecer um diálogo entre as duas categorias analíticas que emergiram da pesquisa e a epistemologia do feminismo negro com vistas a apresentar algumas pistas para pensar a formação e a profissão docente a partir da epistemologia do feminismo negro.

Ressalto que as escrevivências das mulheres negras professoras poderão oferecer outras interpretações e mais elementos para ampliar o campo da formação docente e estreitar cada vez mais os eixos: formação docente, feminismo negro, interseccionalidade e escrevivências. A partir desse processo de análise das escrevivências, inspirada na metáfora do eixo (Crenshaw, 2002), defendo a tese de que a colisão das discriminações de raça, classe e gênero moldam a formação inicial das mulheres negras professoras, desde a escolha da profissão até o acesso e permanência no ensino superior, e que a profissão docente é uma possibilidade de transformação tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação.

Neste sentido, trata-se aqui de uma análise inicial, pois diante de toda riqueza das escrevivências, pretendo dar continuidade a estas investigações em outras etapas da minha carreira acadêmica, tendo em vista que, muitos conceitos ainda poderão ser ditos, defendidos e ampliados. Mas entendo também, que o que está em jogo neste momento é o “título” de doutora em educação e, como falei no início desta tese, um título que não é meu, mas que se faz coletivo, e ele nos dará “autoridade acadêmica” para seguir em frente defendendo as nossas opções epistemo-teórico-metodológicas e, como bem afirma Galeffi (2009), a qualidade da pesquisa qualitativa perpassa pela ideia de que a produção científica é suscetível à mudanças e, a partir dela, poderão surgir várias ramificações.

### **5. 1 A escolha pelo Magistério, acesso e permanência no Ensino Superior**

Conforme apresentei anteriormente, algumas categorias de análise emergiram das escrevivências das mulheres negras professoras, no entanto, ao retomar o objetivo principal da pesquisa optei por apresentar neste tópico a categoria relacionada ao processo de formação inicial das mulheres negras professoras, tendo em vista compreender a escolha pelo Magistério, bem como as dificuldades de acesso e permanência no ensino superior.

E para analisar a categoria formação inicial de mulheres negras professoras fiz a escolha de iniciar com a epígrafe de Evaristo (2020), extraída do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, pois compartilho com ela o sentimento de que a voz destas mulheres negras professoras é também a minha voz e, as suas histórias são também as minhas histórias. Histórias que se repetem e “que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas.” (Evaristo, 2020, p.7).

Histórias que fizeram as minhas lágrimas insubmissas (Evaristo, 2020) caírem sobre o meu rosto e serem mais rápidas que o gesto das minhas mãos tentando enxugá-las e, sem culpas ou amarras, deixei muitas vezes o choro viver. Deixei o choro viver, juntamente com as lágrimas de Jacirema, quando ela revela que não foi contemplada com a bolsa estudantil mesmo comprovando situação de vulnerabilidade social e, por isso, não poderia continuar o curso de Pedagogia em uma faculdade particular:

A assistente social da COFIC e da faculdade foram na minha casa, viu tudo, minhas condições. Eu morava numa casa de um cômodo, era um quarto, banheirinho pequeno que nem chuveiro tinha, nem sei o negócio. As duas foram na minha casa, conheceram, entrevistou mainha e tal. E quem é que ia ganhar essa bolsa? Eu aqui, né? Porque a mais pobre de todas, financeiramente. E aí, estava certa que eu ia ganhar a bolsa. E quando saiu o resultado quem foi contemplado com a bolsa? Eu digo: pronto, agora acabou. Acabou...Acabou...Eu não ia ter como pagar. Ou eu comia ou pagava aluguel ou ia trabalhar (Jacirema, 2023).

As lágrimas insubmissas caíram sobre o meu rosto também quando Andreia revelou, em lágrimas, que recebia 100 (cem) reais em uma escolinha particular e precisava de dez reais para completar a inscrição para o vestibular em uma faculdade, e a sua mãe economizou o dinheiro da feira que fazia toda semana para completar com o valor que faltava, mas ela nem sabia como iria pagar as mensalidades do curso de Pedagogia, tendo em vista que já havia tentado vestibular outras vezes em universidades públicas, mas não havia sido aprovada:

E aí eu pensei em me inscrever na Católica e assim fiz. Só que eu recebia 100 reais e a inscrição da Católica era 110 reais. Eu até me emociono toda vez que eu conto (choro), porque onde eu estou e onde cheguei não foi fácil. Mainha fazia feira toda semana, aí mainha economizou o dinheiro da feira e me deu 10 reais que faltava, eu peguei meu salário todo e fiz minha inscrição na Católica. Me pergunte se eu ia ter dinheiro para mensalidade que eu não teria, mas eu fiz (choro).

Realidade revelada, por exemplo, pelo resultado de uma pesquisa desenvolvida por Queiroz e Santos (2016), a qual teve como objetivo analisar as relações de gênero na

implementação das políticas de ações afirmativas na Universidade Federal da Bahia, examinando a participação das mulheres negras em curso de elevado prestígio social nos anos de 2006 e 2010. A pesquisa revelou que a articulação entre gênero e raça determina a situação de desvantagem para as mulheres negras e as coloca em situação mais desfavorável. Assim, as autoras argumentam que raça e gênero estruturam as desigualdades na sociedade brasileira e, ao serem naturalizadas, potencializam de maneira perversa a opressão sofrida pelas mulheres negras, sendo fator de determinação para as desigualdades de acesso ao ensino superior.

Queiroz (2001), também já havia apresentado na sua tese o resultado da pesquisa desenvolvida com a participação de estudantes na Universidade Federal da Bahia (UFBA) segundo a cor e gênero, verificando o efeito do status socioeconômico, da cor e do gênero sobre o desempenho dos estudantes através dos resultados do vestibular e do seu rendimento no curso. De acordo com a autora, os resultados da pesquisa revelaram que homens e mulheres, brancos e negros participam em condições desiguais no ensino superior, sendo que as mulheres, e principalmente, as mulheres negras, são as mais excluídas, tanto numericamente, quanto no que se refere ao prestígio dos cursos frequentados. Daí a necessidade, segundo Queiroz (2001), de medidas de intervenção para as correções das desigualdades raciais e de gênero que ainda vivenciamos na educação brasileira.

Ainda de acordo com Queiroz (2001), as pessoas negras acabam sendo “sobreviventes do sistema educacional” (Queiroz, 2001, p. 57), pois segundo a autora, são poucos aqueles que conseguem chegar à universidade, embora saibamos que este cenário vem aos poucos sendo transformado em função das ações afirmativas, especificamente da política de cotas.

Importante ressaltar que as pesquisas foram desenvolvidas após a implementação da Lei 14.723, de 2023, que reformula e amplia o sistema de cotas no ensino federal, mas ainda assim, revelou que o acesso de mulheres negras na Universidade Federal da Bahia (UFBA) era pequeno. O que dizer então do período em que as políticas de cotas raciais ainda nem existiam?

Daí o motivo pelo qual as discussões sobre a formação inicial de mulheres negras professoras não podem distanciar das discussões sobre as políticas de ações afirmativas de inserção, permanência e acolhimento dos corpos negros, indígenas, quilombolas e demais grupos vulneráveis no ensino superior, para que não seja necessário escolher entre se alimentar e pagar o aluguel ou ter que estudar e, que lhes garantam a permanência e uma formação de qualidade, tendo em vista que,

as ações afirmativas constituem-se como medidas especiais e temporárias

que buscam compensar um passado discriminatório, ao passo que objetivam acelerar o processo de igualdade com o alcance da igualdade substantiva por parte de grupos vulneráveis como as minorias étnicas e raciais. Assim sendo, pode se afirmar com segurança que as ações afirmativas constituem-se como medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve se moldar no respeito à diferença e à diversidade (Reis, 2007, p. 50-51).

Significa dizer, conforme Reis (2007), que as ações afirmativas visam corrigir as distorções de tratamento dispensados aos grupos vulneráveis, reconhecendo a diversidade étnico-racial da população brasileira, com definições, segundo a autora, de metas a curto, médio e longo prazos, incluindo recursos financeiros, materiais e profissionais abertos à diversidade étnico-racial do Brasil. Reis (2007) destaca ainda que as políticas de ações afirmativas são um caminho para a promoção da equidade e devem ser temporárias. Ainda, de acordo com a autora, as transformações nos currículos, políticas de bolsa e incentivo à pesquisa são algumas das políticas formais de permanência.

De acordo com Mattos (2018), ao falar sobre ações afirmativas, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é um exemplo enquanto conceito político e social que orienta ações concretas através das políticas públicas para instituir igualdade de oportunidades, para que todas as pessoas, independente dos seus grupos étnicos, raciais, identitários e condições físicas, possam ter garantido o princípio da equidade. Como exemplo, a existência dos departamentos em 24 municípios da Bahia, aproximando as ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade às várias regiões do estado.

Além disso, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) foi pioneira na materialização de políticas afirmativas raciais, pois de acordo com Vaz (2022), a Resolução n 196 de 2002 estabeleceu cota mínima de 40% das vagas nos cursos de graduação e pós-graduação para ingresso de candidatos e candidatas negras e negros e, em 2007, ampliou para as populações indígenas. Sob a gestão, de 1998 a 2005, da primeira mulher negra Reitora de uma Universidade no Brasil, a professora Ivete Sacramento, que atualmente é Secretária Municipal de Reparação da Cidade do Salvador-BA.

Entendo a importância da coragem que teve essa mulher negra Reitora, ocupando um espaço de poder, para o processo de reparação do povo negro, mais especificamente ao sistema de cotas raciais no Brasil, enquanto igualdade de oportunidades, para “assegurar que todos os membros de uma sociedade possuam condições de participar da corrida pela conquista dos bens essenciais da vida, partindo de posições minimamente iguais” (Vaz, 2022, p. 84).

As políticas de ações afirmativas são necessárias porque as vias de discriminações, por

estarem organizadas horizontalmente, nos levam a acreditar que todas as pessoas podem acessar da mesma maneira os direitos e as oportunidades. Neste aspecto, Collins (2022) chama a atenção de que os sistemas de poder reproduzem resultados materiais desiguais, sendo que o racismo, o sexismo e a exploração de classe caracterizam as experiências das pessoas de acordo com as hierarquias sociais e influenciam coletivamente a realidade social. Daí a necessidade de políticas de ações afirmativas, enquanto

um conceito político e social que, em princípio, orienta medidas concretas produtoras de efeitos práticos coletivos na diminuição - no limite, até a liquidação - daquelas hierarquias sociais que se fundamentam em desigualdades e discriminações historicamente instituídas em sociedades que, contemporaneamente, têm nos princípios republicanos da democracia, da justiça social e da cidadania os fundamentos do seu desenvolvimento. Portanto, a ação afirmativa tem por objetivo instituir igualdade de oportunidades e de condições, reconhecimento social e representação política para que todos, independente da sua alocação em grupos étnicos, raciais, identitários, de condições físicas ou históricas relativamente desvantajosas, possam ter garantido o princípio da equidade nos processos de construção de uma vida digna, saudável e com perspectivas de um futuro, de acordo com os padrões gerais médios satisfatórios de qualquer sociedade (Matos, 2018, p. 364-365).

As escrevivências revelam que existem questões da formação inicial e das condições de acesso e permanência no ensino superior que afetam especificamente as mulheres negras, pois essa mulher negra e pobre, encontra-se no meio do cruzamento desses eixos de discriminação, precisando transgredir as fronteiras (hooks, 2017) e “desarticular as armadilhas em que o sexismo, o racismo e a condição de pobreza tentam capturá-las” (Queiroz e Santos, 2016, p.87), seja para terem acesso ao ensino superior, seja para darem continuidade à sua formação.

E por falar em transgredir as fronteiras (hooks, 2017), devo dizer que uma delas refere-se à decisão por se tornarem professoras, que aparece como consequência das barreiras encontradas pelas mulheres negras no mercado de trabalho, tendo em vista que das seis participantes, apenas Andreia tinha o sonho de ser professora,

A questão de ser professora é algo que eu sempre quis, eu brincava de dar banca às minhas bonecas. E aí concluí meu Ensino Fundamental em escola pública, ao sair eu fui estudar no Instituto Central de Educação Isaías Alves, o ICEIA, na época existia o Magistério. Então eu fiz o meu Ensino Médio lá no ICEIA e tinha uma professora de metodologia das ciências que é a nossa colega também de Rede que me inspirava muito em ser professora. Ali no meu Ensino Médio eu já sabia qual seria a minha profissão (Andréia, 2023).

As demais professoras desejavam exercer outras profissões. É o que nos revelam por exemplo, Alaíde e Lásara:

Meu processo de formação foge um pouco daquilo que a gente normalmente vê. As pessoas normalmente...ah, eu sempre quis ser professora, amei a educação. Não! Meu movimento foi um movimento contrário. Eu não tinha interesse em ser professora, embora seja filha de professora leiga (Alaíde, 2023).

Eu sempre pensei na minha vida em ser médica, aí você imagine: uma família pobre, negra com essa possibilidade, lá nos anos setenta, de ser médica. Mas minha família tinha essa coisa de: a gente pode! E aí meu Ensino Médio começou eu fazendo saúde no Central. E com isso, na época, surgiu uma possibilidade de emprego de Jovem Aprendiz que a gente tinha que trabalhar e de repente eu fui ser Jovem Aprendiz em uma creche do estado, com dezessete anos, ainda fazendo segundo ano de saúde. E aí me apaixonei pela educação, que eu era tipo uma ADI hoje em dia. E aí a educação me fisgou e quando foi no ano seguinte, que era pra eu fazer o segundo ano de saúde eu disse: eu vou fazer magistério (Lásara).

Conforme hooks (2019), o machismo e racismo militam contra o emprego de mulheres negras. Por isso precisamos nos perguntar quais profissões e espaços estariam reservados a estas mulheres negras, que ousaram, como afirma Carneiro (2020), a romperem portas e entrarem em lugares que a elas não foram destinados e que mesmo não tendo, de início, o sonho de serem professoras, tomam o estudo enquanto um ato contra-hegemônico (hooks, 2017), e enquanto possibilidade de saírem do lugar da subalternidade, migrando do quarto de despejo (Jesus, 2014) para a universidade.

Lugar da subalternidade que foi questionado por González (2020), ao comentar o resultado de uma pesquisa realizada com mulheres de baixa renda no ano de 1983. Nesta pesquisa constatou-se que a maioria das mulheres entrevistadas começaram a trabalhar ainda criança nas “casas de família”, levando-as a abandonarem a escola. O resultado da referida pesquisa revela justamente o momento histórico da vida escolar das mulheres negras professoras, as quais construíram comigo esta pesquisa e, diante deste contexto, compreendo que elas precisaram romper barreiras que pareciam ser intransponíveis para continuarem os seus estudos, tendo em vista que

nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado. Em contraste, elas são também induzidas a considerar que ser uma mulher negra e pobre é um dos piores males. Devem-se levar em conta os efeitos da rejeição, da vergonha e da perda de identidade às quais nossas crianças são submetidas, especialmente as meninas negras. Um dos fatores que contribuem para as

altas taxas de evasão escolar é justamente esse tipo de ideologia promovida nas escolas (de modo que, para mil crianças que ingressam nas escolas primárias, apenas sessenta chegam ao terceiro ano). O outro fator é econômico e se relaciona com o trabalho de menores de idade. Nossas crianças aderem à força de trabalho muito cedo, devido às condições de pobreza e miséria em que a grande maioria da população negra vive (Gonzalez, 2020, p. 160).

A luta é para continuarmos transgredindo as fronteiras, para que o trabalho doméstico e o abandono à escola deixem de ser as únicas opções para as crianças negras, indígenas, quilombolas, e que a elas seja permitido o direito de sonhar. As escrituras falam justamente de sonhos que foram substituídos, e porque não dizer, foram moldados em função da condição de mulher negra e pobre, onde a sociedade diz que não podem ser médicas, como sonhava Lásara (2023), não podem fazer química e trabalhar no Polo Petroquímico, ou que o seu estereótipo se constitui enquanto barreira para ser secretária, como desejou Jacirema (2023):

Comecei a trabalhar novamente no Departamento Pessoal, mas olha que interessante: fui trabalhar no departamento pessoal por conta da minha letra de professora, que inicialmente a vaga era pra secretária, mas nessa época já existia de forma não tão subjetiva, mas eu não entendia, as questões preconceituosas, raciais. Eu nunca tive estatura, eu sempre tive estatura baixa, um metro e cinquenta, negra. Alisava o cabelo pelas circunstâncias, mas não tinha o padrão de ser uma secretária de uma empresa tipo Scar que hoje se equipara à empresa Seara, Sadia, que era uma empresa que vendia congelados. Eu fiz a entrevista e a pessoa que me entrevistou, um homem, na lata, na cara dura, disse que eu não tinha o perfil para ser secretária da empresa e ele me disse também que eu era uma menina. Não era tão menina, já tinha trabalhado, já tinha experiência, vinte e um, vinte e dois, mas por conta da minha estatura. Ele olhou, mandou eu preencher a ficha e disse: você é muito inteligente e tal, mas não tem o perfil para ser a secretária, tipo assim, eu não iria impor um respeito (Jacirema, 2023).

Ainda, tem a mulher negra professora que nem o sonho de entrar na universidade tinha, pois na sua casa não existia essa conversa, como revela a escritura de Eliane (2023):

Fiz um estágio na Conder e esse estágio era remunerado e esse estágio de secretariado foi que me permitiu pagar minha inscrição no vestibular. Quem pagou fui eu, porque depois de um certo tempo minha mãe não acompanhava mais meus estudos, essa questão de universidade, de faculdade, nunca teve em casa essa conversa (Eliane, 2023).

E o que dizer daquela menina negra que tinha o sonho de seguir o caminho das Artes

Cênicas, mas foi fisgada pela Educação através do trabalho voluntário que desenvolvia em uma escola comunitária, como ecoou a voz de Alaíde?

Terminei o segundo grau e trabalhei, acho que uns seis meses a cinco no comércio e depois descobri o curso de teatro ali no teatro de Nazaré. Fui pra lá, depois fui pra Gil Santana no Grupo Pega Pega quando era no Teatro da Ladeira e ali estava me realizando. Era o que eu queria, era o que eu sonhava pra mim, era o que eu tinha planejado para a minha vida. Muito feliz, contente, obrigada. E tenho lá, sou sindicalizada, está lá na minha carteira, minha primeira contribuição sindical foi no Teatro (Alaíde, 2023).

Que bom que Andreia, enquanto menina negra, não teve o seu sonho de ser professora roubado. Dessa forma, os sonhos podem até terem sido roubados ou substituídos, mas como afirma hooks (2019), desafiamos aqueles que nos faziam acreditar que não éramos espertos o suficiente para ter acesso à universidade, tangendo as populações afro-brasileiras, “para longe do chão universitário como gado leproso. Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros.” (Nascimento, 2016, p. 114).

Desafio posto principalmente porque estas mulheres negras, além de serem tangidas para longe do chão universitário (Nascimento, 2016), elas também não tiveram acesso às políticas de cotas e precisaram elaborar as suas próprias estratégias para transporem as barreiras de acesso ao ensino superior. Eliane, por exemplo, para ter acesso à universidade, usou a estratégia de pagar as mensalidades do cursinho pré-vestibular solidário com a bolsa que recebia do estágio remunerado realizado durante o seu ensino médio. Alaíde também criou a sua própria estratégia:

fiz vestibulando, era um programa que passava na TVE e eu estudava ali, ficava ali anotando porque o povo tinha dinheiro para pré-vestibular, eu não tinha, ficava estudando principalmente pela TV, estudando 2 horas da tarde. Os professores explicando, eu não estava entendendo nada e ficava copiando tudo, depois ficava refazendo, refazia, refazia, refazia sozinha pra poder ter uma noção, mas tirei 4,5 na redação (Alaíde, 2023).

Mesmo sem entender muita coisa, Alaíde não desistiu de entrar em uma universidade pública. Jacirema, no entanto, conseguiu dinheiro emprestado para pagar a primeira mensalidade do curso de Pedagogia em uma faculdade privada, mas não sabia como pagaria as demais, pois o salário que recebia trabalhando no comércio dava apenas para pagar o aluguel da casa que morava com a sua mãe e com a sua irmã mais nova e para pagar as despesas essenciais, pois ela era o “arrimo” de família.

Parece que o verbo “desistir” não fazia parte do vocabulário dessas mulheres negras professoras quando o assunto era acessar o ensino superior. Penso que seja porque concebem a sua própria ressurreição a partir dos corpos mulheres (Evaristo, 2020), e continuam vivendo, acessando a universidade, exercendo a docência, pois existe uma “força que está guardada em nosso corpo, a sua versão visível e que não finda, mesmo quando esse corpo tomba, como se fosse a mais tenra penugem das asas de um frágil pássaro bebê, flutuando no ar” (Evaristo, 2020, p. 116). E o nosso corpo da mulher negra tomba antes mesmo de acessarem o ensino superior e se tornarem professoras, isso porque a luta para garantir o direito à educação vem de longe, pois

de acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação (Davis, 2016, p. 109).

Conforme Davis (2016), a população negra sempre manifestou desejo pelo saber, sendo que a educação sempre foi prioridade para nós. Prioridade também revelada nas escrevivências das mulheres negras professoras, pois para transporem as barreiras do acesso ao ensino superior, foi necessário também uma força coletiva, seja das escolinhas de bairro, dos movimentos sociais, das associações comunitárias, pois estes espaços deram a estas mulheres negras professoras a oportunidade de darem aulas de maneira voluntária ou recebendo pequenos salários.

De acordo com Gomes (2017), são movimentos como grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos, os quais, se posicionam politicamente na luta contra as diversas formas de discriminações e opressões, rompendo com as barreiras impostas. Gomes (2017) defende que estes movimentos elaboram saberes emancipatórios e questionam os modelos hegemônicos que imperam nas universidades e nas nossas escolas, mas que muitas vezes não são valorizados. Daí a importância dos movimentos sociais para o acesso à educação, pois, conforme Gomes (2017), a educação pública no Brasil é um direito conquistado pela população negra brasileira enquanto resultado de uma luta dos movimentos sociais.

As escrituras revelam também que foram necessárias estratégias para permanecerem na universidade. Permanecer mesmo não tendo o dinheiro para o transporte e precisar ir caminhando para o *campus* da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como revela a escritura de Eliane. Ou mesmo tendo que fazer uma espécie de “acordo”:

Então eu continuei no meu canto. Então essa comadre...é incrível! Foi um casamento de conveniências, porque eu estudava e ela fazia a apresentação. Foram quatro anos assim. Eu sempre era uma pessoa que estudava, porque eu não tinha condições de me apresentar na frente. Eu não sabia fazer isso, não tinha coragem. Pra ela...tava no ambiente dela, né? E eu não. Então foram quatro anos (Eliane).

Fica nítido neste acordo, que Eliane estudava, preparava os trabalhos e a sua colega fazia as apresentações, porque Eliane entendia que a Universidade Federal da Bahia (UFBA) era o espaço “natural” da sua colega, e ela não se sentia segura para trazer a sua voz em um mundo que não era o seu, ou pelo menos, em um espaço que lhe fizeram acreditar que não lhe pertencia.

Será que foi “a ausência do sentimento de segurança” (hooks, 2017, p.56) que levou Eliane ao silêncio prolongado durante a sua formação inicial? Ou será que foi o medo de ser julgada intelectualmente inferior, como nos alerta hooks? E mais, será que os seus professores e professoras demonstraram interesse em ouvir a sua voz ao longo do curso? hooks (2017), ao falar sobre a sua experiência enquanto professora de uma universidade, defende que na sala de aula precisamos respeitar e valorizar as vozes individuais e que “ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento” (hooks, 2017, p.58).

De acordo com hooks (2017), nenhuma educação é politicamente neutra, e eu complemento que nenhuma formação inicial de professores/as é politicamente neutra, pois, conforme a autora, quando optamos por usar em nossas aulas estes ou aqueles teóricos, valorizar ou não as vozes dos estudantes, estamos tomando uma decisão política, sendo que a política do racismo, do sexismo, do heterossexismo determina o que ensinamos e como ensinamos. Que a formação inicial de professores promova, como defende hooks (2017), uma pedagogia da resistência e que seja “profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (hooks, 2017, p. 17).

Alaíde também precisou encontrar as suas próprias estratégias para permanecer na universidade e concluir a sua graduação. Foram táticas coletivas, pois ela revela que o seu

processo de formação inicial não se deu de maneira isolada, mas contou com o apoio das pessoas da comunidade:

Eu não tinha o vídeo cassete para assistir os vídeos que a professora passou, pedia aquele vizinho que eu sabia que tinha: olha, a professora da faculdade passou o filme tal para eu assistir, eu posso vir assistir aqui na sua casa? Pode. As pessoas abriam a porta da casa para mim, eu não estudei só. Eu tinha curso de datilografia mas eu não tinha máquina datilográfica, o trabalho era datilografado, não tinha computador no meu tempo, era datilografia no início 97/98. Eu tomava emprestado de uma outra pessoa da igreja que eu sabia que tinha, mas eu não tomava emprestado para minha casa não, eu ia para casa da pessoa e usava com medo de danificar no transporte, de levar de um lado pro outro e danificar. Então eu ia para casa da pessoa, usava, fazia manuscrito, na mão, datilografava tudo bonitinho, entregava de volta, ia com meu trabalho datilografado e entregava na faculdade (Alaíde, 2023).

Ela não tinha, por exemplo, o videocassete para assistir os filmes indicados pelas professoras, não tinha a máquina de datilografia para digitar os seus trabalhos, mas isso não foi impeditivo para que ela não realizasse as suas atividades acadêmicas. A estratégia então foi recorrer às pessoas da comunidade. Aqui entra o sentido da coletividade, de que o título de Alaíde seria um título coletivo, e a partir do momento em que ela acessa a universidade, toda a comunidade acessa com ela. Além de contar com a comunidade para permanecer na universidade, Alaíde também contou com a sua mãe, mulher preta que mesmo não tendo a oportunidade de estudar, esteve ao lado da filha para que ela não desistisse,

No meu processo de formação minha mãe era aquela pessoa que ficava do meu lado. Na faculdade minha mãe já não dava conta de me acompanhar no estudo, mas era aquela que tava ali do lado, fazia o café trazia. Era aquela que quando eu dormia por cima de tudo porque tinha que estudar o texto, fazer resumo do texto, mas o olho tava fechando porque estudava de manhã, ia para escola Comunitária de tarde, estagiava de noite, então ela fazia: Lai, vá dormir. Não, eu tenho que terminar. E aí sentava de novo para terminar e ela: quer alguma coisa para comer? E trazia. Ela me fazia companhia no ponto de ônibus todos os dias (Alaíde, 2023).

Fosse levando a marmita de Alaíde na Estação Pirajá ou lhe oferecendo café durante a madrugada para despertar o sono enquanto ela estudava, pois era o tempo que lhe sobrava, enquanto estudante trabalhadora, ali estava a sua mãe. Por isso, reverencio a mãe preta, pois com as suas formas de resistência, esteve ao nosso lado durante a nossa formação e, de maneira insubmissa, lutaram para que o direito à educação fosse garantido, seja tirando o dinheiro da feira para complementar a inscrição no vestibular, ou a matrícula no cursinho

pré-vestibular social, seja levando a marmita na estação de ônibus, ou tantos outros atos insubmissos para que não desistíssemos. E a sua mãe Lásara,

uma guerreira, uma mulher analfabeta. Essa mulher que com 8 anos saiu de Santo Amaro da Purificação para ser empregada doméstica, empregada doméstica não, para ser serviçal de branco aqui em Salvador. Foi abusada. Chorou para voltar para a roça com a mãe, mas a mãe dizia: Não, você não pode ficar na roça, no sol, você tem que ir. E o dinheiro tinha que mandar, como as outras irmãs dela. E ela tinha essa coisa, que eu fico admirada com minha mãe, nós ficamos, porque assim, uma mulher analfabeta que sempre disse a gente: vocês tem que estudar pra não ser como eu. Mas nenhuma de nós trabalhou como doméstica porque ela dizia que filha dela não ia pra cozinha de branco como ela foi e aí ela montou uma rede. Por aí eu te digo, esse poder que ela tinha de dizer a gente: você pode, eu te amo, eu te amo. Batia na gente que se fosse hoje em dia ela ia ser presa, mas ela batia porque dizia: você tem que ser alguém e esse alguém para ela era estudando, ter o poder do código linguístico, porque ela não foi ninguém, porque quem era alguém pisava nela, quem tinha o poder do código pisava nela. E aí ela se empoderou e o tempo todo empoderava a gente. Então essa questão toda vem desde das entranhas da minha mãe, a gente foi empoderada desde a barriga, todas nós enquanto mulheres (Lásara, 2023).

Como diz González (2020), numa verdadeira resistência passiva. Reverencio a mãe preta, assim como fez Jesus (2014), ao revelar a importância da sua mãe para a construção do seu caráter e da sua ética e respeito pelas pessoas. Uma mãe que sonhava em ver a sua filha formada professora, mas que não teve esse sonho realizado:

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para ser professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. (Jesus, 2014, p. 49).

Diria à mãe de Carolina que sua filha não se formou professora, mas nos deixou um legado de resistência, de luta, de caráter e respeito à dignidade humana. Então, pode ter certeza que os seus ensinamentos reverberam até hoje nas nossas vidas, nas nossas histórias. Histórias que são coletivas e que se repetem. E que bom que tivemos ao nosso lado a nossa mãe preta, nos incentivando, nos encorajando e nos fazendo acreditar que seria possível. E estar aqui nesta escrita de tese é a prova de que as nossas estratégias deram certo, e como disse Alaíde, foi difícil, foi com luta, mas foi sem sofrimentos. Mas bem que estas lutas poderiam ter sido amenizadas pelas políticas públicas que facilitassem não apenas o acesso, mas também a permanência no ensino superior com qualidade, para que a formação inicial acontecesse de maneira menos perversa e menos dolorosa, pois

É nesse contexto que se dá a resistência negra. Se, como afirma Foucault, a todo poder opõe-se resistência essa se dará em primeiro lugar em estratégias de sobrevivência física, posto que o anjo da morte do biopoder impõe, para a racialidade dominada, o manter-se vivo como o primeiro ato de resistência. Portanto, ao permanecer vivo, seguem-se os desafios de manutenção da saúde física, de preservação da capacidade cognitiva e por fim o de compreender e desenvolver a crítica aos processos de exclusão racial e, finalmente, encontrar e apontar os caminhos de emancipação individual e coletivos (Carneiro, 2005, p. 150).

Importa que estão aqui resistindo, porque como ensina Carolina Maria de Jesus (2014), não devemos cansar, e devemos lutar para melhorar o Brasil para nós e para os que virão, para que eles e elas não sofram o que nós sofremos e para que as jovens negras que optarem por tornarem professoras tenham acesso às universidades públicas e possam completar seus estudos com qualidade e com dignidade, com a garantia de políticas públicas que lhes coloquem nas universidades e as mantenham lá, enquanto forma de mobilidade social. Que não precisem, como precisou Jacirema, escolher entre se alimentar e ter onde morar ou pagar as mensalidades do curso. E nesta escolha difícil e injusta, acredito que estudar não seria a primeira opção.

Com toda a dificuldade financeira e comprovação de vulnerabilidade social foi possível a Andreia e a Jacirema conseguirem um auxílio financeiro para garantirem o pagamento das mensalidades e, no caso de Jacirema, também lhe garantiu a compra dos livros e o transporte, “contudo, não se pode afirmar que esta estada é de qualidade, pois é difícil passar o dia inteiro estudando quando não se tem dinheiro para comer e nem se sabe como chegará à Universidade no dia seguinte” (Reis, 2007, p.67).

Por esse motivo, elas precisaram assumir o papel de estudantes trabalhadoras, além da tensão constante em ser reprovada em alguma disciplina, pois se isso acontecesse perderiam o auxílio estudantil, por isso, elas revelam que precisavam se dedicar o dobro para não correrem esse risco. Inúmeros esforços e opressões raciais que lhes foram impostos e que foram escondidos, como afirma Vaz (2022), pela máxima de que basta se esforçar para ter a recompensa.

Além das estratégias informais, das redes de solidariedade institucionalizadas e do esforço “para alcançar as recompensas” a escrivência de Lásara, a partir do reconhecimento da sua identidade étnico-racial, revela a sua preocupação com a pouca presença de corpos negros na sua turma de Pedagogia:

Coincidiu que eu fui fazer Pedagogia, fiz na Faculdade de Educação. E aí lá aquela luta de mulher negra, a noite estudava. Também com colegas brancos na turma, poucos negros, mas sempre naquela coisa de você está o tempo todo entendendo e visualizando determinadas práticas para que você não conclua seu curso e é ao longo do caminho. É você com a situação em casa, com a situação dentro da instituição, que não quer lhe ver enquanto aluno naquele espaço, também passei por isso, como outras colegas (Lásara, 2023).

A escritora Lásara dialoga com o pensamento de Bento (2022), quando ela afirma que muitas vezes as pessoas negras são vistas como invasoras dos espaços considerados espaços exclusivos das pessoas brancas, como se estivessem fora do lugar ao ocupar estes espaços. Por isso, Lásara revela que estava a todo momento tentando driblar essas situações para conseguirem concluir a graduação. Gomes (2018), defende que esse acesso provoca mudanças na instituição escolar, demandando outros currículos à medida que levam para as escolas e universidades outras visões de mundo, valores e representações.

Daí a demanda, conforme Munanga (2001), de negros no Ensino Superior a partir da política de cotas enquanto um caminho para acelerar o processo de mudança do quadro injusto de acesso e permanência da população negra no Ensino Superior, lhes possibilitando, conforme o autor, oportunidades de acumular um conhecimento científico que os acompanhará no seu caminho na luta pela sobrevivência e em aprovação em concursos públicos, por exemplo. Conforme o referido autor, o acesso ao Ensino Superior “abrirão com facilidade algumas portas, graças a esse conhecimento adquirido” (Munanga, 2001, p.41).

Além das políticas de cotas, as universidades precisam de um olhar atento quanto às dificuldades encontradas por estes estudantes, em especial pelas mulheres negras nos cursos de licenciaturas, pois se as condições das mulheres negras são específicas, é necessário pensar em políticas de ações afirmativas que reconheçam tais especificidades, e tomar a interseccionalidade enquanto instrumento para se pensar nas políticas públicas, com um olhar também voltado para as mulheres negras, estudantes trabalhadoras, além de serem arrimo de família, como destacou Jacirema. É importante ressaltar que estas dificuldades para continuar os estudos não podem ser vistas enquanto um problema pessoal.

Neste sentido, compreender que, para além da reserva de vagas para a população negra no Ensino Superior, garantida pela Lei 14.723, de 2023, das estratégias informais utilizadas pelas mulheres negras professoras para darem continuidade à sua formação inicial tais como, rede de solidariedade de família, comunidade; e das estratégias formais, tais como, programas de extensão, concessão de bolsas, incentivo à pesquisa, faz-se necessário também mudanças no currículo das licenciaturas.

Um currículo que valorize a diversidade étnico-racial, que acolha os corpos negros, indígenas, quilombolas, trans etc., e que se coloque contra o racismo epistêmico, o qual impõe a estes grupos subalternizados o lugar de inferioridade intelectual. Carvalho (2018), por sua vez, complementa que não basta implementar ações afirmativas de acesso e permanência de jovens negros e indígenas na universidade se ainda permanecer nas instituições de ensino superior um currículo colonizado.

Gomes (2018) também defende um currículo de formação de professores/as que valorize os conhecimentos produzidos pelos intelectuais negros e negras, brasileiros e estrangeiros, “possibilitando que os seus estudos e reflexões possam fazer parte dos currículos da graduação e da pós-graduação, bem como um maior conhecimento dos estudantes e docentes da educação básica” (Gomes, 2018, p. 271), reconhecendo a diversidade epistêmica, e que, conforme a autora, os diferentes corpos, níveis socioeconômicos, saberes, valores e identidades continuem transformando o ambiente universitário e as populações indígenas e afrodescendentes sejam tratados com densidade epistemológica, política enquanto produtoras de conhecimentos e práticas emancipatórias, construídos por nós, pelos nossos ancestrais, pelas nossas memórias e pelas nossas lutas por emancipação.

A este respeito, hooks (2017) ressalta que é preciso celebrar a diversidade cultural e acolher as divergências na academia, e celebrar a diversidade também nos currículos de formação de professores/as para que sejam valorizadas também a diversidade em sua sala de aula. Como diz hooks (2017), enquanto professoras, de qualquer nível que seja, precisamos reconhecer que a nossa prática precisa mudar, pois aprendemos a ensinar imitando um modelo hegemônico, daí a necessidade de mudanças na formação destes professores e professoras. Portanto, “é preciso instituir locais de formação onde os professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar a sala de aula e o currículo multiculturais” (hooks, 2017, p. 52).

Sendo assim, os processos pelos quais essas mulheres negras passaram durante a formação inicial não podem ser compreendidos como algo normal e inevitável na formação docente. São processos que refletem as múltiplas desigualdades sociais às quais as mulheres negras estão submetidas e, trazê-las nesta tese, significa protestar contra as dificuldades de acesso e permanência no ensino superior.

Autorizo-me a dizer que mesmo diante destas experiências atravessadas pelos marcadores de opressão de raça, classe e gênero, estas mulheres negras não desistem e continuam em busca de realizar seus sonhos e, mais que isso, mudar a rota das suas vidas e

das vidas dos seus alunos, revelando o sentido de serem professoras, e que elas “não estão sozinhas, que os problemas que surgem e os obstáculos criados pelo racismo e pelo machismo são reais - realmente machucam -, mas não são insuperáveis” (hooks, 2019, p. 137). E é sobre isso que dialogaremos no próximo capítulo.

## **5.2 - A profissão docente enquanto possibilidade de transformação para as mulheres negras professoras**

A intenção deste tópico é apresentar reflexões sobre a profissão docente, mais especificamente, sobre o sentido da profissão enquanto possibilidade de transformação para as mulheres negras professoras, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente, entendendo que a profissão também está relacionada com a sua condição de mulher negra e está para além dos saberes adquiridos durante a sua formação inicial.

Apresento as reflexões sobre a profissão docente, enquanto categoria que emergiu ao longo do estudo, partindo da realidade denunciada por Gomes (2021), de entrar em uma sala de aula da educação básica e ver que a maioria das crianças e adolescentes chamados de multirrepententes são negros, além de ver que uma criança negra foi discriminada na escola por pertencer a uma religião de matriz africana, ou mesmo ver que o cabelo dos jovens e adolescentes negros são motivos de chacota nas escolas. Realidade também revelada na escrivência de Lásara e de Eliane quando elas ecoam a voz para dizer que o espaço escolar era para elas um espaço de sofrimento e que lhes causava dor:

enquanto menina negra, dentro de uma escola, invisível para os professores, com uma mãe que trabalhava de segunda a segunda tendo que trançar o cabelo, e chegar na escola e ser invisível. Nos anos setenta os professores todos eram de cor clara, que a gente não pode dizer branco, mas que esse aluno negro não era identificado, não era visível. E eu, pra não ser tão machucada, fazia de tudo pra ficar invisível. Eu era uma excelente aluna, mas não gostava do espaço da escola. Porque lá eu era muito machucada e ninguém enxergava. Machucada como? De violência física? Não! Era essa invisibilidade de: picolé do betume, nega do cabelo duro, cabelo de chifre, porque a trança soltava e ninguém me defendia (Lásara, 2023).

Eliane também denuncia:

Porque quando eu morava em São Paulo aos doze anos por aí, foi um ano, sabe aquele ano que é o ano que tudo acontece? Um ano muito difícil. Um menino passou por mim e me chamou de macaca, que é uma fase dos 12 anos até a adolescência, você está querendo aparecer pra o sexo oposto, na

adolescência. E aí o menino passou, eu me lembro até hoje como o menino estava, e aí me chamou de macaca. E ele era negro. Então significa que naquele momento meu mundo caiu. É como se eu tivesse tomado consciência daquilo que eu realmente era. Foi um ano que uma colega, quando eu estava saindo da escola, tirou a minha peruca e jogou pra cima, foi o ano que esse menino falou isso, foi o ano que eu perdi de ano, o único ano que eu perdi na minha vida, sexta série (Eliane, 2023).

Esta não é uma realidade denunciada apenas por Lásara e Eliane. São histórias que se repetem e também são denunciadas por Cavalleiro (2010), quando ela, ao apresentar a sua própria experiência, afirma que o silêncio dela no espaço escolar expressava a vergonha de ser negra, e a solução encontrada foi tentar esquecer a dor e o sofrimento, mas segundo ela, foi uma tentativa vã,

pois pode-se passar boa parte da vida, ou até mesmo a vida inteira, sem nunca esboçar qualquer lamento verbal como expressão de sofrimento. Mas sentir essa dor é inevitável. Dada sua constância, aprende-se a, silenciosamente, “conviver” (Cavalleiro, 2010, p. 10).

Uma realidade também denunciada por González (2020), quando ela afirma que “as crianças negras que vão à escola sofrem o estigma do pecado de serem negras, pois o discurso pedagógico as submete a diferentes maneiras de se envergonharem de si mesmas” (González, 2020, p. 182). E mais, “estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural” (González, 2020, p. 204).

Neste sentido, como falar de profissão docente sem falar das experiências de crianças e adolescentes negras/os vivenciadas no espaço escolar e que lhes causam dor e, por que não dizer, sofrimento? Experiências que levaram Lásara a não gostar do ambiente escolar, assim como a menina Iasmin, que apareceu no início desta tese; experiências que fizeram Eliane ser reprovada na sexta série e que fizeram Cavalleiro (2010) silenciar no ambiente escolar por vergonha de ser negra.

A partir das repetidas experiências de dor e sofrimento vivenciadas por crianças e adolescentes negros no espaço escolar, defendo a necessidade de trazer esta realidade para o centro da formação e também da profissão docente, no sentido de pensar outras direções para a profissão docente a partir destas vozes, muitas vezes silenciadas, para que as crianças e adolescentes negros não sejam vistos como diz, González (2020), como os problemas e os desequilibrados do ambiente escolar, ou que estas questões, como afirma Gomes (2021), não sejam vistas como questões de “ordem socioeconômica, emocional, dificuldade de

aprendizagem, intolerância ou como resultado de uma família “desestruturada” (Gomes, 2021, p.442).

De acordo com Gomes (2021), se não trouxermos a questão racial para a Educação Básica e para o Ensino Superior, não estaremos fortalecendo o sentimento de respeito e solidariedade entre os diversos grupos étnico-raciais, pelo contrário, estaremos reforçando as práticas racistas existentes na nossa sociedade e negando às pessoas negras, e eu amplio, aos povos indígenas, o direito de serem quem são e o direito de viver com dignidade. Neste sentido, concordo com Gomes (2021) quando ela defende que precisamos nos posicionar contra esta realidade e inserir o tratamento da questão racial tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior.

Petronilha (2007) também alerta que muitas vezes ensinamos como se vivêssemos em uma sociedade monocultural, onde os conhecimentos e as experiências dos diferentes povos não são valorizados, e isso nos impede de rompermos com a ideia de que existe apenas um saber. Petronilha (2007) complementa que agindo assim, seremos incapazes de trazeremos para os currículos escolares as vozes e as imagens das mulheres, dos negros, dos povos indígenas, de terreiro, quilombolas, da população LGBTQIA+, das pessoas com deficiência, dos idosos, entre outros. Neste sentido, concordo com Petronilha (2007) quando ela defende que,

precisamos, antes de mais nada, prestar a atenção nas formas e meios que nossos alunos utilizam para aprender. Se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos que descobrimos o mundo. Corpos negros, brancos, indígenas, mestiços, doentes, saudáveis, gordos, magros, com deficiências, produzem conhecimentos distintos, todos igualmente humanos e, por isso, ricos em significados. Produzem também conhecimentos científicos, quando decidem realizar pesquisas deste cunho, que têm em conta as circunstâncias e suas condições de ser e viver (Petronilha, 2007, p. 501).

Lásara, assim como Petronilha (2007), defendem que todas as pessoas são capazes de aprender e que é possível prestar mais atenção nas formas como os alunos e alunas aprendem a partir, não apenas do corpo físico, mas dos sentimentos, das emoções, basta chegar perto e enxergar cada uma destas crianças e adolescentes, para que eles/elas não precisem passar pelo que muitas de nós passamos em função da nossa cor e da nossa corporeidade, portanto, Lásara, ensina quando diz que:

tem que ter afetividade para haver a aprendizagem, por quê? Por causa dessa questão ancestral de cor, enquanto criança negra e eu enquanto professora negra, me vi dizendo: eu tenho que mostrar para essa criança negra, que é meu aluno, que eu enxergo ele. E não só eu enxergo ele, eu tinha que fazer com que os meus colegas também enxergassem eles. Eu estive em escolas que antes da pandemia já existia o afastamento, o menino chegava, um negro, ia abraçar a pró, a pró já ficava de esquiva, ali já existia o afastamento. E eu o tempo todo nessa questão desse desequilíbrio para que a coisa acontecesse. Chegue perto, enxergue ele. Amo o professor, eu poderia até não gostar porque não tenho referência, enquanto criança negra, desse professor, mas o tempo todo eu disse: a gente está numa posição super importante, um médico mata um paciente, nós quando deixamos de fazer o que devemos a gente mata uma geração e às vezes acaba com a ancestralidade (Lásara, 2023).

Alaíde também utiliza a profissão enquanto instrumento de transformação ao mostrar para os seus alunos/as que é possível mudar de vida através da educação, pois o conhecimento para ela é poder:

Então, quando eu digo para eles: olha, minha mãe me criou sem meu pai, eu moro ali atrás da casa de Seu Antônio. Pois é! Mas eu estudei, fui para escola, eu estudei no Roberto Santos, ali de junto do hospital, tem uma escola chamada Governador Roberto Santos, foi ali que estudei. Depois eu fiz uma universidade, sabe qual foi a universidade que a pró fez? UNEB, ali...agora é o Atacadão, na época era Bom Preço, ali de junto do Bom Preço, quando vocês passarem, olhem para o outro lado, aquele muro ali é uma faculdade que todo mundo pode fazer. Então eu vou nesse movimento porque eu entendo que conhecimento é poder e a gente só consegue, inclusive mobilidade social, através de educação e é fato, eu tô aqui para mostrar isso (Alaíde, 2023).

Defendo a necessidade de que a profissão docente seja analisada também a partir destas realidades denunciadas pelas mulheres negras professoras, pois elas têm seus saberes de referência frente às questões de raça, classe e gênero. No entanto, ao falar sobre profissão, não falo apenas do fazer docente, mas também de currículos, projetos e programas que valorizem a diversidade étnico-racial, cultural e os saberes dos diferentes povos, visando a promoção da equidade social e qualidade do trabalho docente, para além dos aspectos burocráticos e dos conhecimentos científicos.

Falo também de sobrecarga de atividade dos professores e professoras, dos pacotes pedagógicos prontos, preocupação com os resultados das avaliações externas, mercantilização da educação escolar, falta de autonomia dos/as professores/as, precárias condições de trabalho, desvalorização salarial e social da profissão docente. E sobre esse aspecto, Andréia denuncia que a nossa profissão precisa

ser respeitada, com valorização como qualquer outro profissional. Isso aí eu falo da profissão professor, que a gente tem uma profissão que vai na frente de todas, porque qualquer profissão ela precisa passar pela educação, ela precisa passar por nós professores. Então a gente precisa não romantizar a nossa profissão, principalmente nós, mulheres negras, que ocupa esse espaço, eu não estou aqui por amor, somente, aqui é meu sustento e meu lugar de formação contínua e de transformação social. Daqui na minha comunidade, que eu trabalho com crianças de periferia, de bairro periférico e tal, estou aqui acreditando que a educação vai transformar a vida desses sujeitos (Andréia, 2023).

Além da valorização profissional, como ressalta Andreia, é necessário falar também das formas de ingresso na profissão, pois as escrivências revelam que a sociedade impôs a estas mulheres negras limitações e negação de direitos, e elas se agarraram às poucas oportunidades as quais estiveram relacionadas à profissão docente, tendo em vista que o diploma de professora lhes possibilitou ingressarem na profissão, vincular-se à Prefeitura Municipal de Salvador, através do concurso público e mudarem de vida, a partir do momento em que elas conseguem uma melhoria salarial e estabilidade previstos na Lei 8.722/2014, que dispõe sobre o plano de carreira e remuneração dos servidores da educação do município de Salvador. Importa dizer que Eliane, mesmo sem desejar ser funcionária pública e por diversas vezes recusar as convocações dos concursos públicos, viu que esta era uma possibilidade para mudar de vida, pois ela vivia em situação de precarização do trabalho docente, sem estabilidade, sem garantia de salários:

De Salvador fui pra Santo Amaro da Purificação, morar. E aí Santo Amaro da Purificação foi uma experiência muito boa porque eu fui pra lá como supervisora, era na verdade uma vice-diretora, fazia tudo. E quando eu estava nessa escola, a escola começou a ficar meio complicada, atrasando, era um inferno, porque eu vivia de aluguel, dependia do dinheiro deles. E aí surgiu o convite para eu participar de uma cooperativa de pais. Então eu entrei nessa cooperativa de pais como vice-diretora, eu fundei a cooperativa. E está até hoje funcionando lá em Santo Amaro. Eu entrei como supervisora e implantei o Ensino Médio na cooperativa também. Tinha de Educação Infantil até o Ensino Médio. Depois a diretora saiu para assumir um cargo na prefeitura e eu fiquei como diretora. Mas como em todos os lugares que eu passo, é sempre uma confusão, enfim, me demitiram, e foi quando eu voltei pra Salvador. E aí foi um período super difícil eu vivia de projeto, coordenar projetos, supervisionar projetos, então assim, cada ano eu tinha que esperar renovar e tal, então eu fiz muita coisa de alfabetização, pela UFBA, depois pelo SEAL, SEAFRO. Daí que eu entrei na prefeitura em dois mil e cinco. Que eu tinha dito a mim mesma que eu nunca seria funcionária pública. Eu entrei e saí, entrei e saí. E quando estava com a pontinha do tendão e a corda no pescoço, eu disse: passei. Tô aqui até hoje, vai fazer 18 anos que tô aqui. (Eliane, 2023).

Embora não seja objetivo desta tese aprofundar as discussões sobre os concursos públicos, em especial para ingresso na carreira docente, gostaria de ressaltar a importância da Lei n 12.990, de 9 de junho de 2014, que reserva 20% das vagas para candidatos negros oferecidas nos concursos públicos na esfera federal. De acordo com Vaz (2022), os estados e municípios estabeleceram regime próprio de cotas para os concursos públicos, sendo que no Estado da Bahia, conforme a autora, existe a Lei 13.182 de 06 de junho de 2014, a qual reserva no mínimo 30% das vagas no âmbito estadual. Importante destacar que as cotas dos concursos públicos são cotas raciais e não estão relacionadas com as questões socioeconômicas.

Assim como as escrituras revelaram a necessidade de cotas raciais para acesso ao Ensino Superior, também revela a necessidade de cotas nos concursos públicos enquanto uma possibilidade de romper com uma estrutura desigual de mobilidade social ascendente, tendo em vista as oportunidades desiguais reveladas pelas mulheres negras professoras ao longo da sua formação inicial e na busca por oportunidades de emprego, pois Lásara nos revela que ela até tentou uma vaga em uma escola particular antes de ser aprovada no concurso público, mas não conseguiu por não ter “boa aparência”:

Fui recusada em escola particular também por minha cor. Eu vivi uma situação interessante de contar: antigamente você mandava o currículo para as escolas particulares e pediam uma foto e eu mandava a foto, aí uma vez eu disse: rapaz eu vou pegar minha cunhada, minha comadre, ela é branca, eu vou botar a foto dela no currículo. Já tinha terminado o Magistério, estava procurando trabalho em uma escola no Imbuí e aquela coisa que eu digo, eu não sei o que é pior se é você está desempregada ou procurar trabalho e chegar lá tomar um não bem redondo, eu não sei qual é o pior. E aí botei a foto, cheguei lá entreguei fui entrevistada e o entrevistado me olhou, não disse nada, só olhou e começou a me fazer perguntas e tal: espere a ligação. Não comentou nada da foto, ficou calado, mas também eu não fui chamada. Então assim, se a gente enquanto professora negra, a gente vê que para adentrar numa escola particular naquele tempo era uma coisa de loteria, porque se a gente olhar, meus filhos foram de escola particular no período em que eu procurava emprego e eu não visualizava nenhuma professora negra. A gente só via professoras, e eram loiras, difícil até quando a gente encontrava uma de cabelo encaracolado a gente até se identificava. Então assim, essa questão do racismo, muito difícil a gente enquanto professora adentrar nesse espaço do magistério, quando a gente adentrava era numa banca, numa escolinha que fazia em casa, era assim. E aí eu lhe digo, eu entrei na rede particular na cooperativa, em escola religiosa. Aí você pode me pergunta assim: e você via essa questão racial lá? Enxergava enquanto as crianças e os pais, porque existia isso também, mas assim, quando a gente mostrava que a gente não estava ali porque era sorte e sim por conhecimento, havia um respeito. Quando a gente conversava com as outras colegas a gente não via que passava por tanto crivo. Mas vamos lá! Aí eu digo: eu vou fazer um concurso, eu vou dar o meu sangue mas em outro lugar. E aí a Rede fez

um concurso para o Magistério, passei (Lásara, 2023).

Não se trata, como afirma Vaz (2022), de uma benesse, mas de uma política de reparação pelas oportunidades desiguais aos grupos étnico-raciais historicamente discriminados. E como afirma a autora, faz-se necessário reservar as vagas, mas é importante também ocupá-las.

Além do fazer docente e do ingresso na profissão é importante destacar também a progressão na carreira docente da mulher negra professora, pois cabe perguntar se diante das vias de opressões de raça, classe e gênero, as mulheres negras ocupam os espaços de poder e decisão dentro da Rede Municipal de Ensino de Salvador e das diversas rede de ensino? De acordo com Bento (2022), são várias as consequências se um mesmo perfil de pessoas ocuparem os lugares de comando e de decisão na saúde, nas instituições financeiras e até mesmo na educação, consequências estas que vão desde o desemprego e subemprego, passando pela precarização da condição de vida da população negra, o alto índice de abandono escolar e até o alto índice de vítimas negras da violência policial. Compreendo que é por esse motivo que Andreia defende a ocupação dos espaços:

Com a gente não é assim, eu sou preta, infelizmente querem nos rebaixar ao máximo, mas a gente precisa fortalecer a luta dessa forma. Hoje eu digo que uma das frentes de luta que eu defendo é a ocupação dos espaços. A gente tem que ocupar os espaços para poder mudar, mudar as visões. Não vai fazer a diferença? Vai (Andreia, 2023).

Sendo assim, as ausências não podem ser naturalizadas, no sentido de ecoarmos a nossa voz para dizer que “é contraproducente estabelecer hierarquias entre raça, gênero e classe. Assim, é urgente entender a imbricação dessa tríade” (Gomes, 2021, p.437) e fortalecer os coletivos de mulheres negras professoras para pensar a profissão docente a partir da perspectiva da interseccionalidade e do feminismo negro na busca por justiça social e equidade e fortalecer a luta de maneira coletiva dentro da profissão, tendo em vista que a preocupação é por uma educação que valorize os diversos saberes e a diversidade cultural e racial e fazer valer, por exemplo, o cumprimento da Lei 11645/2008, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Significa dizer que não é somente sobre a profissão, mas é sobre a valorização da dignidade humana, é sobre não aceitar que mais meninas, como Iasmin, deixem de frequentar a escola porque não gosta deste espaço, é sobre não precisar ouvir outra vez de um

adolescente de uma escola municipal de que jovem preto da periferia não vai para a universidade, é para que “as nossas meninas que estão aí nessa caminhada não precisem passar por tantas coisas. (silêncio). Que a gente possa pavimentar essa estrada de outra forma pra elas” (Jacirema, 2023), pois precisamos “dar isso aos meninos para não esperar eles sofrerem tanto. E às vezes nem consegui superar, passar pra frente com toda dor que ele tem”. (Eliane, 2023). É para que,

nenhuma criança negra tenha que ouvir xingamentos racistas sobre sua cor, corporeidade, sinais diacríticos ou então, tenha que viver a cena que vivi na minha infância, de ter o cabelo crespo chamado de bombril. E, caso isso aconteça, que possa reagir com segurança e veemência e tenha professoras e professores competentes e com formação adequada para que saibam intervir positivamente reeducando não somente ao estudante que cometeu o ato racista, mas toda a sala de aula” (Gomes, 2021, p.446).

É também para que mais mulheres negras tenham as suas vidas transformadas, e possam dizer, assim como Eliane, que hoje é uma pessoa feliz, e que seja antes mesmo dos quarenta anos. E que é possível mudar de vida sendo professora e mais ainda, que é possível transformar vidas a partir da profissão docente. E tinha alegria mesmo sabendo que não dispunha muitas vezes do que comer, tendo silenciado durante os quatro anos da sua graduação, mesmo não tendo o dinheiro do transporte para ir para a faculdade, e ter por diversas vezes o salário atrasado, tendo que mandar a sua filha para a casa de colegas para tomar café, Eliane ensina que é possível, é com dor, com luta, é ter que exigir “de nós mais do que o necessário, a gente não tem que ser dez, a gente tem que ser vinte, a gente tem que se esforçar pra mostrar aquilo que a gente é” (Eliane, 2023). É possível, pois as condições financeiras de Eliane já lhe permitiam combinar a bolsa com o sapato, com o brinco, com o cinto:

A infância foi pobre como eu falei pra você, na adolescência e depois na fase adulta tinha duas toalhas, uma calça jeans, e aí hoje eu olho, abro o guarda-roupa e digo: é, como eu evolui. Quantos sapatos eu tenho. (risos). Eu ia botar sapato branco hoje, mas aí eu disse: vai chover. Bolsa pra combinar com sapato, eu sempre desejei isso. Bolsa que combinasse com sapato, combina com cinto, combina com brinco, (risos), tudo que combina com tudo. Sempre desejei, mas nunca pude. Então hoje eu posso. Eu posso...os filhos já estão criados. Hoje eu posso investir em mim. É brinco que combina com o anel, que combina com sapato (risos). E não é luxo não. Como eu estava dizendo, eu só vestia (preto eu nunca gostei) eu só vestia branco, bege e marrom. Branco, bege e marrom - branco, bege e marrom e calça jeans. Branco, bege e marrom e calça jeans. Há pouco tempo que eu comecei a usar roupa colorida. Hoje em dia eu estou uma velha pra frente

(risos), me autorizei a ousar, não tô nem aí se alguém vai gostar, não vai gostar, vai achar feio, eu uso roupa colorida, boto coisa no cabelo, não boto, uso dread (Eliane, 2023).

É também sobre se reconhecer como uma professora raiz e dizer que a sua trajetória profissional, mesmo começando por acaso, deu certo, e que é preciso acreditar nas potencialidades das alunas e alunos, e Jacirema afirma que ela é a prova viva, e eu defendo que sim, somos a prova viva, somos as “improváveis”, mas tivemos professores/professoras que acreditaram também nas nossas potencialidades, que não desistiram de nós e, por isso, estamos aqui:

A minha história na educação é assim. Eu acho uma história muito reveladora. Eu sou uma servidora raiz. Tenho uma colega que diz que eu sou professora raiz, que eu gosto de dar aula, ensinar. Uma trajetória que começou por acaso, mas que no final eu acho que deu certo e hoje eu penso, sou uma servidora raiz, servidora raiz é aquela servidora que cumpre horário, que cumpre o trabalho. Porque eu não penso no executivo, nem no chefe da pasta, eu penso no meu trabalho que precisa ser cada vez mais organizado, com foco no que a gente precisa, a gente ainda não alcançou o resultado que nós podemos, que nossos meninos podem. Porque eu estou aqui pra dizer isso, que pode, eu sou a prova viva. Não existe a possibilidade do fracasso. E eu não estou falando de um esforço como eu fiz, eu estou falando das potencialidades mesmo. Eu não estou falando de um esforço sobre humano, dê a eles as condições que eles vão (Jacirema, 2023).

É por acreditar que devem ser oferecidas as mesmas oportunidades para as pessoas, independente das condições raciais, de gênero, e classe, que chego ao final do último capítulo desta tese com a mesma alegria e motivação que estava ainda nas primeiras linhas desta escrita, muito mais amadurecida, muito mais fortalecida. Pesquisar com outras mulheres negras professoras sobre a formação e a profissão docente me fazem compreender que estes conhecimentos não seriam construídos se eu não tivesse encontrado os escritos, as denúncias e a força das mulheres negras que lá atrás decidiram constituir uma epistemologia a partir da sua condição de mulher negra, que “com a sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo” (González, 2020, p. 64).

Essas mulheres negras ousaram e criaram um movimento próprio, pois nem o feminismo hegemônico, nem o movimento negro revelava as suas dores marcadas pelas vias de opressão de raça, classe e gênero.

E se posso estabelecer uma relação entre o feminismo negro e a profissão docente é para dizer que, enquanto professoras, que mudamos de vida, que alcançamos uma certa

mobilidade social, que temos uma profissão pela qual todas as demais precisam passar, não aceitamos mais sermos vistas “como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente” (González, 2020, p. 170).

Aprendi com González (2020), dentre tantas outras coisas, que mesmo precisando usar todos os dias as estratégias de sobrevivência, assim como Jacirema revela na sua escrivência, não podemos desistir da vida e não podemos desistir da nossa profissão, mas como ela mesma afirma, não quero mais ficar sempre vigilantes à espera do próximo golpe e ter que precisar sair de cena para não ser machucada. Como Alaíde, sabemos que tudo isso dói,

porque o racismo dói e dói no lugar que não dá para tirar as marcas. Ser preterida dentro da escola, ser preterida numa tentativa de trabalho. Fui algumas vezes. Depois da formatura do Ensino Médio. Tenho Ensino Médio? Tenho Ensino Médio. Vou procurar trabalho. Eu fiz datilografia e depois eu faço técnico em Administração, vou conseguir trabalho em escritório. Não! Preto não. Escritório é um pouquinho demais. Minhas colegas clarinhas conseguiram escritório e nem tinham curso de datilografia. Mas eu, cabelo alisado, não dava. Então assim, doía, mas doía muito mais porque eu entendia o que estava acontecendo, dentro da escola eu entendia que era porque eu era preta. Mas eu entendia também que estava errado e eu sempre fui muito feliz de encontrar professores que tinham entendimento da questão racial. E quando eles percebiam a minha fala, não é que atitude deles mudavam no sentido de me proteger, não era isso, era uma atitude de dizer assim: que bacana que você entende isso (Alaíde, 2023).

Também compartilho essa dor com Alaíde, mas ressalto que aprendemos com Werneck (2017), quando ela defende que protagonizamos lutas cotidianas desde o passado para ocuparmos os diferentes espaços e para que o mundo seja um lugar mais justo e seguro para todas as pessoas, e que ser mulher negra no Brasil é sinônimo de luta. E seguirei na luta, se for por um Brasil melhor, se for pela valorização da nossa profissão, se for pelo respeito à dignidade humana, seguirei na luta.

Falar de formação e profissão docente a partir da epistemologia do feminismo negro, me leva a entender, com as escrivências de Eliane e demais professoras, que também é a minha, que abandonamos muitas coisas pelo caminho porque acreditávamos que não éramos capazes e não teríamos condições de seguir:

Eu sempre fui uma pessoa que começava as coisas depois não me sentia capaz, eu abandonava, eu achava que não ia ter condições. Larguei muita coisa na vida, muita coisa. Muito concurso público, que era pra eu estar aposentada do estado. Dois concursos públicos, um pra professora, um para coordenadora pedagógica, eu larguei tudo. Eu fiz 6 vestibulares, passei em

cinco. Fiz três mestrados, só consegui terminar um. Quer dizer...Especializações? Várias. Eu só passei a achar que realmente eu era alguma coisa quando eu fiz quarenta anos. Mas até os 40 anos eu largava tudo e dizia: isso não é pra mim, eu não vou conseguir, eu não tenho condições. Não tenho condições. Não está dando certo. Não estou me sentindo bem (Eliane, 2003).

É verdade que abandonamos muitas coisas porque não acreditávamos que seríamos capazes. Isso acontece porque, conforme hooks (2023) padronizamos a nossa vida a partir dos estereótipos negativos que querem nos impor, e assim, é muito difícil para nós, mulheres negras, desenvolvermos um conceito positivo sobre nós mesmas. Além de muitas vezes não acreditarmos que somos capazes em função dos estereótipos negativos que nos impõem, também tem aquelas pessoas que duvidam da nossa competência,

Tô eu na faculdade, todo mundo sabia que eu era bolsista. Uma colega minha Anairã, evangélica, o marido dela trabalhava no Polo, no departamento pessoal. O departamento pessoal me perseguindo (risos), e aí ela disse: Jaci, olhe, Marcos, o marido dela era Marcos, disse que tem uma vaga para departamento pessoal no Polo. E aí acertaram tudo, eu fui pro polo, peguei o ônibus, ele me deu a credencial, ele me indicou para participar da seleção. Eu acho que eu fiz a prova só, tipo uma sala dessa, sentei e aí pronto, não tive acesso a Marcos, meu contato era com Anairã, que era minha colega e ele que passou a credencial de visitantes. Cheguei lá, tomei o lanche. Aí Anairã, depois, passou uma semana, me chamou com a outra colega, aí falou: olhe Jaci, sabe o que foi que aconteceu? Sua prova foi excelente, você fechou a prova, tanto que houve uma situação lá, que as pessoas não acreditaram porque você fechou a prova e houve uma suspeita, se Marcos tinha passado a resposta para você. Você não pode ser bom. Até você ser bom é duvidar da sua competência, mas na época eu não sabia tanta coisa assim, mas eu só achava que era porque eu era preta, eu já tinha noção e o escritório quando eu Cheguei lá era todo mundo branco. Que os pretos estavam na obra. E os outros pretos estavam lá no serviços gerais. Aí... chega uma preta universitária, não sei o quê, amiga de um dos chefes. Eu não era amiga do homem, eu era colega, mas as pessoas não acreditaram que eu tinha competência. Mas eu estava num percurso de trabalho de departamento pessoal e eu não era uma pessoa leiga dentro do ramo. E aí minha filha, eu tomei essa decepção, não fui chamada (Jacirema, 2023).

A epistemologia do feminismo negro a qual optei para fundamentar esta tese também ensina que estou aqui seguindo os passos daquelas que vieram antes, e aceito o bastão que Sueli Carneiro (2020) passou ainda no início desta tese. Trago ele até aqui, para também puxarmos outras mulheres negras professoras, e dizer, através da escrivência de Andréia, que vencemos:

Hoje eu faço um Doutorado, eu passei em três Doutorados, em três programas diferentes e aí eu sei do meu papel e o papel de estar ocupando espaços. A gente precisa ocupar espaços. Não adianta eu estar aqui criticando uma política se eu não estou no lugar de fazer a política ou de pensar as políticas. Eu quero que esse meu esforço reverbere em políticas. Eu quero que tenha um movimento na academia, que é minha projeção estar em espaço universitário, ser professora Universitária. E eu acho que aí o meu esforço é estar no lugar que eu estou para também puxar outras mulheres negras, porque não é fácil (Andréia, 2023).

Realmente não é fácil, mas ao longo da caminhada profissional vamos encontrando os nossos caminhos, e como diz Alaíde, furando as barreiras de maneira coletiva, aproveitando todas as possibilidades. E trazer para o âmbito acadêmico a pauta da formação de mulheres negras professoras só foi possível porque muitas outras mulheres negras vieram antes rompendo coletivamente as barreiras e hoje, estamos aqui hoje abrindo portas para outras pessoas,

a gente consegue romper devagarzinho. Eu acredito muito no poder da coletividade, acredito demais. Nós estamos imersos no universo eurocêntrico e a gente fura a barreira, atravessa ela e diz: É possível, eles estão dizendo que não, mas é possível. Foque naquilo que é possível, e foque agora. Viu a possibilidade? Atravessa coletivamente, porque sozinho você é barrado, você sozinha não vai, não chega nisso. Atrás de você quantos vieram para hoje você entrar numa universidade eurocêntrica, muito branca e dizer: olha, eu quero estudar os processos formativos de mulheres pretas e você encontrar orientador para discutir com você? (Alaíde, 2023).

Lásara, por sua vez, fala que precisamos nos empoderar para empoderar outras pessoas:

O que eu quero narrar é que continue pessoas como nós indo para academia, não pelo título de doutor, de mestre ou de graduada, de graduado, mas para se empoderar para que empodere outros. Aquela frase: eu vou aprender a ler para ensinar meus camaradas, é isso, e não para esfregar título na cara de ninguém e nem se achar superior porque tem um título. Academia é necessária, não estou aqui desvalorizando academia, é necessário, o que eu tô dizendo é: vá aprender a ler, vá ser doutor, vá ser mestre, vá ser graduado porque você precisa, mas para se empoderar e empoderar o outro e não entregar título na cara de ninguém (Lásara, 2023).

Toda esta escrita para dizer que não podemos naturalizar o processo de formação e profissão das mulheres negras professoras. Pois concorrem em condições justas de igualdade, mesmo conseguindo acessar o ensino superior, a pós-graduação ou mesmo a aprovação em concursos públicos. Os processos não são socialmente justos, eles são regulamentados a partir das divisões sociais de classe, raça, gênero e de maneira perversa nos levam a acreditar que o mais importante são os resultados, os quais devem ser positivos, já que o talento é individual,

e as oportunidades são iguais e justas. As escrituras aqui apresentadas revelam que não é bem assim, ainda é preciso transpor várias barreiras para continuar ocupando os espaços e exercendo a profissão de professoras.

De maneira geral, posso afirmar que as escrituras levam a compreender que a localização das mulheres negras professoras, na intersecção das vias de discriminações de raça, classe e gênero moldaram a sua formação inicial desde a escolha pelo magistério até o acesso e permanência na universidade e o sentido de ser professora, tendo em vista que a decisão por se tornarem professoras aparece como consequência das barreiras encontradas por essas mulheres negras no mercado de trabalho, muitas das quais, de início, não desejavam ser professoras e tinham outros projetos para a sua vida, mas a partir do momento em que elas precisavam trabalhar ou mesmo desenvolver trabalhos voluntários na comunidade, viram no Magistério a possibilidade de contribuir para o trabalho desenvolvido na comunidade ou mesmo mudar de vida através do ingresso no Ensino Superior, tomando o estudo enquanto um ato contra-hegemônico e enquanto possibilidade de saírem do lugar da subalternidade, ingressando na Universidade.

As escrituras revelam ainda que as oportunidades de acesso ao Ensino Superior foram limitadas, pois com a ausência das políticas de ações afirmativas e dificuldades financeiras, as mulheres negras professoras precisaram elaborar as suas próprias estratégias para transporem as barreiras de acesso ao Ensino Superior, além de buscarem também estratégias informais para permanecerem na universidade e concluírem a sua formação inicial, seja com as redes de solidariedade, ou assumindo o papel de estudantes trabalhadoras. Daí a necessidade de estratégias formais, tais como, programas de extensão, concessão de bolsas, incentivo à pesquisa e um currículo das licenciaturas que se coloque contra o racismo epistêmico e que valorize a diversidade étnico-racial, que acolha os corpos negros, indígenas, quilombolas, trans etc., além de um currículo que valorize os diversos saberes e a diversidade cultural e racial.

Autorizo-me afirmar também que o diploma possibilitou às mulheres negras professoras ingressarem na profissão através do concurso público e mudarem de vida com uma melhoria salarial e demais direitos previstos no plano de carreira do magistério. Por este motivo, faz-se importante também a defesa da reserva de cotas raciais nos concursos públicos, enquanto possibilidade de mobilidade social ascendente.

Finalizando este capítulo, afirmamos que as mulheres negras professoras que construíram comigo a pesquisa revelam, através das suas escrituras, que é possível

mudar de vida sendo professora e transformar vidas a partir da nossa profissão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero este momento da escrita como um recomeço. Pois é neste momento que tenho a oportunidade de retomar os conhecimentos que foram construídos ao longo do processo de investigação, que teve como objetivo principal compreender a formação inicial de mulheres-negras-professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, na intersecção dos marcadores sociais de raça, gênero e classe.

Decidi “finalizar” a escrita desta tese, retomando como foi o processo de compreender a formação inicial de mulheres negras professoras, mais especificamente a escolha pelo magistério e o acesso e permanência do ensino superior, também para compreender o sentido da profissão, seja na perspectiva da mobilidade social, seja na perspectiva do nosso fazer docente. Devo dizer que foi uma trajetória longa, que teve início ainda no ano de 2020, ano em que enfrentamos a pandemia da COVID-19, momento difícil, mas foi justamente este momento que me fez repensar o meu ser e estar no mundo. Repensar a minha profissão, a minha vida pessoal e também a minha vida acadêmica.

Naquele ano de 2020, ingressei no doutorado com a intenção de compreender a formação continuada de professores nos espaços e tempos do cotidiano escolar com a intenção de dar continuidade à pesquisa desenvolvida durante o Mestrado. Penso que se tivesse continuado com esta intenção de pesquisa talvez essa minha caminhada tivesse sido menos desafiadora, talvez até “mais fácil”.

Naquele mesmo ano eu vi muitas das nossas irmãs negras na luta pela sobrevivência, e aquilo me impactou. Inquietava-me como eu poderia, enquanto professora e pesquisadora recém ingressa no Doutorado, contribuir de alguma forma para mudar um pouco aquela realidade que se apresentava para mim de maneira tão perversa, pois algumas vezes me vi tocada com as notícias que eram veiculadas nos meios de comunicação sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que precisavam buscar o seu sustento nas ruas, justamente no momento em que as autoridades do país alertavam que era preciso ficar em casa. Além disso, o diálogo que tive com Iasmim foi também um divisor de águas para eu pensar o sentido desta pesquisa, entendendo que,

Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades

das pessoas nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida” (hooks, 1995, p. 478).

E neste momento, este trabalho intelectual começa a ganhar um novo rumo, e o desejo e a busca pela equidade e justiça social começa a invadir o meu coração e orientar a minha pesquisa. Devo dizer que não foi uma decisão fácil, pois eu estava em um programa de pós-graduação em educação, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, e eu não poderia me distanciar da área de investigação do programa e da referida linha de pesquisa.

Foi então que resolvi conversar com a minha orientadora, a professora Dra. Tânia Regina Dantas e dizer para ela que eu gostaria de mudar o meu objeto de investigação. Nesse momento, a professora acolhe a minha intenção de pesquisa e aceita seguir comigo nesta caminhada, que durou mais de quatro anos. Eu disse à professora Dra. Tânia Regina Dantas que não queria mais continuar a pesquisa sobre formação continuada de professores nos espaços e tempos do cotidiano escolar, mas pesquisar com mulheres negras professoras sobre nossa formação e profissão. A professora aceitou a mudança do objeto de investigação e hoje, olhando para o ano de 2020, vejo o quão sensível ela foi, enquanto minha orientadora, em aceitar que a pesquisa seguisse os caminhos da subjetividade, da ancestralidade e da resistência.

Além de continuar ao meu lado durante esta caminhada, a professora Dra. Tânia Regina Dantas também convidou a professora Dra. Carla Liane Nascimento dos Santos para seguir conosco neste projeto de pesquisa. A professora Dra. Carla também não hesitou em compartilhar os seus saberes e apontar caminhos para que eu conseguisse realizar uma pesquisa com qualidade e com compromisso ético e político. Então, tendo ao meu lado duas grandes mulheres, competentes e comprometidas, entendi que esta pesquisa ganharia força e que os caminhos apontados por elas me levariam a um resultado muito bonito e implicado com a temática investigada.

Com a orientação da professora Dra. Tânia e da Professora Dra. Carla eu começo a reelaborar o projeto de pesquisa a partir da seguinte questão: de que maneira os marcadores sociais de raça, classe e gênero atravessam a formação inicial de mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador? E como estas mulheres negras se constituíram professoras? O objetivo era compreender a formação inicial de mulheres-negras-professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, na

intersecção dos marcadores sociais de raça, gênero e classe. Objetivo esse que foi plenamente alcançado conforme a análise e interpretação das escrevivências apresentadas nesta tese.

Também, com a orientação das professoras, pude delinear melhor os meus objetivos específicos: Conhecer as experiências das mulheres negras professoras durante a sua formação inicial, destacando a intersecção entre os marcadores de raça, classe e gênero; Analisar as possibilidades de acesso e permanência das mulheres-negra-professoras no ensino superior; Identificar o sentido da profissão docente para essas mulheres negras professoras. A partir dos objetivos traçados, das informações e relatos apresentados ao longo da pesquisa, defendo a tese de que os marcadores sociais de raça, classe e gênero, de maneira interligadas, influenciam a formação inicial de mulheres negras professoras, desde a escolha pelo magistério até o acesso e permanência no Ensino Superior.

Compreendi durante o processo que não teria como defender esta tese se eu estivesse sozinha. Para isso, convidei seis mulheres negras professoras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador para fazerem parte desta pesquisa. Também fiz a opção pelos referenciais teórico-metodológicos Gonzalez (2020, 2022), Nascimento (2021), Carneiro (2020), Gomes (2008, 2017, 2018), hooks (1995, 2017, 2019, 2023), Evaristo (2005, 2011, 2017, 2020, 2021), Collins (2015, 2017, 2019, 2021, 2022), Davis (2016), Santos (2021), Fanon (2020, 2022), Nascimento (2016), Bento (2022), dentre outras. Hoje, olhando para o início desta escolha, percebo que não poderia ter sido diferente, pois trazer, como diz Evaristo (2020), estes pensamentos subjugados, foi o diferencial para que eu pudesse alcançar os objetivos da pesquisa e apresentar uma escrita com a pretensão de ser lida por muitas pessoas para além do campo acadêmico e, principalmente, por mulheres negras que “escolheram” tornarem-se professoras, porque é para elas que eu escrevo.

Durante o processo, senti a necessidade de trazer a minha escrevivência para revelar como me constituí professora e como se deu o meu ingresso na profissão a partir da minha condição de mulher negra. Devo dizer que foi um momento muito importante, pois eu pude fazer outras leituras de algumas vivências ao longo da minha formação e depois das escrevivências de outras mulheres negras professoras, percebi o quanto as nossas histórias são coletivas. Foi naquela ocasião que reconheci e começo a me orgulhar da minha identidade quilombola.

Eu também precisava conhecer as pesquisas realizadas no âmbito dos programas de pós-graduação em educação no contexto do estado da Bahia, e esta foi umas das recomendações da Banca de Qualificação, e que hoje entendo a importância deste exercício,

pois me possibilitou aprofundar e ampliar as questões investigadas e definir os conceitos e categorias que, articulados entre si, me ajudaram a compreender e a apresentar os resultados e conclusões desta pesquisa.

Optei por construir os meus próprios caminhos teórico-metodológicos, fazendo algumas rupturas, e uma delas foi a ruptura epistemológica, tendo em vista que seria um equívoco “adequar” a pesquisa-escrevivência à epistemologia acadêmica tradicional a qual estávamos acostumadas na academia. Portanto, a minha escolha foi me sustentar na epistemologia do feminismo negro, tomando as experiências coletivas das mulheres negras enquanto critérios de credibilidade, a qual, segundo Collins (2019) trata-se de uma epistemologia alternativa para validar as nossas autodefinições. E foi a epistemologia do feminismo negro que me permitiu assumir nessa pesquisa-escrevivência o meu posicionamento social de raça, classe e gênero e me possibilitou lançar uma olhada mais franca (hooks, 1995) sobre nós mulheres negras professoras.

Também optei pela escrevivência, enquanto perspectiva metodológica porque entendi com Evaristo (2020) que a escrevivência surge de uma escrita negra, feminina e pobre, onde nós assumimos o nosso fazer e a nossa reflexão não como um exercício isolado, mas a partir de uma coletividade. Portanto, a “escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência” (Evaristo, 2020, p. 34), por este motivo é que as mulheres negras professoras aparecem na Tese como autoridades para falarem da sua própria formação/profissão, pois não tive em nenhum momento a intenção de falar sobre, mas falar com mulheres negras professoras a partir de uma decisão epistemológica e política amparada em Nascimento (2021), quando ela diz que “é tempo de falarmos de nós mesmos não como contribuintes nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes dessa formação.” (Nascimento, 2021, p. 53).

Além disso, encontro em Evaristo (2011), o fundamento metodológico da pesquisa, porque eu me compreendo enquanto uma sujeita-mulher-negra-pesquisadora que se inscreve na cena científica a partir da minha subjetividade e dos modos de dizer, incorporados por mim e pelas mulheres negras professoras que produziram comigo uma pesquisa-escrevivência de combate (Evaristo, 2011) e é uma pesquisa-escrevivência que se dá colada com a nossa vivência, particular e coletiva.

Os encontros com as mulheres negras professoras, as quais aceitaram construir comigo esta pesquisa-escrevivências foram momentos intensos, verdadeiros e carregados de emoção,

nos quais sorrimos por diversas vezes e também choramos algumas vezes. Ressalto que, embora eu tenha procurado trazer nesta escrita todas as escrevivências destas mulheres negras professoras, existem sentimentos, expressões que não conseguiria transmitir, tendo em vista os gestos, as emoções e as expressões, os tons de voz que permeiam cada uma destas vozes.

Nestes encontros, as vozes de mulheres negras professoras foram ecoadas e eu entendi a potência destas vozes, as quais, transformadas em linguagem escrita, precisariam aparecer nesta tese enquanto uma escrita coletiva marcada pela voz e pelo corpo de “sujeitas-mulheres-negras” (Evaristo, 2020) e como potência para o acolhimento de outros corpos.

Escrita marcada pela necessidade de rompermos com a naturalização dos sofrimentos, dores e dificuldades enfrentadas por nós mulheres negras professoras durante o nosso processo de formação inicial, em particular, durante o acesso e permanência no ensino superior. E foi inspirada em Evaristo (2011), que entendi que estas escrevivências podem ser agulhas mágicas nas mãos de pesquisadoras e pesquisadores que desejarem retecer os fios de um tecido antigo e roto deixado também por um modelo de pesquisa hegemônica no campo da formação docente.

Estas escrevivências me fornecem subsídios, através da interseccionalidade enquanto perspectiva de análise, para defender a tese de que a localização das mulheres negras na intersecção das vias de discriminação influencia o seu acesso e permanência no ensino superior e, conseqüentemente, na sua formação inicial e sobre o sentido da profissão enquanto possibilidade de transformação para as mulheres negras professoras, tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação docente, evidenciados nos resultados dessa investigação.

Os resultados, com base nas escrevivências, revelaram que existem questões da formação inicial e das condições de acesso e permanência no ensino superior que afetam especificamente às mulheres negras, pois nos encontramos no meio do cruzamento dos eixos de discriminação de raça, classe e gênero. Por esse motivo, as mulheres negras precisam transgredir as fronteiras para continuar acessando o ensino superior e exercendo a docência.

Transgredir as fronteiras significa não desistir e elaborar as próprias estratégias que podem ser: o apoio da comunidade, permanecer trabalhando enquanto estuda para garantir as condições mínimas de permanência no espaço acadêmico, ter ao lado as mães pretas que, com as suas formas de resistência e, de maneira insubmissa, lutaram para que o direito à educação fosse garantido, como diz González (2020), numa verdadeira resistência passiva.

É importante ressaltar também a necessidade de políticas públicas que possibilitem não apenas o acesso, mas também a permanência com qualidade no ensino superior, para que a formação inicial de mulheres negras professoras aconteça com mais qualidade e de maneira menos perversa e menos dolorosa, e que não seja preciso escolher entre se alimentar e pagar o aluguel ou ter que permanecer na universidade para garantir a sua formação inicial, tendo em vista o inúmeros esforços e opressões raciais que são impostos e ao mesmo tempo escondidos pela máxima de que basta se esforçar para ter a recompensa (Vaz, 2022).

A pesquisa-escrevivência é também para dizer sobre a necessidade das universidades olharem com mais atenção para as dificuldades encontradas pelas mulheres negras nos cursos de licenciaturas, pois se as condições das mulheres negras são específicas, necessário também tomar a interseccionalidade enquanto instrumento para a elaboração de políticas públicas com um olhar também voltado para as mulheres negras, as quais muitas vezes são arrimo de família e que encontraram-se no constante risco de desocupação de suas moradas.

A pesquisa também revelou que para além da reserva de vagas para a população negra no ensino superior e técnico, garantida pela atualização do sistema de cotas através da Lei 14.723, de 2023, das estratégias informais utilizadas pelas mulheres negras professoras para darem continuidade à sua formação inicial, faz-se necessário também mudanças no currículo das licenciaturas. Um currículo que valorize a diversidade étnico-racial, que acolha os corpos negros, indígenas, quilombolas, trans etc., e que se coloque contra o racismo epistêmico, o qual impõe a estes grupos subalternizados o lugar de inferioridade intelectual.

Esta pesquisa-escrevivência é também para afirmar que o diploma possibilita às mulheres negras professoras ingressarem na profissão docente através do concurso público, mudança de vida com uma melhoria salarial e demais direitos previstos no plano de carreira do magistério.

Quero dizer que os processos pelos quais as mulheres negras professoras passam durante a formação inicial são processos que refletem as múltiplas desigualdades sociais às quais estão submetidas e não podem ser naturalizados, ou vistos como necessários e inerentes à formação docente. Portanto, defendo a tese de que a colisão das discriminações de raça, classe e gênero influenciam a formação inicial das mulheres negras professoras, desde a escolha da profissão até o acesso e permanência no ensino superior, e que a profissão docente é uma possibilidade de transformação tanto na perspectiva da mobilidade social, quanto da atuação.

Autorizo-me a dizer que, mesmo diante das vivências atravessadas pelos marcadores

de opressão de raça, classe e gênero, essas mulheres negras professoras não desistem e continuam em busca de realizar seus sonhos e mudar a rota das suas vidas e das vidas dos seus/suas alunos/as, revelando o sentido de serem professoras, pois “realizar a igualdade de direitos e tornar-se um ser humano pleno e prenhe de possibilidades e oportunidades para além da condição de raça e de gênero é o sentido final desta luta.” (Carneiro, 2020, p. 184).

Significa dizer que não estamos sozinhas, e que é possível mudar de vida sendo mulher negra professora, e mais ainda, que é possível transformarmos vidas através da nossa profissão docente. Para isso acontecer é preciso acreditar nas potencialidades das alunas e dos alunos. E se chegamos até aqui, foi porque encontramos os escritos, as denúncias e a força das mulheres negras que lá atrás decidiram constituir uma epistemologia a partir da condição de mulher negra, que ousaram e criaram um movimento próprio, pois nem o feminismo hegemônico, nem o movimento negro revelava as nossas dores marcadas pelas vias de opressão de raça, classe e gênero.

Portanto, agradeço a todas estas mulheres negras, em especial a González (2020), que ensina, dentre tantas outras coisas que, mesmo precisando usar todos os dias as nossas estratégias de sobrevivência, não podemos desistir da vida e não podemos desistir da nossa profissão, pois “nós somos teimosos, estamos aí na luta, é lógico” (González, 2020, p. 290). hooks (2019), também ensina que, mesmo sabendo que os obstáculos são reais, eles não são insuperáveis. E assim, seguiremos os caminhos abertos por outras mulheres negras que vieram antes de nós, rompendo coletivamente as barreiras.

O objetivo principal desta tese foi alcançado e revela que, apesar das lutas, dos sofrimentos, as mulheres negras professoras estão vivas, apresentando as suas escrituras, e dizendo que é possível acreditar em uma sociedade igualitária onde todas as pessoas sejam respeitadas em sua dignidade humana, “por isso mesmo temos que assumir nossos bárbaros valores, lutar por eles e anunciar uma nova era. Nova era de que somos os construtores”. (González, 2020, p. 182). Nesse movimento, Anzaldúa (2000) nos faz um convite: “encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos” (Anzaldúa, 2000, p. 235).

Finalizo esta tese com o desejo de que ela sirva de inspiração às mulheres negras professoras para repensarem o seu fazer docente, pois “tanto podemos educar as pessoas para discriminar e oprimir como para respeitar, acolher e se enriquecer com as diferenças raciais, étnicas e culturais dos seres humanos.” (Carneiro, 2020, p. 116), este portanto, é um convite a

educarmos as pessoas para respeitar e acolher as diferenças.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** - São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000. Acesso em 04 mar./2024.

BAHIA. **Lei 13.182 de 06 de junho de 2014**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT\\_Igualdade\\_Racial/Outros/Lei%2013.182%2006.06.14%20Bahia.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT_Igualdade_Racial/Outros/Lei%2013.182%2006.06.14%20Bahia.pdf). Acesso em: 09 ago. 2024.

BAIROS, Luiza. A mulher negra e o feminismo. *In.*: COSTA, Ana Alice Alcântara e SARDENBERG, Cecília Maria B. **Feminismo do Brasil**: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. p.139-145.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNADINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa social reconstrutiva**: introdução aos métodos qualitativos. Tradução Markus A. Hediger; revisão da tradução de Wivian Weller; prefácio à edição brasileira de Wivian Weller - Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 21 jul. 2010. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso em 08 ago. 2024.

BRASIL. **Lei 14.723, de 13 de novembro de 2023**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Disponível em <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2023-11-13:14723>. Acesso em 08 ago. 2024.

BRASIL. **Lei no 12.990, de 9 de junho de 2014**. Reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Diário Oficial da União, Brasília, n. 109, p. 3, 10 jun. 2014.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 17, p. 117-132, 2004.

BORGES, Rosane. Escrivivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.); ilustrações Goya Lopes. **Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.182-204.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em 08 maio 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 58, 2003.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: por uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In*.: BERNADINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e identidades). p. 90-122.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Cláudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos - São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução?: feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n.1, p. 6-17, 2017. Acesso em: 13 fev. 2024

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. (online). Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. *In*.: Moreno, Renata (org.) **Reflexões e Práticas de Transformação Feminista**, São Paulo: SOF, 2015. p.13-42. (acesso em 17 ago. 2023).

COLLINS, Patricia Hill e BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Tradução Bruna Barros, Jess Oliveira. -1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2022.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf?areaAvaliacao=0&cdRegiao=2&sgUf=BA>. (acesso em 12 dez. 2022).

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Acesso em 28 maio 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, nº 1, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>. Acesso em 28 maio 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo**: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista. 2021. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://solemgemeos.medium.com/desmarginalizando-a-intersec%C3%A7%C3%A3o-de-ra%C3%A7a-e-sexo-uma-cr%C3%ADtica-feminista-negra-da-doutrina-b024274df6f5>. Acesso em 29 maio 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens**: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. 1993. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>. Acesso em: 28 maio 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DANTAS, Tânia Regina. **Professores de adultos**: formação, narrativas autobiográficas e identidade profissional. 2009. 525 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, 2009.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.); ilustrações Goya Lopes. **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Lígia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.); ilustrações Goya Lopes. **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.26-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*.: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.);

ilustrações Goya Lopes. **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.48-54.

EVARISTO, Conceição. Em legítima defesa. (Prefácio). In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. - Rio de Janeiro: Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Entrevista à Jornalista Morgani Guzzo, para a **Revista Catarinas**, em 28 jul. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira>. Acesso em 18 jun. 2024.

EVARISTO, Conceição. Entrevista à jornalista Ivana Dorali, para o **Instituto Maria e João Aleixo** – IMJA, em 16 julho de 2018. Disponível em <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>. Acesso em 14 maio 2024.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de **mulher negra**. Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o **Nexo Jornal**, em 26 de maio de 2017. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/375706032/Conceicao-Evaristo-Minha-Escrita-e-Contaminada-Pela-Condicao-de-Mulher-Negra-Nexo-Jornal>. Acesso em 14 maio 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’Água**. 1 ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas malungos**: cânticos irmãos. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. 172 f.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, Brasília, Fundação Palmares/Minc, ano 1, n. 1, ago. 2005. (pág. 52-57). Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em 16 maio 2024.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em 29 maio 2024.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo**: Escrevivência. [S.l.], 2020. Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. 1 vídeo (24 min). 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1s>. Acesso em: 05 jun. 2024.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. *In.*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.); ilustrações Goya Lopes. **Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.164-180.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Acesso em 28 fev. 2023.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Acesso em 22 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivivência: sentidos em construção. *In.*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.); ilustrações Goya Lopes. **Escrivivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.58-73.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, vol. 33, no. 59, p. 434-450, 2021. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6733/673373992012/673373992012.pdf>. Acesso em 23 jul. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: Por um projeto educativo emancipatório. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, jan./dez. 2008. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/127/230>. Acesso em 23 jul.2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículo. *In.*: BERNADINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e identidades). p.251-279.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flávia Rios, Marcia Lima. 1ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Haraway, Donna (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 5, 7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 12 jun. 2024.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras**, Rio de Janeiro, v.3 n.2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em 20 maio 2024.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martina Fontes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. - 14 ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. - 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014.

JOVCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In.*: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 90/113. Acesso em 28 fev. 2023.

JUNQUEIRA, R. D. Prefácio: LOPES, Maria Auxiliadora. BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**; tradução Jess Oliveira. - 1ªed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SANTOS, Lilian Almeida. **Professoras negras na Educação de Jovens e Adultos: Identidades, Memórias e Docência**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei, GALLEFFI, Dante e PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS, Wilson Roberto de. Ubuntu: por uma outra interpretação de ações afirmativas na universidade. *In.*: BERNADINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e identidades). p.362-385.

MEDEIROS, Jonas Medeiros. Conhecimento situado, gênero e raça: uma experiência de campo na Zona Leste de São Paulo. **Revista Plural**, São Paulo, v.26.1, 2019, p.155-179. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159748/154398>. Acesso em 13 jun. de 2024.

MIRANDA, Claudia. **Narrativas Subalternas e Políticas de Branquidade: O Deslocamento de Afrodescendentes como Processo Subversivo e as Estratégias de Negociação na Academia**, 2006. 242 f. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas. *In: SILVA, P.G.; SILVÉRIO, V. R. (Org.). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica.* Brasília, DF: Inep, 2003. p. 115-128. [USP].

NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. *In: GARCIA, Regina Leite. Método, métodos, contramétodo* - São Paulo: Cortez, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** - 3.ed. - São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos; organização Alex Ratts.** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes (Orgs.); ilustrações Goya Lopes. Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.* 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.206-224.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículo e acontecimento: tensões entre epistemologias e epistemicídios. **Revista Educação em Rede.** Volume 6, p. 58-77. Cultura afro-brasileira e africana no Sesc: possibilidades e desafios. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2019. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/multimidia/publicacoes/pdf-educacao-em-rede-vol-6/>. Acesso em 04 jun. 2024.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Raça, gênero e educação superior.** 2001. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas e SANTOS, Carlinda Moreira dos. as mulheres negras brasileiras e o acesso à educação superior. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade,** Salvador, v. 25, n. 45, p. 71-87, jan./abr. 2016.

REIS, Rayane Brito. Acesso e Permanência de Negros(as) no Ensino Superior: o caso da UFBA. *In: LOPES, Maria Auxiliadora. BRAGA, Maria Lúcia de Santana. Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior.* Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p.49-69.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente na roça.** - Salvador: EDUFBA, 2015.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Narrar a vida-profissão: por outras redes de (trans)formação. **Revista del CISEN Tramas/Maepova,** 9 (1), 51-68. Disponível em: <http://revistadelcisen.com/trasmaepova/index.php/revista/article/view/213/180>. Acesso em: 24 jul.2024.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; Ens, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional,** vol. 6, núm. 19,

setembro-dezembro, 2006, pp. 37-50 Pontifícia Universidade Católica do Paraná Paraná, Brasil. Acesso em 28 fev. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <http://petronilha.com.br/artigos/50-2007-aprender-ensinar-e-relacoes-etnico-raciais-no-brasil>. Acesso em 23 jul.2024.

SILVA, Ane Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da arte ou o estado do conhecimento. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1-12, set.-dez. 2020 | e-37452.

RIBEIRO, Djamila. Apresentação: Feminismos plurais. *In*: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. p.13-15.

SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um Estudo Bibliométrico. **Revista CS**, 29, 47-72. <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>. Acesso em 12 jun. 2024.

SILVA, D. C.; DA HORA CORREIA, P. C. (Escre)vivências de educação na trajetória de vida de uma professora aposentada. **Revista Cocar**, [S. l.], n. 15, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5494>. Acesso em: 31 maio 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher? a narrativa de Sojourner Truth** / contada a Olive Gilbert, tradução Carla Cardoso, Juli Silveira - Rio de Janeiro: Livros de Criação: Imã editorial: Coleção Meia Azul, 2020.

VAZ, Livia Sant'Anna Vaz. **Cotas Raciais** - São Paulo: Jandaíra, 2022.

WERNECK, Jurema. 'Ser mulher negra no Brasil de hoje é sinônimo de luta'. **GELEDÉS**, 2017. Disponível em: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br). Acesso em: 13 abr. 2023.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

## ANEXOS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE –  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME R  
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO

**I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome da Participante: Valcineide Santos de Almeida  
Documento de Identidade: 07459254-80                      Sexo: F (X) M  
( ) Data de Nascimento: 02/02/1980  
Endereço: Alameda Benevento, 632                      Complemento: Apt. 1001  
Bairro: Pituba                      Cidade: Salvador                      CEP:  
41.830-595 Telefone: (71) 98276-6262

**II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** Histórias de vida-formação de professoras negras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador
2. **PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Valcineide Santos de Almeida

**III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**

A senhora está sendo convidada para participar da pesquisa **Histórias de vida-formação de professoras negras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador** de responsabilidade da pesquisadora Valcineide Santos de Almeida, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. O objetivo da pesquisa é compreender nas narrativas de professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam suas histórias de vida-formação. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para pensar a formação de professoras e professores na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador a

partir de experiências, princípios, olhares e vozes de professoras negras que falam de si, pensam a si, traduzindo a importância dos saberes e dos processos reflexivos dessas mulheres, valorizando-os enquanto conhecimentos legítimos, também poderá possibilitar à senhora falar sobre a sua formação a partir das suas subjetividades e percepções enquanto mulheres negra, abarcando as vivências e as intersecções as quais está submetida, pois, assim como as mulheres não podem ser tomadas de forma universal, a formação de professoras também não pode ser pensada de maneira hegemônica. Caso aceite a Senhora responderá uma entrevista narrativa que será gravada em

áudio e analisada pela pesquisadora Valcineide Santos de Almeida. A gravação ficará sob os poderes da pesquisadora a fim de garantir o seu anonimato. Durante a entrevista narrativa a senhora poderá se sentir constrangida ou desconfortável em narrar a sua história de vida-formação, no entanto, procurarei, ao máximo, estabelecer um clima de confiança para que a senhora se sinta à vontade para responder aos enunciados livremente, com tranquilidade. Em relação à questão do tempo destinado para a realização da entrevista narrativa, é garantido o respeito às suas demandas, necessidades e rotina, na medida em que o horário será previamente agendado. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, a Senhora não será identificada. Caso queira, a senhora poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que a senhora apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e a Senhora, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras, a senhora tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. A senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Valcineide Santos de Almeida

**Endereço:** Alameda Benevento, 632, Apt. 1001. Pituba- Salvador/BA **Telefone:** (71)98276-6262 **E-mail:** vdejsantoa@yahoo.com.br

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Após ter sido devidamente esclarecida pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios e riscos de minha participação na pesquisa **Histórias de vida-formação de professoras negras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntária consinto que os

resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada à pesquisadora e outra a mim.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Assinatura da participante da pesquisa

---

Assinatura da pesquisadora

Secretaria da  
Educação



## GERÊNCIA DE CURRÍCULO/DIRETORIA PEDAGÓGICA

Salvador, 07 de fevereiro de 2022

### ACEITE INSTITUCIONAL

Eu, Edna Rodrigues de Souza, Gerente de Currículo da Secretaria Municipal da Educação – SMED estou de acordo com a realização da pesquisa intitulada *“HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NEGRAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR-BA”*, cujo objetivo geral é compreender nas narrativas de professoras negras que atuam em escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam seus processos de formação. A referida pesquisa será desenvolvida na Rede Municipal de Ensino de Salvador, pela doutoranda **Valcineide Santos de Almeida**, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob orientação da Profa. Dra. Tânia Regina Dantas.

Atenciosamente,

*Edna Rodrigues de Souza*

---

Edna Rodrigues de Souza  
Matricula: 3081817  
Gerente de Currículo/SMED  
Edna Rodrigues de Souza  
Gerente de Currículo  
GERCC / DIPE / SMED  
Mat : 3081817

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NEGRAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR-BA

**Pesquisador:** Valcineide Santos de Almeida

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 57523422.6.0000.0057

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.356.754

#### **Apresentação do Projeto:**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

A pesquisa de abordagem qualitativa, inscrita no âmbito do método (auto)biográfico, tem como objeto de estudo os processos de formação de seis professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador-BA. O estudo será orientado a partir das seguintes perguntas: De que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam os processos de formação de professoras negras que atuam em escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador? E como estas mulheres negras se constituíram professoras? O objetivo é compreender nas narrativas de professoras negras que atuam em escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam seus processos de formação. Para isso será necessário: analisar como as professoras compreendem o seu processo de formação na sua interface enquanto mulheres negras; identificar nos percursos de vida e trajetórias de formação das professoras elementos relacionados aos marcadores raciais e de gênero; relacionar os percursos de vida e trajetórias de formação das professoras negras com estratégias de resistências. A metodologia estará ancorada nos princípios teórico-metodológicos da abordagem Histórias de Vida e será utilizado como dispositivo de pesquisa a entrevista narrativa.

Continuação do Parecer: 5.356.754

Hipótese/Pergunta orientadora:

Os marcadores sociais de raça e gênero atravessam as histórias de vida de professoras e negras e interferem no seu processo de formação.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender nas narrativas de professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam a sua formação.

Objetivo Secundário:

Analisar como as professoras compreendem o seu processo de formação na sua interface enquanto mulheres negras;

Identificar nos percursos de vida e processos de formação das professoras elementos relacionados aos marcadores raça e gênero;

Relacionar os percursos de vida e formação das professoras negras com estratégias de resistências.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante. Essas possibilidades trazem uma perspectiva de ação nas várias áreas inerentes à vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Destacamos que a informação dos possíveis riscos da pesquisa fornecida aos participantes tem a função pedagógica de proporcionar o entendimento e a correlação da experiência de vida dele (o participante) com o objeto do estudo e os processos de registro de dados para decidirem se querem/podem/devem ou não participar, sabendo que tem possibilidade mínima do desconforto,

Continuação do Parecer: 5.356.754

constrangimento ou cansaço, sempre no foco de promover ainda mais a dignidade dos envolvidos. Considerando-se a partir deste entendimento a decisão da participação ou não, pois só com o conhecimento pleno das circunstâncias da pesquisa pode-se exercer a autonomia em plenitude.

Outro aspecto que se vislumbra com essa informação é que ao correlacionar a experiência de vida, o objeto e os dispositivos de registro de dados, o participante evita de participar se entender que há a possibilidade da maleficência por conta das suas experiências e o/a pesquisador/a livra-se de embaraços e até possíveis processos.

Evidencia-se com essas informações/ações a tentativa de manter-se a dignidade, além de colocar em “tela” que a variável dominante não é a pesquisa e sim a experiência de vida do participante e a vasta possibilidade de não conhecer-se a pleno todas as experiências de vida dos seres humanos envolvidos na pesquisa.

A pesquisadora informa no documento TCLE postado em 05/04/2022:

A senhora está sendo convidada para participar da pesquisa Histórias de vida-formação de professoras negras da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de responsabilidade da pesquisadora Valcineide Santos de Almeida, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. O objetivo da pesquisa é compreender nas narrativas de professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador de que maneira os marcadores sociais de raça e gênero atravessam suas histórias de vida-formação. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para pensar a formação de professoras e professores na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador a partir de experiências, princípios, olhares e vozes de professoras negras que falam de si, pensam a si, traduzindo a importância dos saberes e dos processos reflexivos dessas mulheres, valorizando-os enquanto conhecimentos legítimos, também poderá possibilitar à senhora falar sobre a sua formação a partir das suas subjetividades e percepções enquanto mulher negra, abarcando as vivências e as intersecções as quais está submetida, pois, assim como as mulheres não podem ser tomadas de forma universal, a formação de professoras também não pode ser pensada de maneira hegemônica. Caso aceite a Senhora responderá uma entrevista narrativa que será gravada em áudio e analisada pela pesquisadora Valcineide Santos de Almeida. A gravação ficará sob os poderes da pesquisadora a fim de garantir o seu anonimato. Durante a entrevista narrativa a

Continuação do Parecer: 5.356.754

senhora poderá se sentir constrangida ou desconfortável em narrar a sua história de vida-formação, no entanto, procurarei, ao máximo, estabelecer um clima de confiança para que a senhora se sinta à vontade para responder aos enunciados livremente, com tranquilidade. Em relação à questão do tempo destinado para a realização da entrevista narrativa, é garantido o respeito às suas demandas, necessidades e rotina, na medida em que o horário será previamente agendado. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto, a Senhora não será identificada. Caso queira, a senhora poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que a senhora apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e a Senhora, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras, a senhora tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. A senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

A pesquisadora informa às pesquisadas os possíveis riscos como constrangimento ou desconforto, formas de minimizá-los, direito à indenização caso se sintam lesadas bem como os benefícios da pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é importante com o potencial de melhorar/evoluir a atividade estudada e os participantes envolvidos nela uma vez que poderá trazer benefícios para pensar a formação de professoras e professores na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador a partir de experiências, princípios, olhares e vozes de professoras negras que falam de si, pensam a si, traduzindo a importância dos saberes e dos processos reflexivos dessas mulheres, valorizando-os enquanto conhecimentos legítimos, também poderá possibilitar às pesquisadas falarem sobre a

Continuação do Parecer: 5.356.754

sua formação a partir das suas subjetividades e percepções enquanto mulheres negras, abarcando as vivências e as intersecções as quais estão submetidas, pois, assim como as mulheres não podem ser tomadas de forma universal, a formação de professoras também não pode ser pensada de maneira hegemônica.

Critério de inclusão: O grupo de colaboradoras será constituído por 6 (seis) professoras negras que atuam em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador-BA. Para a escolha das participantes, entendo que não precisaria atender a critérios previamente estabelecidos por não ter a intenção de generalizar as suas histórias de vida e formação, no entanto, a fim de possibilitar maior diversidade nas narrativas, optei por convidar professoras que se autodeclaram negras, que desejem narrarem as suas histórias de vida e formação e atuem em diferentes espaços da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, tais como Órgão Central, Gerência Regional de Educação e escolas, na função de diretora, coordenadora e professora. Após definir os critérios de participação, pretendo estabelecer contato informal com as professoras para falar um pouco sobre a pesquisa e saber se elas desejam fazer parte deste estudo, narrando as suas histórias de vida e formação.

O orçamento: Financiamento próprio.

O cronograma: Exequível.

Instrumento de registro de dados: entrevista (auto)biográfica. Entrevista narrativa.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em consonância.

2 – Termo de confidencialidade: Em consonância.

3 – A autorização institucional da proponente: Em consonância.

4 – A autorização da instituição coparticipante: Em consonância.

5 – Anuência da comunidade: Não se aplica.

6 - Folha de rosto: Em consonância.

7 – Modelo do TCLE: Em consonância.

8 – Modelo do Assentimento: Não se aplica.

9 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em consonância. 10 – Termo de concessão: Não se aplica.

Continuação do Parecer: 5.356.754

11 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Não se aplica.

**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_D O P ROJETO_1879486.pdf	05/04/20 22 14:12:3 1		Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	05/04/20 22 14:12:0 6	Valcineide Santos de Almeida	Aceito
Declaração de Pesquisadores	confidencialidade.pdf	05/04/20 22 13:38:2 3	Valcineide Santos de Almeida	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_autoriz_dedc.pdf	05/04/20 22 13:33:4 7	Valcineide Santos de Almeida	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa.pdf	05/04/20 22 13:31:2 6	Valcineide Santos de Almeida	Aceito
TCLE / Termos de	tcl.pdf	05/04/20 22	Valcineide Santos	Aceito

Continuação do Parecer: 5.356.754

Assentimento / Justificativa de Ausência	tcl.pdf	13:30:3 8	de Almeida	Aceit o
Declaração de Pesquisadores	termo_compromisso.pdf	05/04/20 22 13:29:4 5	Valcineide Santos de Almeida	Aceit o
Declaração de Instituição e Infraestrutura	aceite_isntitucional_smed.pdf	05/04/20 22 13:24:2 5	Valcineide Santos de Almeida	Aceit o
Declaração de concordância	concordancia_.pdf	05/04/20 22 13:22:2 9	Valcineide Santos de Almeida	Aceit o
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	05/04/20 22 13:12:2 9	Valcineide Santos de Almeida	Aceit o

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 19 de abril de 2022



**Assinado por:  
Aderval Nascimento Brito  
(Coordenador(a))**